

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MATHEUS VIEIRA AREB

**A CIDADE E AS ÁGUAS ENQUANTO DIMENSÃO SIMBÓLICA ENTRE
OS HABITANTES DO IGARAPÉ DE EDUCANDOS – MANAUS/AM**

Manaus/AM

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MATHEUS VIEIRA AREB

**A CIDADE E AS ÁGUAS ENQUANTO DIMENSÃO SIMBÓLICA ENTRE
OS HABITANTES DO IGARAPÉ DE EDUCANDOS – MANAUS/AM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino

Manaus/AM

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A678c Areb, Matheus Vieira
A cidade e as águas enquanto dimensão simbólica entre os
habitantes do igarapé de Educandos – Manaus/AM / Matheus
Vieira Areb . 2022
147 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Márcia Regina Calderipe Farias Rufino
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Cheia. 2. Palafita. 3. Educandos. 4. Igarapé. 5. Antropologia
urbana. I. Rufino, Márcia Regina Calderipe Farias. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

A todos aqueles que lutaram pela e acreditam na ciência para um mundo melhor

AGRADECIMENTOS

A proximidade cria laços. Gostamos de estar perto de quem amamos. De perto se ensina, conversa, comemora, chora, aprende e abraça. A partir de 2020 tivemos que ressignificar a proximidade em prol do distanciamento pelo nosso bem. Mesmo de longe, estive cercado de cuidado e afeto.

Agradeço à minha querida orientadora Prof. Dra. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino, ao qual admiro muito e me cercou de cuidado, gentileza, ternura e paciência mesmo nas muitas milhas de distância. Aceitou o desafio do ritmo final de conclusão da dissertação com muito zelo. Seu trabalho e reflexões me inspiram para a construção de muitos outros trabalhos sobre a cidade, sua gente e seus rios com sua parceria que espero que seja por muitos anos. Aprendi com ela que a vida tem que ser leve e prazerosa.

A primeira antropóloga que conheci e me inspirou para a antropologia Prof. Dra. Lucia Marina Puga Ferreira e a Professora Dra. Raquel Wiggers pelas suas muitas boas contribuições na qualificação e defesa desta dissertação.

As professoras e professores do PPGAS/UFAM pelas disciplinas ministradas e por nos inspirar em tempos tão duros e difíceis.

Aos gentis e fortes moradores do bairro do Educandos por me receberem e me mostrarem seu mundo.

As minhas professoras e pessoas amigas da vida, Prof^a. Ana Paulina Soares, Prof^a. Susane Patrícia, Sayane Nery, Matheus Silveira, Felipe Paiva e Adjane Aires com quem sempre tenho companheirismo e os melhores momentos.

Ao trabalho dos profissionais da saúde pelo seu esforço em tempos difíceis, principalmente ao importante trabalho das pessoas psicólogas.

A minha família, base do meu cuidado.

A Deus pela fé, resistência e amor.

Mas aos treze anos, sentado, encostado na parede, era um lugar maravilhoso para estar. O cheiro delicioso da gasolina, os carros chegando e saindo, a frescura do ar comprimido, o murmúrio abafado das vozes vindas ao fundo – estas coisas pairavam como musicalmente ao ar, enchendo-me com uma sensação de bem estar.

- Yi-Fu Tuan

RESUMO

Essa dissertação apresenta a dinâmica da vida a partir de quem mora ao longo das margens do Igarapé do Educandos em Manaus. Foco naqueles que tem suas janelas viradas para o rio: moradores das casas de palafitas que apresentam uma vida marcada pela presença das águas, principalmente na época da cheia. Reflito sobre como a cidade construiu diferentes maneiras de se relacionar com as águas, pois ao mesmo tempo em que a degradam e a poluem, constroem seu cotidiano ligado ao rio. Esses moradores criam formas classificatórias ao lidar com as águas e, nesse encontro, elas são percebidas como violentas, perigosas, de risco, sujas, causadoras da desordem, lugar do trabalho e passagem ou objeto de um cenário. As formas classificatórias dadas às águas revelam uma relação com o igarapé tanto conflituosa quanto como objeto de contemplação e proximidade. As sociabilidades presentes entre os moradores me levaram a refletir que categorias como becos e marombas são espaços do desenvolvimento de uma proximidade e referenciais para entender áreas úmidas. A rua-beco-casa-maromba constitui uma rede de trânsito, proximidade e vizinhança que se dá pelo reconhecimento de uma mesma experiência: a cheia. Nesse jogo de percepções aponto que a ideia de interstícios é importante para entender os espaços de conexão entre cidade-rio tanto nas especificidades de uma cidade entrecortada por águas como Manaus, assim como outras cidades margeadas por rios.

Palavras-chave: Cheia; Palafita; Educandos; Igarapé; Antropologia Urbana.

ABSTRACT

This dissertation presents the life dynamics from those who live along the banks of a water stream, called Igarapé do Educandos, in Manaus. Focused on those whose windows face the river: residents of stilt houses, people whose lives are marked by the waters, especially during the flood season. I made a reflection about how the city built ways to relate with the waters: as much as the people pollute and degrade the water, their daily lives revolve around the river. These residents create classifying ways when dealing with the waters, being able to perceive them as violent, dangerous, risky, dirty, causing disorder and, at the same time, place of work and passage or object of a scenario. These classifying ways given to the water reveal a relationship conflictual and as well an object of contemplation and closeness. The sociability present among the residents led me to reflect that categories such as alleys and wooden plank bridges, called marombas, are spaces for the development of proximity and references to understand wetlands. Street-alley-house-maromba constitutes a network of transit, proximity and neighborhood that takes place through the recognition of the same experience: the flood. In this game of perceptions, I point out that the idea of interstices is important to understand the spaces of connection between city-river, both in the specificities of a city intersected by waters like Manaus, as well as other cities bordered by rivers.

Key-words: Flood season; Palafita; Educandos; Igarapé; Urban Anthropology.

LISTA DE SIGLAS

APP	Área de Preservação Ambiental
COHAB/AM	Companhia de Habitação do Amazonas
COVID	Corona Virus Disease,
DACON-MN	Comissão de Aeroportos da Região Amazônica em Manaus
EST/AM	Escola Superior de Tecnologia
GPS	Global Positioning System
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIM	Polo Industrial de Manaus
PPGAS	Programa de Pós-graduação em Antropologia Social
PROSAMIM	Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus
SEPLAN	Secretaria de Planejamento
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Antiga margem do centro de Manaus com a “cidade flutuante”.	21
Figura 2: Banhistas no antigo balneário do Parque 10 em Manaus em 1960.	23
Figura 3: banhistas na cachoeira do Tarumã em 1968.	23
Figura 4: Mapa de localização cidade de Manaus.	29
Figura 5: Bacia hidrográfica do Educandos com afluentes nos bairros do distrito industrial I e II.	31
Figura 6: Igarapé assoreado após obras de construtora imobiliária no bairro Tarumã.	36
Figura 7: Ponta Negra é um complexo de lazer, turismo e condomínios as margens do Rio Negro.	36
Figura 8: Orla de são Raimundo após obra de recuperação ambiental, urbanística e habitacional.	37
Figura 9: Porto de Manaus (Roadway) localizado na margem oeste do centro de Manaus.	38
Figura 10: Manaus Moderna parte leste do centro; espaço de feiras, comércios e atracadouro de barcos.	39
Figura 11: Palafitas no bairro do Educandos.	40
Figura 12: Porto da Ceasa em Manaus.	40
Figura 13: Cemitério Nossa Senhora da conceição das lajes.	41
Figura 14: Tartarugas tentam sobreviver em meio a lixo no igarapé do Mindu.	42
Figura 15: Localização do bairro Educandos em Manaus-AM	44
Figura 16: Flutuantes e barcos encontrados ao longo do igarapé do Educandos	45
Figura 17: Localização da área de estudo.	46
Figura 18: Av. Leopoldo Peres no bairro do Educandos em Manaus-AM.	48
Figura 19: Orla do Amarelinho no bairro Educandos em Manaus-AM:	48
Figura 20: Caracterização socioespacial do bairro Educandos em Manaus.	50
Figura 21: Régua de medidas no nível do rio Negro no porto de Manaus.	59
Figura 22: Terminal da Matriz inundado com transeuntes passando pelas marombas	59
Figura 23: Ruas interditadas no terminal da Matriz com marombas	60
Figura 24: Marombas construídas a longo da Rua Barão de São Domingos (Centro/Manaus).	61
Figura 25: Transeuntes na venda de peixe na rampa de acesso a balsa laranja no porto de Manaus.	62
Figura 26: bairro do Educandos visto do Centro de Manaus.	63
Figura 27: Porto da Ceasa visto do rio Negro.	65
Figura 28: Diferentes significados da água do porto da Ceasa até Educandos.	68
Figura 29: Vendedores de peixes atendem os clientes de frente para a rampa do porto.	72
Figura 30: Ponto dos catraieiros entre o Igarapé do Educandos e a Rua Manuel Urbano.	73
Figura 31: Entrada do beco Corinthians na rua Delcídio do Amaral.	92
Figura 32: Croqui do espaço do beco Corinthians.	93
Figura 33: Início do beco Corinthians.	94
Figura 34: Vista do beco Corinthians que dá para as águas do igarapé do Educandos.	95
Figura 35: Início da única maromba do beco Corinthians.	96
Figura 36: Lixo se acumula por debaixo da maromba entre as casas.	97
Figura 37: Resíduos sólidos são variados encontrados nas águas.	97
Figura 38: Frente do beco Ajuricaba na rua Inocêncio de Araújo.	99
Figura 39: Entrada do Beco Ajuricaba.	100

Figura 40: Casas ao longo do beco e demais casas na encosta do bairro ao fundo.....	100
Figura 41: Croqui das palafitas na área do beco Ajuricaba.....	102
Figura 42: Marombas construídas pela prefeitura na área do beco Corinthians.	104
Figura 43: marombas dentro da casa de morador e objetos suspensos da água.	105
Figura 44: vista da janela de dona Ana para a casa inclinada do vizinho com lixo abaixo.	114
Figura 45: Vista da Antiga cozinha de morador destruída pelos banzeiros.	121
Figura 46: barcos atracados junto as casas dos moradores nas palafitas.	123
Figura 47: Peixes no banheiro inundado de moradora em bairro de Manaus.	125
Figura 48: Vista da ponte do Educandos na época da vazante, igarapé passa abaixo das casas.	128
Figura 49: Palafita colocada a baixo para reconstrução.	128
Figura 50: Lodo aparecendo no centro de Manaus logo que as águas baixaram.	129
Figura 51: A direita, porção de terra serve de passagem rio-rua	131
Figura 52: Varandas e janelas das casas viradas para o rio.....	131
Figura 53: Muro da Manaus moderna no centro com escadas de acesso ao rio.....	132

LISTA DE QUADROS

Tabela 1: Relação dos interlocutores da pesquisa	78
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO CIDADINO: DE MANAUS A EDUCANDOS	19
1.1 Manaus: história da cidade e dos rios.....	19
1.2 Cidade d'água: águas urbanas de Manaus.....	28
1.3 Igarapé do Educandos	31
1.4 Na Manaus presente: relação rios-cidade.....	34
1.5 Educandos	43
1.6 O viver nas águas	51
CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E O CAMPO ETNOGRÁFICO ENTRE A CIDADE, A CASA E O RIO	53
2.1 A entrada em campo: da teoria a prática	53
2.2 A construção do campo	56
2.3 O desafio do contato.....	70
2.4 Metodologia da pesquisa: uma nova entrada em campo	79
2.5 O Campo como adaptação e experiência	80
CAPÍTULO 3 – PALAFITAS E ÁGUAS: SOCIABILIDADES, PERCEPÇÕES E SIGNIFICADOS DAS ÁGUAS DO IGARAPÉ DO EDUCANDOS	86
3.1 Da teoria das águas á comunidade das águas	86
3.2 Da passagem a lugar da vida: Beco Corinthians	91
3.3 Da passagem a lugar da vida: Beco Ajuricaba	99
3.4 Espaços de interstícios: marombas.....	103
3.5 Vizinhança entre as palafitas.....	107
3.5.1 Vizinhança no Beco Corinthians.....	111
3.5.2 Vizinhança no Beco Ajuricaba.....	113
3.6 Significados múltiplos das águas: cheia.....	117
3.7 Significados múltiplos das águas: vazante	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	147
ANEXO 1 – Roteiro de entrevista.....	147

INTRODUÇÃO

Numa das primeiras estadas em Balbina, em conversa com uma família de pescadores que morava no rio Uatumã e migrou para a vila, foi possível observar a relação que essas pessoas têm com a natureza. A família estava reduzida a três pessoas, pois os outros filhos migraram. O pai, um senhor de aproximadamente 50 anos, sua esposa aparentando a mesma idade, e um menino de mais ou menos 13 anos. Durante toda a conversa o casal, especialmente a senhora, mostrava-se preocupado com a ausência do filho. Já ao anoitecer o menino chegou. Indagado sobre onde esteve, respondeu: “estava no lago olhando o pôr-do-sol e lembrando do nosso rio”. Os três rostos se encheram de brilho, mas logo se turvaram pelas lembranças do rio que já não é mais deles. Seus semblantes se fecharam e nada falaram, nem era preciso, pois o silêncio, a se imbricar com a mudez do anoitecer na selva, continha os sentimentos e marca da tragédia (OLIVEIRA, 2000, p. 116).

Quanto o rio está presente? Para o menino que vivia a beira do rio Uatumã, ele foi feito ausente, tornou-se em dimensão catastrófica por uma lógica ordenada de domesticação das águas; o controle do rio. Tentando extrair do curso d'água energia através de uma hidrelétrica¹ deixaram o menino sem forças, confuso e triste sem seu rio. Essa narrativa nos fala sobre a importância da água e sua dimensão simbólica para as populações da região amazônica, em especial nas vilas e cidades que foram construídas tendo as margens dos rios como áreas propícias para o trânsito, o transporte de alimentos e o próprio acesso a uma fonte de água. Trata-se de pensar as relações entre as pessoas e as águas com o olhar a partir do menino do antigo rio Uatumã, sobre experiência, imaginação e simbolismo.

Essa pesquisa não se localizou em uma vila, como na história acima, é sobre uma cidade, Manaus, capital do estado do Amazonas, banhada pelo Rio Negro de águas escuras que explicam seu nome. A relação com o rio adquire outras ordens e dimensões, possíveis de serem observadas através do ponto de encontro da cidade e seu rio: a margem/beira. As atividades aos poucos mostram que o fim e o meio destas teias de

¹ Com o fim do uso de energia termoelétrica pelo encarecimento do Petróleo, em 1985 se iniciou a construção da usina hidrelétrica de Balbina para suprir a energia para Manaus. A hidrelétrica foi construída no Rio Uatumã. A construção foi caracterizada como uma tragédia pelo alto impacto ambiental: alto custo na produção de energia, em um rio com pouca água, produzindo pouca energia. A tragédia ecológica foi na ordem da destruição de fauna e flora da área alagada mais do que a esperada pelo relevo não ser próprio para condicionar uma barragem. A tragédia social observada quando os habitantes que viviam ao longo do rio Uatumã, com o represamento das águas e sucessiva inundação a montante do rio, tiveram que deixar suas casas tomadas pelas águas, além de que as águas se tornaram ácidas com a decomposição de matéria orgânica, impossibilitando a pesca (CEPA, 1999).

relações, perpassam por cima dos rios. A maioria das atividades está lá em função dele - os pescadores, os vendedores de passagens, os passageiros, os donos de barco, os carregadores que transportam as mercadorias para os barcos que chegam e transeuntes, turistas, moradores e navegantes. O rio vai tomando um papel central e ganhando imagens e significados: “caminho perigoso, violento, fonte de vida” que aparece em sua função ao se encontrar com a cidade, possíveis de serem percebidos através de um olhar e ouvir etnográficos (OLIVEIRA,1996).

Bem antes de ter um olhar treinado pela teoria, o campo das águas sempre esteve presente para mim. Refiro-me ao campo das águas no sentido de qualquer local onde a água possa ter dimensões simbólicas e culturais. A água, para além de elemento constituinte da vida humana, é parte de experiências íntimas e coletivas: um banho depois de um dia cansativo ou de calor, a contemplação da chuva ou banho nela, a primeira viagem de canoa e de barco no rio ou lago, a primeira vez ao ver o mar, uma tarde ou noite na praia, um fim de semana em algum igarapé na estrada. Essa intimidade com o mundo aquático vai sendo construída a partir de nossas experiências pessoais ao longo da vida, de modo que nossa relação com a água atravessa a materialidade do contato e se tornam lembranças, associações que permeiam o imaginário.

As impressões para com as águas podem ser expressas a partir dos diferentes símbolos e relatos. Lendas, mitos, rituais, filmes, cantos, pinturas, adornos e esculturas fazem parte de uma relação cultural, produto da experiência humana. Entre os autores que abordam o tom simbólico e íntimo das águas, está Bachelard (1998, pp. 8-9) que escreve: “A mais bela das moradas estaria para mim na concavidade de um pequeno vale, às margens da água corrente, à sombra dos salgueiros e dos vimeiros”.

O autor compreende o símbolo a partir da experiência que transcende a estrutura material por meio da imaginação. Costa (2018) faz uma reflexão teórica sobre o conceito de símbolo para Bachelard, criando o termo “desvio material”, a atitude de produção do símbolo, quando a imagem refletida não fica presa ao cartesianismo do reflexo da matéria, havendo um contexto de experiência que torna o objeto mais do que objeto, torna-o significativo. A produção simbólica, portanto, é a “materialidade que, ao mesmo tempo, diz *outra coisa*” fruto de uma “vivência simbólica”.

Neste sentido, a produção teórica acerca do simbolismo da água para Bachelard (1998) ganha expressões que ligam a matéria à percepção-experiência: águas claras, águas dormentes, água pesada, água feminina, água violenta e outros. Do mesmo modo, a dimensão simbólica também se encontra nas experiências dos moradores das palafitas

do Educandos. Em contato com as águas, morando ao longo do canal fluvial, vivem diferentes experiências que os levam a entender a água para além da sua materialidade, como símbolo: água perigo, água-risco, água-suja, água-violenta e água-desordem. Os simbolismos das águas do igarapé do Educandos dizem respeito, por um lado, a uma relação marcada pela desordem que as águas causam, invadindo casas ou trazendo perigo. Paradoxalmente, as águas constituem o cenário e paisagem apreciada pelos moradores, como também são o próprio meio da vida enquanto categoria de água-caminho e água-trabalho, para aqueles que tem seus barcos.

Neste sentindo é que busquei compreender as dimensões simbólicas de um espaço aquático a partir de uma cidade de muitas águas: Manaus, especialmente para os moradores do bairro do Educandos que residem nos espaços úmidos, em casas de palafitas, enquanto um grupo singular que constantemente (re)faz suas estratégias para habitar. De maneira geral, parti de algumas problemáticas: Como acontece a relação da cidade com suas águas? Qual a especificidade das águas urbanas de Manaus? Como se dá a habitação e a relação com as águas a partir de quem vive em palafitas morando sobre as águas? Como percebem essas águas?

No contexto de cidades banhadas ou entrecortadas por muitas águas, se desenvolvem inúmeras estratégias para a ocupação humana. Em Manaus, elas se dão ao longo dos canais fluviais urbanos, os chamados igarapés. No contexto da região amazônica, os pequenos cursos de água, mais estreitos, afluentes de um rio principal, são chamados de “igarapés”, assim, “o termo igarapé significa braços estreitos de rios” (FROTA, 2013, p. 5).

Para quem não tem acesso a casas em terra firme, a construção junto aos rios, em palafitas, é uma das possibilidades para habitar. Palafitas são construções de madeira, sobre os rios, elevadas por estacas de pau, sendo comuns ao meio amazônico. A vida de quem habita em casas desse tipo é uma experiência diferente de quem habita na rua, de quem tem à beira das portas, a calçada e o meio fio, enquanto os habitantes das palafitas têm as marombas e, abaixo, o rio. Três características podem ser traçadas para uma contextualização desses espaços: (1) são casas construídas com uma técnica própria para um meio híbrido, (2) estão em terrenos considerados de risco pela declividade do relevo e (3) estão entre dois domínios: da água e da terra. A vida nesse espaço apresenta uma lógica permeada pela influência e impacto das águas no cotidiano. Minha preocupação estava em alcançar essa dimensão sensível, para isso tracei os objetivos da pesquisa.

O objetivo geral desse trabalho foi compreender as relações estabelecidas com as águas do igarapé do bairro Educandos a partir de quem vive nas palafitas. Especificamente, (1) investigar as diferentes formas de classificação das águas através das narrativas que dão um caráter simbólico a este; (2) identificar as principais relações estabelecidas com o rio; (3) descrever as situações de contato e sociabilidades presentes na vida em palafita.

Um estudo que se volta para a relação cidade-rio é de grande importância para o entendimento da dinâmica e da vida nas cidades amazônicas. Ao longo dos espaços de palafitas, elementos como os becos, marombas, vizinhança e as águas se tornam estes, categorias significativas para compreender o modo de vida de um determinado grupo social na cidade de Manaus, além de contribuições para pensar as diversas formas de se habitar em áreas úmidas na cidade. Essas questões me levaram a uma discussão mais ampla sobre o contato cidade-água, romper com as dicotomias rio-cidade e natureza-cultura e oferecer “uma melhor caracterização do espaço amazônico, das interações e intersecções entre cidades, rios, florestas e aldeias” (TAMBUCCI, 2014, p. 17). Neste sentido é importante refletir que não há a natureza isolada fora e a cultura apenas na mente das pessoas, há uma relação mútua, “Não há um ser vivo autolimitado que habita um ambiente externo a ele” (TAMBUCCI, 2014, p. 71).

A escolha das palafitas como local de pesquisa se deu a partir da ideia de aprofundar as discussões dentro da antropologia urbana no contexto amazônico sobre essa maneira plural em lidar com um elemento tão essencial para a vida humana: as águas. Para entender essa complexidade foi necessário fazer uso de algumas abordagens que me introduzem na compreensão de um estudo antropológico cidade-água.

Aquilo que conhecemos por rio ou canais fluviais é parte de um sistema maior, as bacias hidrográficas, responsáveis pela formação dos rios. Segundo Devos e Rocha (2010a, p. 3), a bacia hidrográfica é não apenas uma confluência de águas, mas também uma confluência de territórios e territorialidades sobrepostas na cidade, já que diversas questões e problemáticas emergem desses espaços, podendo ser pensada como espaço social e como um todo.

A bacia hidrográfica do Educandos, que nasce na zona leste, tem seus afluentes marcados por intenso processo de degradação das águas, seja por despejo de residências, comércio e serviços, seja pelos dejetos das fábricas, sendo que os moradores das palafitas que habitam na foz recebem esses despejos. As bacias, portanto, representam a confluência não apenas de águas, mas de conflitos. A ideia da totalidade

da bacia ajuda a pensar esse espaço como comum, das nascentes a foz, enquanto lugar da habitação e da vida de inúmeros sujeitos que tem contato estreito com suas águas na cidade.

Neste sentido, a bacia hidrografia é um espaço social, pois há um trânsito de grupos sociais, como observam os autores. Os cidadãos não apenas se relacionam com as águas que cortam a cidade, mas também com os espaços ao longo dos rios, riachos e dos canais fluviais que cortam a cidade e formam territorialidades. Não são apenas caminhos das águas, mas de pessoas e lugar da memória e do cotidiano de quem passa pelos rios ou mora neles: “A própria imagem da bacia é reveladora dessa territorialidade expressa na confluência de lugares relacionados pelas águas” (DEVOS e ROCHA, 2010a, p. 10).

Esses espaços, quando vividos e praticados tornam-se lugares. A categoria do lugar é importante para entender os espaços das palafitas como casas, ou seja, lugares da vida e da familiaridade, assim como seu entorno. Para pensar a categoria lugar uso a perspectiva de Michel Agier (2011) que aponta que o sentido de pertença e familiaridade ultrapassa até mesmo o espaço da casa e “atinge diferentes partes da cidade (redes de casas, ruas, pátios)” (AGIER, 2011, pp. 104-105). Neste sentido, para os moradores das palafitas, as relações que se estabelecem entre casa-rua criam não apenas espaços antagônicos, mas interstícios simbólicos caracterizados como lugares.

Quando no deslocamento pelo bairro, meu acesso às palafitas deu-se pelos becos que são espaços estreitos de passagem por entre os prédios da rua que levam às áreas de palafitas. Caracterizam-se também como uma extensão da casa, pois as pessoas sentam em sua área colocando cadeiras, as crianças brincam, os jovens se reúnem, é de onde se olha para dentro das casas. Nos becos estão as marombas, tábuas de madeira transformadas em pontes para caminhar sobre as águas. Esses espaços são de uso coletivo e são o cenário das relações de proximidade que se formam entre os vizinhos, os conhecidos e os amigos, neles as pessoas transitam, conversam, sendo o próprio lugar praticado que o torna, de fato, um lugar familiar.

Esses territórios tornam-se conhecidos e familiarizados a partir de suas experiências e conhecimento da cidade. Os cidadãos desenvolvem relações com outros grupos e espaços. Essa relação de conhecimento se dá justamente pelo movimento, ao qual Eckert e Rocha (2005) classificam como a prática dos itinerários urbanos que é a construção de referências simbólicas a partir de lugares praticados que, pela repetição do movimento e seu uso, tornam-se ambientes significativos para os sujeitos. Assim,

apesar de se pensar que as situações de passagem e trânsito pela cidade se constituem em trajetos rápidos e sem vínculos, existem aproximações e rejeições, bem como experiências no trânsito pela cidade (ROCHA e ECKERT, 2010, p. 122).

Esses aspectos podem ser vistos não apenas pelos becos no Educandos, mas também pelo bairro. O bairro torna-se um espaço de trajetos, importante para os moradores que criam um espaço social de múltiplos usos: avenidas de comércio, ruas residenciais, orlas, pontes, igrejas e feiras. Estas são categorias importantes para entender o bairro do Educandos enquanto um bairro referenciado pelos habitantes como “tem tudo, é perto de tudo”. Para aqueles que moram nas palafitas, sua condição de “risco” é amenizada, já que não podem comprar uma casa em outro local no bairro e criam laços afetivos e apego à área da cidade em que habitam.

Na presente pesquisa, os habitantes que moram em áreas de confluências das águas e habitam em casas do tipo palafitas, criam entre si relações de vizinhança. Park (1967, p. 29) define a vizinhança como “uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua”. Para o autor, a vizinhança surge a partir da “proximidade e contato entre vizinhos” e são relações bases da organização na vida cidadina. Ao longo das palafitas, a proximidade entre as casas revela a condição de necessidade de muitos conseguirem habitar na cidade. Essa proximidade gera a construção de um sentimento de comunidade: comuns ao enfrentarem as mesmas situações. Para além, proximidades geram vizinhança, reconhecimentos, conversas, acenos. A vizinhança é, então, uma forma social de estabelecimento de contato com o outro pela proximidade, a qual estabelece entre si um sentido de coletividade, pois apresentam um “mínimo de valores (ou “capital cultural”) compartilhados” (FRÚGOLI, 2007, p. 13). Assim, a noção de vizinhança aparece nesse “entendimento instintivo de que o homem que estabelece seu lar a seu lado começa a fazer jus ao seu senso de camaradagem” (PARK, 1967, p. 30).

Nessas relações de vizinhança nasce a sociabilidade que, para Frúgoli (2007), se constitui em formas de interações e influências entre indivíduos que ganham diferentes contornos na prática. Frúgoli (2007, p. 9) define a sociabilidade como: “a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornam-se parte de tal rede” (FRÚGOLI, 2007, p. 9).

As formas de estabelecimento de sociabilidades são múltiplas, dependendo e variando conforme cada grupo social. De todo modo, existem algumas modalidades básicas de sociabilidades como a conversação, os vínculos que se formam a partir das relações de troca de palavras, o que gera proximidade. A amabilidade é um modo de

conservar as relações através de algumas regras de etiqueta, existem várias formas de demonstrar amabilidade e só podem ser identificadas conforme o contexto do grupo. (FRÚGOLI, 2007, p. 10). As duas formas são vistas ao longo dos dois becos na área de estudo. Ao longo do beco Corinthians proximidades se acentuam entre os moradores de palafitas que compartilham a mesma maromba. No beco Ajuricaba, há relações de reconhecimento por quem passa pelo beco e faz uma pausa para conversas rápidas.

No caso desta pesquisa estas relações são observadas a partir do ponto de encontro da cidade e suas águas. Os moradores que habitam ao longo dos espaços aquáticos na cidade têm experiências entre si e entre as águas, formando uma comunidade das águas. Neste sentido, “a água anima as histórias narradas para além de serem seus cenários” (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019, p. 6), nas falas e narrativas, nos discursos da vida, a água salta nos relatos como parte de experiências individuais e coletivas como na época da cheia, quando a água é o objeto central das situações conflitivas para os moradores das palafitas. As narrativas e formas de vida revelam a cidade que se expande para além das demarcações físicas, de forma que o bairro de Educandos se expande também nas águas pela feira da Panair, orla do Amarelinho, barcos e flutuantes na frente do bairro e as próprias casas das palafitas que tem suas janelas, varandas e barcos para os rios. Não apenas no material e nas falas, mas nos sentidos, “são os afetos, conflitos, a série de dramas sociais vividos no lugar que o delineiam, para além de toda a infraestrutura que a cidade proporciona” (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019, p. 18).

Para conseguir compreender essa dinâmica e as experiências em termos de metodologia, a prática da etnografia de rua (ROCHA e ECKERT, 2003) é uma técnica etnográfica de estar em meio às experiências na cidade, através de uma caminhada pelos cenários citadinos, observando, conversando com os personagens e descrevendo lugares, situações e trajetos, conhecendo a cidade. É tentar compreender o ritmo urbano estando nele, assim o exercício da etnografia de rua visa “capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana” (ROCHA e ECKERT, 2003, p. 4).

A prática antropológica pressupõe o contato, é o que na cidade Rocha e Eckert (2003, p. 9) chamam de “contexto de interação”. É na aproximação com os interlocutores da pesquisa que conhecemos não apenas eles, mas o fluxo do seu cotidiano. É nos relatos da vida, nas suas narrativas que “procedemos à interpretação das formas de viver sociabilidades e interações nos ritmos da vida cotidiana” (ROCHA

e ECKERT, 2010, p. 126). Assim, minha postura foi de descer aos espaços das palafitas e acompanhar o ritmo da vida, embora no contexto de pandemia da COVID-19, o contato tenha sido ressignificado, pois mais ouvi e observei do que falei.

Nesse contexto de interação, o diálogo é importante para a compreensão de mundos e para dar sentido as relações, já que, em termos gerais, significa aproximação. Para além das trocas verbais que constituem o diálogo, o antropólogo pratica um “diálogo antropológico” que é baseado na integração e não na diferenciação, pois para além de criar um mundo de conhecimento e sentido, o diálogo aproxima, cria uma amizade (CRAPANZANO, 1991, pp. 60-61). Neste sentido, é que percebi a importância de escutar aqueles que experimentam a desigualdade e vivem em espaços de áreas úmidas. Para além das dificuldades, eles constroem sentidos em seu mundo: os vizinhos, o bairro, o rio, os conhecidos fazem parte da estrutura do seu lugar familiar, são categorias recorrentes no diálogo.

Na prática antropológica, muitos são os percursos, desafios e compreensões. O estar em campo não apenas é a produção de um conhecimento social, mas também uma produção de si, pois ao fazer campo, o antropólogo também se faz. O campo “permite ao etnógrafo não apenas reconhecer e interpretar o “nativo”, mas igualmente interpretar a si-mesmo no contexto do diálogo com o Outro” (ROCHA e ECKERT, 2003).

Essas autoras falam na experiência etnográfica (ROCHA e ECKERT, 2010, p. 127) como importante para compreender o trabalho antropológico nas situações diversas e a própria prática do antropólogo. Entendem experiência não apenas como um fato ocorrido, mas enquanto uma dimensão subjetiva reflexiva quando no contato com o outro e para o antropólogo, pois “suas reflexões, oriundas da análise de suas próprias experiências vividas em campo, traduzem assertivas relativas à problemática do si” (ROCHA E ECKERT, 1998, p. 1). Assim, a experiência é pensada no trabalho não apenas como um meio teórico-metodológico para pensar as relações classificatórias com as águas, mas também como produção de um conhecimento que é feito a partir da reflexão. Minha experiência ao longo das palafitas no Educandos foi marcada por transpor a superficialidade do estigma das áreas perigosas e entender o bairro, a rua, os becos, as marombas e palafitas como lugares de intenso e complexos movimentos que criam laços da casa a rua e ao bairro, como cidadãos legítimos da cidade. O ouvir e o estar “perto e dentro” é o que permite atravessar a superficialidade e compreender o mundo cultural de grupos urbanos. A experiência difere, então, de um evento repentino, é um evento refletido, pensado e dialogado em sua problemática objetiva e subjetiva.

A pesquisa e o texto

A dissertação está dividida em três capítulos considerando primeiro uma reflexão que contextualiza e apresenta a cidade local do estudo. Segundo, reflete sobre a construção da pesquisa antropológica e seu contexto e, por último, discute seus resultados e as reflexões, fechando com uma conclusão da discussão.

Detalhadamente, o capítulo um “Contexto citadino: de Manaus a Educandos”, traz uma discussão sobre a cidade de Manaus e o bairro do Educandos com foco nas relações de moradia e condições de vida em áreas úmidas a partir do contexto histórico e social de Manaus e as relações da cidade com as águas urbanas.

O capítulo dois, intitulado “O campo etnográfico entre a cidade, a casa e o rio: a construção da pesquisa e do trabalho de campo” é uma discussão teórica e empírica sobre a construção dessa pesquisa a partir do ponto de vista antropológico. Os imponderáveis, desafios, negociações e a construção do campo.

O capítulo três “Casa e água: percepções e significados das águas do igarapé do Educandos” traz uma discussão com os dados empíricos obtidos a partir dos interlocutores e das observações feitas. É dado um enfoque às análises das relações das pessoas com as águas do igarapé do Educandos e suas estratégias para habitá-lo, bem como, as relações entre as famílias.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO CIDADINO: DE MANAUS A EDUCANDOS

1.1 Manaus: história da cidade e dos rios

A história das cidades do mundo está ligada aos cursos d'água (MUMFORD, 1998, pp. 23-24), o que não é diferente em Manaus, entrecortada por muitos canais fluviais. O que hoje conhecemos como cidade de Manaus foi território dos povos indígenas antes da invasão colonial. Habitavam nas terras os “Manaó”, que emprestaram o seu nome à atual capital do Amazonas, os “Baré”, e os “Tarumã” (FREIRE, 1994, p. 164). A relação que os povos originais tinham com o lugar, habitando nas terras aos longos das margens do rio negro era uma relação existencial:

Os critérios usados para determinar a localização de uma aldeia eram, entre outros: a existência próxima de matéria-prima para a construção das habitações, o tipo de solo para a agricultura, a proximidade de zonas de caça e pesca e de rios e igarapés que permitissem o uso da canoa – instrumento vital de deslocamento desses povos que era feito, prioritariamente por água (FREIRE, 1994, p. 166).

Com a invasão Lusitana, por ser uma cidade as margens, sua ocupação se deu pela ordem estratégica de domínio da região a partir do século XVII. O pequeno núcleo urbano da cidade teve sua fundação a partir de 1669, com a construção do Forte da Barra de São José.

Em um salto que a cidade deu por volta de 1870 até 1913, do esquecimento para a riqueza, tornou-se um centro da economia da extração do Látex, o “pequeno atracadouro”, cais da imperatriz, “com pessoas se banhando, lavando suas roupas na praia próxima, com a chegada de algumas embarcações”, torna-se, a partir de 1903, um porto famoso e movimentado pelo fluxo internacional entre Manaus e cidades inglesas (LEITE, 2018, p. 9).

A relação de Manaus com o rio Negro neste período se deu pela lógica comercial, usando-o como suporte e meio do escoamento e transporte de mercadorias na época gumífera. Adentrando a cidade, os igarapés e o caráter úmido das terras já eram vistos pelos visitantes estrangeiros com estranheza e descontentamento, assim narra Freire (1994, p. 172) sobre os viajantes que passaram por Manaus entre 1850 e 1880, pois suas impressões eram de ruas “cheias de buracos”, “enlameadas e escuras”. A partir do final do século XIX, as indústrias americanas e europeias tiveram o Amazonas como o principal produtor de borracha e toda a economia do Estado voltou-se para atender aos interesses gumíferos (FREIRE, 1994, p. 173), de modo que:

a inserção da Amazônia na nova divisão internacional do trabalho exigiu mudanças significativas em Manaus, para que a cidade pudesse servir com eficiência os seus novos donos, que se encarregam diretamente de promover essas transformações de acordo com seus interesses, que nem sempre coincidiam com os interesses do conjunto da população (FREIRE, 1994, p. 173).

A cidade das calçadas, pontes e ruas sobrepôs à cidade das águas, onde o capital tomou lugar, “Uma febre de construção toma conta da cidade, varrendo tudo aquilo que podia evocar os povos indígenas” (FREIRE, 1994, p. 173). Assim, a lógica do crescimento da cidade foi de uma negação da natureza em vários níveis, as novas construções, os palácios, casarões, praças, jardins eram todos inspirados nos ares europeus que em nada tinham a ver com os rios e a floresta que cercavam a cidade. Com os planos de expansão da cidade, por volta de 1910, Eduardo Ribeiro e demais governadores posteriores impuseram um intenso urbanismo na cidade construindo avenidas, praças e fontes (FREIRE, 1994, p. 174):

se não removeu montanhas, arrasou morros, aterrando com eles diversos igarapés como o do Espírito Santo e do Aterro, transformando nas duas principais avenidas da cidade até os dias de hoje. No caso dos igarapés maiores, foram construídas pontes de pedras e ferro para permitir que a cidade se espalhasse além deles. A cidade deu as costas ao rio e expandiu-se em direção ao norte e a leste (FREIRE, 1994, p. 174).

Em Manaus, a partir da segunda metade do século XIX, a imagem de uma cidade higiênica era almejada, os igarapés eram vistos como um entrave úmido, de modo que “contribuía para a estagnação de águas que, misturadas ao acúmulo de lixo produzido pela população gerava uma aparência desleixada” (MESQUITA, 2009, p. 95 apud CALDERIPE, 2017, p. 216):

O incômodo provocado pelos igarapés era sentido também por causa da vegetação em suas margens, que os tornavam sombrios, fator que, segundo os higienistas da época, poderia desencadear inúmeras doenças. Diante disso, a ordem era limpar, higienizar, aterrar. Foi dessa forma, em nome da higiene e do embelezamento, que igarapés se transformaram em extensas e largas avenidas (MESQUITA, 2009, p. 95 apud CALDERIPE, 2017, p. 216).

Nesse período, já havia na cidade, um típico modo de viver ao longo dos leitos, ou sobre eles, caracterizando-se como um processo histórico da cidade de Manaus e da produção social desigual da cidade, como afirma Freire (1994, p. 174) “o traçado urbano de Manaus, na realidade, foi se ordenando em função de privilégios de fortuna de uma minoria”. O *boom* da borracha trouxe para Manaus nordestinos, proporcionando um salto demográfico na cidade. Como o “progresso” significou avanço para poucos, a

maioria vivia uma baixa qualidade de vida, principalmente no que se refere à questão da habitação, como os relatos sobre 1919 evidenciam:

Mais de 60% das casas eram de taipa nua, cobertas de zinco ou de palha, pequenas, de chão batido e socado, sujas. Igual porcentagem estava localizada perto de charcos, igarapés, rios e alagadiços, sem qualquer urbanização, sem esgoto, sendo invadida periodicamente pelas águas (FREIRE, 1994, p. 175).

Mais tarde, com a crise da borracha, a questão habitacional se tornou um problema, “com a proliferação de estâncias e de moradias precárias na área central da cidade, especialmente seguindo o curso dos igarapés” (OLIVEIRA, 2003, p. 78). Além das casas que iam sendo construídas ao longo dos canais fluviais em Manaus, em meados da década de 50, a opção para alguns foi se estabelecer na frente da cidade. A chamada “cidade flutuante” (Figura 1) surgiu a partir da “crise de emprego e na falta de habitação em Manaus, que por seu turno, resultam do êxodo rural decorrente da estagnação do interior do Estado do Amazonas” (OLIVEIRA, 2003, p. 79).

Figura 1: Antiga margem do centro de Manaus com a “cidade flutuante”.



Fonte: G1 Amazonas (Arquivo Particular do Professor Dr. Otoni M. de Mesquita), 2019.

As casas flutuantes que surgiram eram um conjunto de casas de madeiras que se estabeleceram na frente da cidade de Manaus, ao entorno do centro e ia até a foz do igarapé do Educandos. Oliveira (2003, pp. 80-81) faz uma caracterização desses espaços:

As casas da cidade flutuante eram construídas sobre toras de açacu, as paredes de madeira e cobertas de palha, zinco ou alumínio com tamanho médio de 45 m². A cidade flutuante insere-se no tipo de moradia caracterizada como de segregação residencial imposta, que são áreas residências ocupadas pelos segmentos de renda mais baixa que, pelo custo da moradia na cidade, vêm-se privados da escolha de onde e como morar, restando-lhes, no caso de Manaus, a ocupação de áreas desfavoráveis como os igarapés, as periferias distantes e a água (OLIVEIRA, 2003, pp. 80-81).

A “cidade flutuante” foi desfeita em 1965 e alguns moradores foram transferidos para loteamentos que iam surgindo pela cidade e outros apenas receberam pequena ajuda e transporte para outro lugar da cidade (OLIVEIRA, 2003, p. 81). Nessa época, as condições de moradias que iam se espraiando pelas periferias da cidade eram precárias, revelando um processo desordenado da questão da moradia urbana.

Cabe refletir que a relação com os cursos d’água em Manaus, tem sido marcada por diferentes ordens, temporalidades e atitudes. Adentrando a cidade, os canais fluviais por um tempo foram símbolos de espaços de lazer e sociabilidade, de tal modo que fazem até hoje parte do imaginário social manauara (GROBE, 2014, p. 46). Os famosos balneários eram áreas de lazer da cidade das décadas de 1940 a 1970 e serviam para a população como “banhos”. Nogueira (2021, p. 1) define os balneários como:

De modo mais convencional, denomina-se espaços balneários, ou simplesmente balneários, espaços em que seu uso é destinado a função primordial: o lazer, a diversão e tendo como decorrência o ato de tomar banho, afinal, banhar é relativo a banho, sendo o balneário um espaço, uma estação de banho que pode ser no mar, termas, lagos ou rios! Assim, os balneários apresentarão características únicas onde quer que eles existam, pois há, em sua criação, em sua origem e estabelecimento, a marca fundamental de um dado natural: a água. [...] Junto com a água, outros atributos, naturais e sociais proporcionam a sensação do bem-estar para o banho (NOGUEIRA, 2021, p. 1).

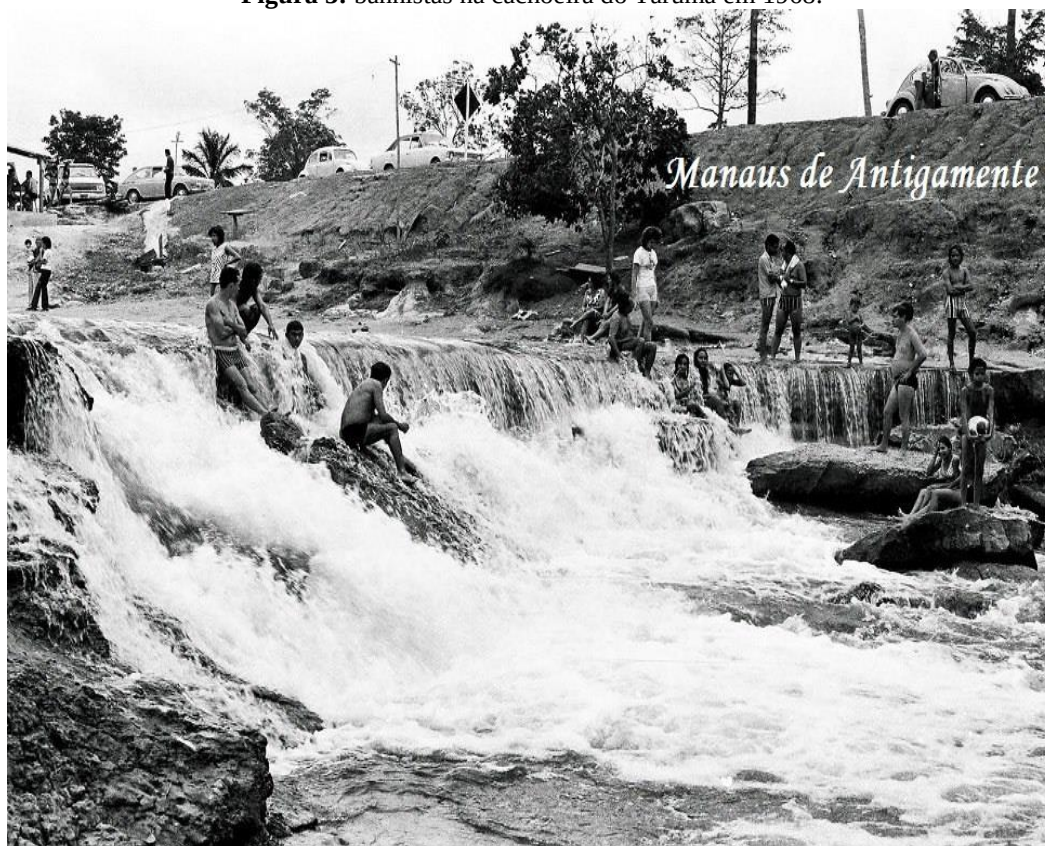
Alguns dos famosos banhos em Manaus eram: o igarapé da Bolívia (antes da barreira que passa pela Av, Torquato Tapajós), Balneário do Parque 10 (Igarapé que passa hoje por debaixo da Av. Darcy Vargas próximo a EST-UEA) (Figura 2), balneário da Cachoeira do Tarumã (Zona Oeste de Manaus) (Figura 3), entre muitos outros pontos da cidade em que os moradores faziam dos pequenos cursos d’água espaço de lazer enquanto espaços mais afastados da cidade em pequenos córregos ou mais perto da cidade os igarapés “privados” que se tornavam nos balneários coletivos.

Figura 2: Banhistas no antigo balneário do Parque 10 em Manaus em 1960.



Foto: Instituto Durango Duarte, 2021.

Figura 3: banhistas na cachoeira do Tarumã em 1968.



Fonte: Manaus de Antigamente, 2021.

O modo de pensar a produção e expansão da cidade reverberou. Após alguns anos, com a criação da Zona Franca de Manaus em 1967, atraindo mão de obra principalmente de gente vinda do interior do estado, “Manaus inchou, espalhando-se em todas as direções e invadindo o espaço da floresta” (FREIRE, 1994, p. 176). O que não foram capturados pela indústria, os sem-terra, ocuparam os espaços ao redor da cidade. O plano de governo militar de 1971-1974 reconhecia a precariedade dos barracos que cercavam Manaus. A companhia de Habitação do Amazonas (COHAB-AM) construiu conjuntos habitacionais sem resolver muito a questão da moradia, sendo que esses “conjuntos praticam uma política de terra arrasada, derrubando as árvores e deixando o terreno nu, desrespeitando ainda todas características da cultura local” (FREIRE, 1994, p. 177). Além disso, segundo Machado, Zaneti e Higuchi (2019, p. 1), há um crescimento desordenado da cidade com ocupações de terras públicas e privadas, essas “ocupações seguiam os cursos dos igarapés, transformando-os e degradando-os”. A água, que era limpa e cristalina, passou a ser poluída de forma avassaladora, no sentido da área central em direção às terras interiores. Áreas que eram consideradas rurais, como o Tarumã, ainda resistiram à urbanização até décadas recentes.

Os principais mananciais ocupados na cidade foram o Igarapé do São Raimundo, Igarapé do Quarenta e do Educandos. O Igarapé do Quarenta faz parte da Bacia hidrográfica do Educandos, sendo que suas águas desembocam no igarapé do Educandos. A ocupação do Igarapé do Quarenta se deu a partir da implantação do polo industrial de Manaus. O igarapé sofreu forte impacto com a ocupação de suas margens e pelos detritos lançados no leito:

Á época que fora sancionado o antigo Código Florestal Brasileiro, com novas definições de APP's, lei 4.771 de 1965 que vigorou até o ano de 2012, coincide justamente com as proximidades da implantação do Polo Industrial de Manaus, ocorrendo o maior êxodo migratório registrado e crescimento populacional no município, com a crescente ocupação da Bacia do Quarenta e das margens do Quarenta, ocasionando primeiramente a retirada da cobertura vegetal nativa na área e impactos ambientais em série a partir disto, com aumento da impermeabilização da área, acréscimo do escoamento superficial, carreamento de resíduos para o leito do igarapé, dentre outros (MACHADO, ZANETI e HIGUCHI, 2019, p. 1).

Ao lado disso, as casas de palafitas que ocupam hoje as margens dos rios são resultado de ciclos econômicos e de migração com os quais a cidade não soube administrar. Para além, esse processo tinha um fator agravante, no qual, os cidadãos não consideravam as águas urbanas como elementos importantes para a constituição da cidade. Aqueles que foram obrigados a estarem perto dos leitos, foram uma população

de baixa renda que construiu em áreas úmidas suas pequenas casas chamadas de palafitas.

Com a expansão da cidade e a criação de novos bairros insuflados pela necessidade de moradia, os igarapés sofreram o impacto de uma ordem cultural histórica na cidade que subjugava a natureza em detrimento do urbanismo. Nesses termos, a cidade não considerava os rios como elemento importante, igarapés foram vistos como empecilhos para o crescimento e a ideia de uma “grande cidade”:

O traçado urbano da cidade também sofreu alterações que ignoram a cultura e a tradição amazônica. [...] Os 37 Km de braços de rios e igarapés que circulam dentro da área de Manaus – sobreviventes do período da borracha, testemunhas mudas da ocupação indígena – foram considerados pelas atuais autoridades como pontos de estrangulamento e obstáculo para o escoamento do trânsito. Tratados como inimigos, esses cursos de água estão condenados a desaparecer da mesma forma que os povos que habitaram as suas margens, para dar passagem ao “progresso” (FREIRE, 1994, p. 177).

A enorme interferência humana ao longo dos leitos com construção de casas, rede de esgotos, lixos, empresas e indústrias escoando dejetos faz com que as águas estejam significativamente alteradas², se tornando inapropriadas para banho e potabilidade.

É neste sentido que podemos refletir a partir de uma postura de “aterrar dos rios” em Manaus como a construção de uma lógica de seus habitantes e do Estado de se relacionar com as águas urbanas. Lima (2008) propõe que a “cidade, portanto, é o concreto, o visível, por meio das estruturas. O urbano é o subjetivo, visível apenas por meio das práticas típicas da cidade, ou de áreas a ela diretamente ligadas” (LIMA, 2008, p. 108), assim, cada cidade é única, tem em si sua própria concretude e posturas urbanas que a caracterizam.

Podemos evidenciar, na leitura de Lima (2008), duas posturas frente aos rios em Manaus: antes do período gumífero e depois. Para o autor, antes havia a lógica de um tempo lento do entrelaçamento e presença estreita entre vila-natureza. Já no período gumífero, foi construída uma postura de “virar de costas para o rio”. Com a exportação da borracha, a partir de 1892 instalou-se um projeto para reprodução de condições econômicas de escoamento da produção da borracha. Para as cidades amazônicas foi imposta a lógica do “novo” e da modernidade visando uma malha urbana para as cidades da região que atendessem a expectativa do capital. A cidade de Manaus então

² SOUZA, Silane. **Todos os igarapés que cortam a cidade de Manaus estão poluídos dizem pesquisadores**. Acrítica, 2017. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/todos-igarapes-que-cortam-a-cidade-de-manaus-estao-poluidos-dizem-pesquisadores>>. Acesso em: 7 Jan. 2022.

foi crescendo a partir da ideia de um progresso europeu, indiferente as características locais, sendo essa a lógica e postura urbana adotada por sua elite econômica, política e social:

Essa ideologia do novo engrandeceu Manaus com monumentos importados da Europa, tentava-se simular uma vida européia, um simulacro espacial que tentava negar a herança indígena e a natureza circundante. O rio, que trazia a memória do meio natural, tinha que ser esquecido e a nova cidade de Manaus, produzida a partir da necessidade de inserção no circuito do capital, foi se estabelecendo de costas para ele (LIMA, 2008, p. 111).

A própria paisagem da cidade em um certo momento repercutiu o modelo de “indiferença às águas” de acordo com Lima (2008) que aponta uma ligação de complementariedade entre cidade-rio que foi substituída apenas pela necessidade de escoamento da produção:

O rio deixa de ser a extensão da vida da cidade para ser apenas a possibilidade do ir e vir das riquezas geradas pela borracha. A contemplação da antiga cidade em relação ao rio, seu berço geográfico, cede à contemplação das embarcações que vinham dos seringais e para eles iam. O resultado dessa conjuntura de inserção ao capital internacional foi uma cidade produzida de costas para o rio, [...] em que os objetos geográficos produzidos na capital amazonense, na área central e antiga, foram estabelecidos de costas ou perpendicularmente ao rio, como se ele tivesse que ser esquecido, visto que trazia a lembrança de uma herança pretérita, que se não podia ser apagada, pelo menos precisava ser olvidada (LIMA, 2008, p. 112).

Entretanto, no cotidiano na cidade houve uma aproximação cada vez mais crescente com os igarapés. Aqueles que fixaram suas casas ao longo dos canais fluviais urbanos, morando em palafitas, vivem em uma relação de proximidade com o rio em vários níveis, a própria cidade tem relações estreitas com suas águas. Pereira, Silva e Barros (2011) mostram como os igarapés do Educandos e do São Raimundo são espaços da circulação de muitos barcos, já que são canais que avançam sobre a cidade, a dinâmica das águas revela que se a cidade também se expande pelo meio hídrico em uma constante relação. Não apenas os barcos cruzam os rios, mas as casas de palafitas de adaptam a essa intensa relações com as águas como descrevem os autores ao longo do igarapé do Educandos:

algumas palafitas situadas de frente para o Igarapé de Educandos são dotadas de um pequeno pier, onde os barcos atracam. As casas possuem também uma escada que dá acesso, durante a cheia, à embarcação atracada no *pier* e, durante a vazante, à terra firme (PEREIRA, SILVA e BARROS 2011, p. 11).

As palafitas em Manaus têm ligações com os dois ambientes, entrada das portas para a cidade/beco e janelas e píer de saída para o rio, dessa forma, “Tal questão

convida a refletir sobre a palafita como uma região de fronteira semiótica entre natureza e cultura na região” (PEREIRA, SILVA e BARROS 2011, p. 11). Calderipe (2017, pp. 225-227) mostra a partir das paisagens, vida e movimento ao longo do Igarapé do São Raimundo como os moradores possuíam ligação com o rio Negro e o igarapé do São Raimundo, com botes e barcos atracados junto as casas, pessoas na varanda de frente para o rio, se desenvolvia não apenas relações de trabalho e trânsito com as águas, mas também uma dimensão afetiva:

Assim como em outras moradias localizadas nas encostas, das janelas de sua casa podia apreciar o Rio Negro e sentir a brisa, deitado numa rede estrategicamente colocada em frente a uma das janelas, como fez questão de mostrar. Sua vida estava ligada ao rio, tanto em termos de trabalho como descanso (CALDERIPE, 2017, pp. 225-227).

Compreende-se que existe em Manaus uma postura histórica de negação de alguns igarapés dentro da cidade o que explica em parte muitos dos canais fluviais aterrados, suprimidos pelas vias e altamente poluídos, essa negação das águas é feita, entretanto, apenas por alguns grupos já que existe uma Manaus que cresce de frente para o rio negro e para os igarapés, tem suas janelas voltadas aos rios, e aproveitavam todas as benesses disso (paisagem e acesso rápido as águas). Há uma Manaus de “costas para o rio”, mas tem aqueles que desenvolvem suas vidas ao longo das águas.

Com o crescimento da cidade e um processo de urbanização desordenado, teve origem outra etapa da produção de uma postura urbana com relação aos rios, que na verdade se constituiu enquanto o início da perda de um contato quase completo das águas urbanas. Podemos compreender esse processo por meio do rio principal da cidade, rio Negro, seguindo para outras formas de contato com as águas e posteriormente, refletir acerca da produção da cidade de Manaus a partir de uma dinâmica que distancia algumas pessoas dos rios e compele outras a morar em cima ou às margens das águas.

Um dos principais espaços de contato e acesso ao rio Negro é a orla do centro comercial de Manaus que também é um dos meios de ligação da capital com as cidades e comunidades dos demais municípios do interior do estado, fazendo com que parte da sua orla seja local de um intenso fluxo de pessoas e mercadorias. O que se conhece hoje popularmente como Manaus Moderna, antes era a escadaria da Igreja dos remédios, ponto de contato da cidade com o rio Negro. Nesse local, tomava-se “banho”, nadava-se, comprava-se peixe e tracajá pegos na praia na época da vazante. A estrutura atual que se conhece, um muro de separação com as águas, veio a partir das vias do Estado

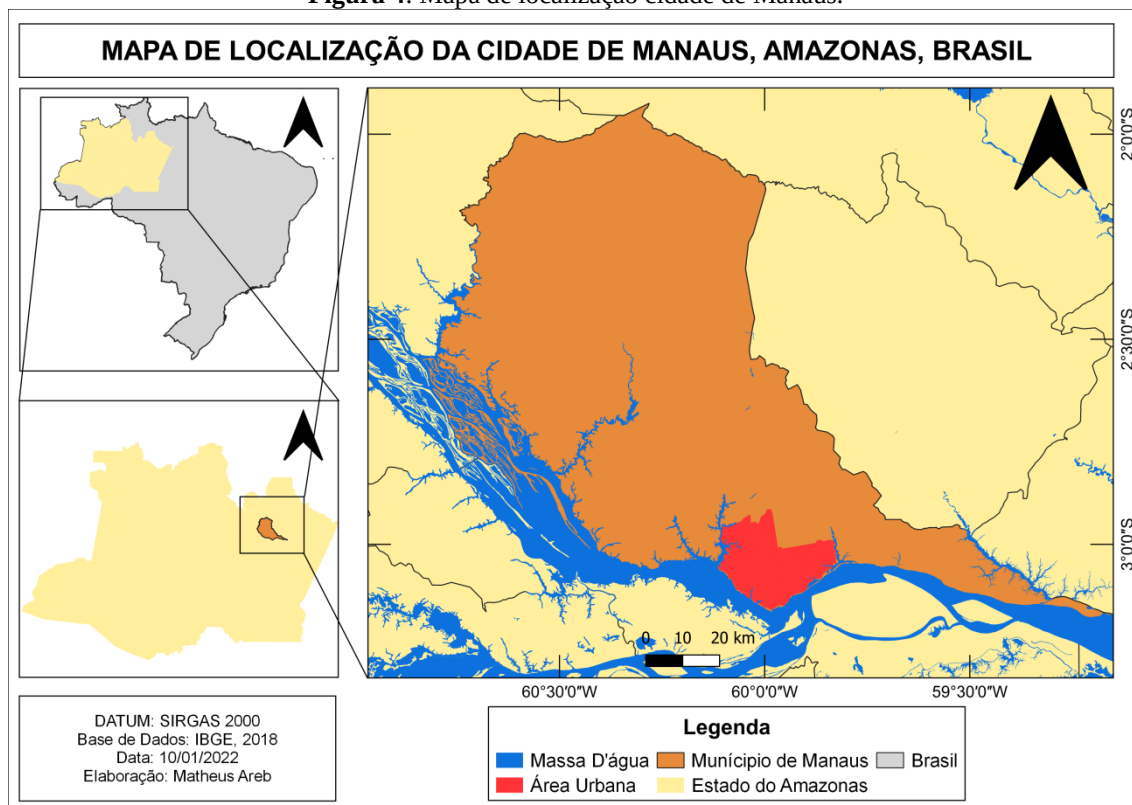
por meio do projeto “Manaus Moderna” na década de 1980. O projeto e a reestruturação do espaço foram marcados por tensões entre o Estado e os grupos que já faziam uso do local, pois o projeto ganhava tons de “ordem” e “limpeza”. O projeto tinha apoio de aliados políticos e atendia aos interesses da Zona Franca de Manaus. A avenida construída foi chamada de Beira Rio, hoje a atual Av. Lourenço da Silva Braga, sustentada pelo muro junto ao rio (SILVA, 2016, pp. 221 e 229).

1.2 Cidade d’água: águas urbanas de Manaus

As águas urbanas compõe um sistema que deixa seu caráter de apenas líquido e em contato com as necessidades ou complexidades da sua dinâmica e dão origem a outros processos. Assim, águas urbanas são urbanas por estarem no território da cidade (SAKAI e FROTA, 2014, p. 3) e por estarem ligadas a processos urbanos como “abastecimento de água e esgotos sanitários, a drenagem urbana e as inundações ribeirinhas” (TUCCI, 2008, p. 100). O primeiro caráter das águas urbanas dá-se enquanto elemento da vida em várias dimensões, com a expansão urbana, a atitude para com as águas foi modificada e um certo sentido de distanciamento surgiu:

As histórias de muitos cursos d’água está intimamente ligada às cidades que ocupavam suas margens onde juntas, mananciais e construções, compõem a paisagem urbana mesclando o natural e o artificial. Durante certo tempo, corpos d’água como os rios posicionavam-se como caminhos naturais que abasteciam, contornavam ou cruzavam, mas sempre direcionando o desenvolvimento do lugar. Por essa interação os cursos d’água exprimiram socialmente símbolos de espaços de nascimento, de lazer, de trabalho, de recolhimento de dejetos entre muitas outras funções, dependendo da interação com a sociedade ao seu redor. Mas o crescimento das cidades, quase sempre desordenado, gerou um afastamento entre o natural e a cidade ainda que estivessem exercendo as mesmas funções, e desfez os significados que os integrava a sociedade, relegando e reforçando as representações meramente funcionais de fundos de vale e de esgoto urbano (SAKAI e FROTA, 2014, p. 3).

Manaus, se localiza à margem esquerda do Rio Negro (Figura 4), se encontrando em sua foz, próxima a confluência com o rio Solimões, fazendo sua margem a leste ser banhada também pelo rio Amazonas. A cidade é entrecortada por bacas hidrográficas que formam inúmeros igarapés espalhados por toda a cidade, fazendo a capital ser reconhecida por um ambiente aquático de relações com os rios.

Figura 4: Mapa de localização cidade de Manaus.

Podemos pensar o rio pela sua dimensão física e humana. Como identificar um rio? Um rio é formado a partir de uma bacia hidrográfica, quando a precipitação cai sobre as partes mais altas do relevo o chamado “divisor de água”, a água “escorre ao ponto mais baixo – os leitos -, sendo, portanto, alimentado ao longo de seu curso e não apenas na nascente” (TAMBUCCI, 2014, p. 66). O rio também é um espaço social, é o lugar do desenvolvimento da vida e do cotidiano:

Os cursos d'água possuem múltiplos usos: consumo humano, aproveitamento industrial, irrigação, criação animal, pesca, aquicultura e piscicultura, turismo, recreação, geração de energia, lazer e transporte (ASSAD, 2013, p. 6).

A cidade de Manaus é banhada pelo Rio Negro. O Rio Negro possui águas escuras³, as quais Vivian Zeidemann (2001) chama de “O Rio das Águas Negras”. O Rio Negro possui no mínimo 1.700 quilômetros, sua nascente se encontra na região da Colômbia e sua foz situa-se na altura da cidade de Manaus, desaguardo junto ao Rio Solimões, formando o Rio Amazonas. As variações no regime hidrológico do Baixo Rio

³ “As águas dos rios são o produto de interações físicas e químicas ocorridas durante o processo de infiltração e escoamento nessas áreas”, isso explica a cor das águas escuras do Rio Negro, ou o princípio da causa. Acontece que a coloração das águas vem da relação química e geológica aonde há o escoamento das águas percolando em direção aos canais fluviais (ZEIDEMANN, 2001, p. 66).

Negro não são apenas em decorrência do regime pluvial, mas também pela influência do barramento hidráulico Rio Solimões-Amazonas, sendo que seu efeito pode ser observado até a desembocadura com o Rio Branco, a partir da foz, a montante, até 300 quilômetros de distância. (ZEIDEMANN, 2001, p. 72).

O rio Negro ao longo do ano passa por variações a partir dos períodos de maior e menor pluviosidade, o que altera em parte o volume das águas do rio, a partir de eventos conhecidos como cheia e vazante. A diferença média entre o pico da cheia e da vazante é de 10 metros. Os meses de maior precipitação ocorrem de janeiro a abril (GREGORIO, 2019, p. 13). O período de cheia apresenta suas médias máximas a partir dos meses de maio, junho e julho, a vazante ocorre a partir do mês de agosto e setembro, se estabilizando em outubro (QUEIROZ e NETO, 2019, p. 9). Eventos extremos de cheia são os que trazem transtorno para quem trabalha ou vive nas margens da cidade. Outro fator de impacto junto às cheias é a própria ação humana. Como nos arredores da cidade de Manaus é intenso o transporte fluvial, “embarcações criam ondas artificiais que se chocam contra as margens”, (QUEIROZ e NETO, 2019, p. 9) os chamados banzeiros. No ano de 2021, ano de realização da pesquisa, houve a maior cheia já registrada na cidade de Manaus, sendo que a cota máxima atingida foi de 30,02m. (CPRM, 2021).

Falar sobre bacia hidrográfica, nos ajuda a compreender a relação entre meio-vida, pois o regime das águas atua sobre as diferentes percepções em relação ao igarapé. O rio negro tem influência sobre os igarapés de Manaus, pois os cursos d’água urbanos desembocam nele. O rio negro influencia no aumento das cotas de cheia dos igarapés, a partir do processo de barramento hidráulico, pois quando enche, os igarapés, a partir da sua foz, recebem mais volume de água. A cheia assim adentra a cidade, tanto pelo próprio rio Negro a partir da orla de Manaus, como ocorre no bairro do Centro, assim como pelos igarapés nos demais bairros. As famílias das palafitas são afetadas por esse movimento e regime das águas, estão entre o encontro do rio com o igarapé e sentem em seu próprio cotidiano as variações sazonais e o fluxo das águas.

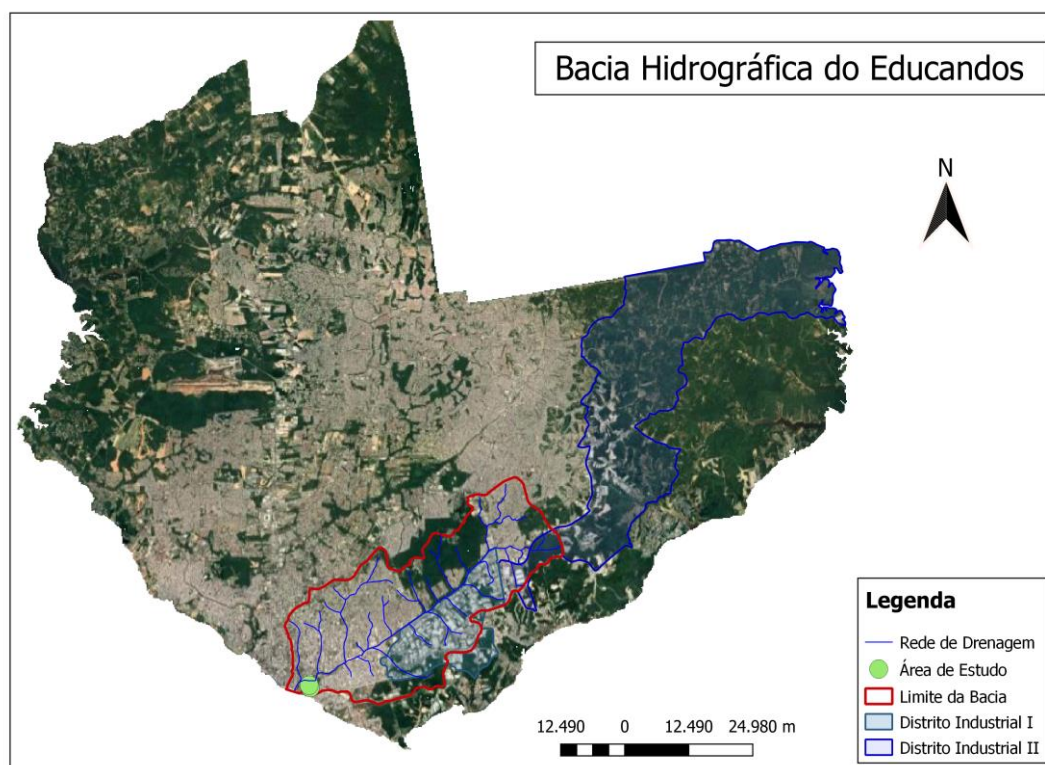
Como já colocado, um rio é um sistema aberto, sendo que sua formação depende de fatores tanto superficiais como a precipitação e subterrâneos que alimentam o canal fluvial, o rio “é um sistema aberto porque não encerra em si o ciclo das águas, representando apenas parte do processo de movimentação dessa substância” (TAMBUCCI, 2001, p. 66).

O rio, os igarapés e as águas, são um dos principais elementos dessa pesquisa. As cidades amazônicas banhadas pelas águas tem com o rio relações que atravessam os modos de vida e o cotidiano. Faz-nos oportuno conhecer sobre o meio hídrico, principalmente pelo fato de que a vida é regida também pelas águas, pois cenários da cidade mudam com o movimento da cheia e da vazante e cria técnicas na construção de moradias. O rio impacta na vida da cidade, adentra as ruas na cheia, é o momento em que mais lembramos que há um rio em Manaus. Para além da cheia, as águas estão dentro da cidade através dos igarapés.

1.3 Igarapé do Educandos

O bairro do Educandos é banhado na parte sul, na orla, pelo Rio Negro e a na porção leste pelo igarapé do Educandos. As casas de palafitas, onde foram realizadas as entrevistas se encontram no nível da foz da bacia hidrográfica do Educandos (Figura 5). A bacia hidrográfica do Educandos “tem como principais mananciais: Igarapé do Educandos, Igarapé do Mestre Chico e Igarapé do Quarenta” (SILVAa, 2010, p. 24). Alguns dos afluentes se encontram em áreas industriais.

Figura 5: Bacia hidrográfica do Educandos com afluentes nos bairros do Distrito Industrial I e II.



Organização: Matheus Areb, 2021.

De acordo com Silva (2010a, p. 24) a área da bacia do Educandos é uma área de intensa concentração comercial e industrial, suas nascentes estão localizadas nos bairros: Zumbi, Armando Mendes, Conjunto Aquariquara, Campus da Universidade Federal do Amazonas e na Reserva Sauim Castanheira. A bacia hidrográfica do Educandos é uma bacia urbana, pois sua extensão está localizada integralmente em território urbano, o que gera um quadro de degradação acentuado do curso d'água, importante para pensar a situação de contato com as águas dos interlocutores da pesquisa que representa o risco:

Essa condição de degradação coloca em risco a saúde da população que convive com uma água de baixa qualidade. Infelizmente, diversas substâncias químicas identificadas nas águas da bacia do Educandos podem causar doenças, como câncer, doença de Wilson, doenças neurológicas etc. (SILVA, 2010, p. 24).

De acordo com Silva (2010, p. 24) a bacia do Educandos sofre altos problemas de contaminação, primeiro com poluição orgânica, no Ciclo da Borracha com esgoto doméstico começando a ser despejado no canal. Em 1967 a contaminação tornou-se química com a instalação do Polo Industrial de Manaus (PIM), pois a parte da bacia que se encontra nessa área é a mais afetada e contaminada, uma vez que recebe a poluição das cerca de 500 indústrias do PIM⁴, além de ser área densamente habitada. Como observa Silva (2010, p. 24), “As principais fontes de poluição das águas são as disposições irregulares de resíduos industriais, estações de tratamento de esgotos e descargas de esgotos domésticos”. A situação do estado das águas do Igarapé do Educandos é de alta poluição, constada pelas significativas mudanças das características naturais, mais ainda, pelo tipo de poluição química encontrada, resultado do despejo das indústrias ao longo da bacia.

A área de estudo desta pesquisa se localiza ao final da bacia hidrográfica, na foz, o que leva a compreender, a partir do exposto, que a poluição das águas percorre parte da bacia e chega concentrada ao igarapé do Educandos⁵. Assim, a moradia em áreas úmidas pressupõe o contato com as águas do igarapé e todas as substâncias advindas das empresas e o despejo orgânico das inúmeras residências na cheia, já que o igarapé inunda as casas de palafitas. No caso da vazante, existe a possibilidade que as

⁴ A figura 5 mostra um mapa em que partes de afluentes da bacia estão dentro das áreas industriais a montante que escoam para a foz, desembocando no igarapé do Educandos áreas das palafitas da pesquisa.

⁵ Sobre os índices de acumulação de compostos e materiais poluentes no igarapé do Educandos consultar (TORREZANI, E. et al. (2016)).

propriedades químicas e físicas em forma de sedimentos se assentem no leito, misturando-se ao solo⁶.

Tratamos no presente trabalho de um cenário que é constituído por forças e processos que advém de outros ambientes, em nível mais amplo. Nossa relação é entre casa-água. O modo de vida das casas palafitas está em relação com o regime fluvial, com um “mundo externo”, como afirma Tambucci (2014, p. 61). Por vezes, há a necessidade de adotar “uma perspectiva um pouco mais distanciada” para entender contextos e cenários específicos, mesmo que nossa atenção sejam as particularidades de nosso objeto e a busca da compreensão de nosso “mundo de estudo”. Em uma postura distanciada há uma visão “de fora” para podermos ir para mais perto, “de dentro”, em nosso caso, há a possibilidade de compreender como dados e constatações científicas sobre as águas são ou não percebidos e significadas em um ponto específico, na dimensão local, a partir do ponto de vista dos interlocutores.

O Igarapé do Educandos é o elemento com o qual os moradores das palafitas precisam aprender a lidar. Há certo tipo de conhecimento sobre o regime das águas, a época da cheia e da vazante, pois falamos aqui sobre um modo de habitação, junto às águas. Tambucci (2014, p. 17), afirma que numa discussão acerca da habitação se deve levar em conta um ambiente vivido, pois estes estão “indissociavelmente ligados ao ambiente no qual vivem”. Da mesma forma, essa relação entre meio-pessoa, não apenas modifica o ambiente ressaltando as paisagens das palafitas nas encostas junto às águas, mas a própria experiência no ambiente ou nas águas cria novas habilidades. Isso pôde ser observado em meu primeiro campo nas águas do igarapé do Educandos, pois me desequilibrei no entrar e sair da lancha, além do incômodo com a postura que era necessária para me manter no barco. Para o navegador, já havia a adaptação pelos anos em água, quando comentei meu desconforto, ele afirmou, “a gente acostuma né?”. Do mesmo modo, nas casas de palafitas, aprende-se a equilibrar-se entre as ripas das marombas para não cair nas águas, caminhar por elas é sempre mais fácil para quem mora e já está habituado sabe onde pisar. Morar nas águas requer sempre um estado de atenção constante, principalmente requer o esforço de um sentido, a visão, para “estar de olho” nas crianças, por exemplo, para não caírem nas águas. Assim afirma Tambucci (2014, p. 45) comentando sobre Ingold (2000, 2007):

⁶ Hipótese levantada em relação à experiência da “época da doença” durante a vazante na pagina 130.

o processo de vida em um ambiente envolve tanto a modificação constante dessa paisagem, como uma incorporação de habilidades a partir das experiências vividas em cada situação. Assim, também os corpos são modificados a partir das experiências vividas (INGOLD, 2000, 2007 apud TAMBUCCI, 2014, p. 45).

À medida que nos aproximamos das casas de palafitas, percebemos que a dicotomia entre natural-artificial e as oposições entre cidade-natureza se espreitam e se tornam muito difíceis de serem sustentadas. Entretanto, o que chama atenção é o fato de que quando as águas tocam a cidade e transformam-se em águas na cidade, adquirem um contexto de elemento natural que se imbrica às dinâmicas que ocorrem nessa área, tornam-se não mais o rio, o lago, o córrego, mas adquirem o caráter de “águas urbanas”, é um sentindo contextual.

Interessei-me em saber o caráter dessa relação, principalmente à medida que entrando nas águas com o navegador rumo ao igarapé do Educandos. Nesse momento foi possível conhecer as inúmeras informações de localização nas águas, os perigos e sobre a mudança na paisagem. Importante compreender o elemento rio, pois é o objeto ao qual os interlocutores dão múltiplos sentidos, transpassando a visão dicotômica entre natureza e cultura.

1.4 Na Manaus presente: relação rios-cidade

Manaus conta com uma população de 1.802.014 habitantes, segundo o último censo (CENSO 2010/IBGE), e população estimada em 2.219.580 habitantes atualmente (IBGE/2020). A área urbana da cidade é de 377 km² e tem confluência com o Rio Negro, um dos três maiores rios do mundo, sendo que a grande quantidade de água que passa pelo seu leito é maior daquela que corre em todos os rios da Europa juntos (ZEIDEMANN, 2018, p. 63). O sítio urbano de Manaus, apesar das ações antrópicas, é de uma bacia hidrográfica densa, sendo a cidade entrecortada por igarapés, o que destaca como um fator marcante. Os principais canais que cortam a cidade estão representados pelos igarapés do Educandos, São Raimundo, Quarenta, Cachoeira Grande, Mindú, Tarumã-Mirim, Tarumã-Açu e Puraquequara (SIMAS, 2008, p. 17).

A cidade de Manaus, em seu contexto fluvial, evidencia diversas formas do Estado e dos grupos urbanos se relacionarem com suas águas. As orlas fluviais das cidades amazônicas se constituem em cenário de práticas socioespaciais cotidianas ligadas ao rio (TRINDADE JR.; SANTOS; RAVENA, 2005; LIMA, 2008; WAGLEY,

1988; OLIVEIRA, 2006; MONTOIA & DA COSTA, 2019), em múltiplas “dimensões (econômica, funcional e simbólico-cultural) e em diferentes escalas, que articulam, de forma dialética e no (des)encontro de temporalidades sociais” (LIMA, 2018, p. 127).

Em Manaus, a morfologia da prática social dos espaços pode ser vista ao longo das margens do rio Negro. São as diferentes formas com as quais a cidade se encontra com as águas do seu rio principal e através do uso dos espaços e das práticas sociais cidadinas que dá as águas múltiplas imagens, um mesmo corpo hídrico, que denota diferentes significados para os grupos urbanos que fazem das margens campo da vida e, por vezes, de conflitos.

As margens da cidade com o rio se tornam um espaço social, lugar de diferentes práticas e dinâmicas, mostrando a multiplicidade simbólica que o rio ganha a partir da dinâmica da cidade e seus habitantes que vivem ou usam esses espaços. Alguns espaços significativos podem ser apresentados para compreender a relação Manaus-rios.

Sobre a vivência urbana em Manaus junto às águas do rio Negro, podemos citar alguns estudos e espaços que ganham vida e nome e que tem, em alguma ordem, relações com as águas, como a partir da zona oeste, no bairro do Tarumã, área antes considerada rural. Nessa área, as antigas e atuais formas de lazer com as águas marcam momentos em que os igarapés que cortavam o bairro serviam como espaços de recreação, os famosos “banhos” onde se nadava, pescava ou se tomava banho, principalmente em fins de semana ou nos dias mais quentes na cidade. Esses cursos d’água sofreram impactos com a ocupação do local e tornaram-se águas poluídas. Além disso, há conflitos ambientais pelo impacto das construções imobiliárias e igarapés poluírem ou aterrarem os igarapés (NASCIMENTO et al., 2015; NOGUEIRA, 2021; BARTOLI, 2011) (Figura 6). O Tarumã, igarapé de maior extensão e afluente do rio Negro, é local de flutuantes e às margens são encontrados condomínios de alto padrão que usam da paisagem do rio como fator de valorização e marketing de um contato com a natureza. O bairro da Ponta Negra, também composto por condomínios de alto padrão, foi construído e pensado para um programado encontro da cidade com as águas. O Estado conformou a sua paisagem em uma praia e uma orla com quiosques para consumo de alimentos, quadras para esportes e também local de apartamentos de alto padrão (SOUSA, 2015a; SOUSA, 2015b) (Figura 7).

Figura 6: Igarapé assoreado após obras de construtora imobiliária no bairro Tarumã.



Foto: Euzivaldo Queiroz: Acrítica, 2019⁷.

Figura 7: Ponta Negra é um complexo de lazer, turismo e condomínios as margens do Rio Negro.



Foto: Arlesson Sicsú/Semcom/Divulgação, Valor Amazônico.com, 2021⁸.

⁷ AMORIM, Daniel. **Moradores denunciam construtora por ‘matar’ igarapé no tarumã.** Acrítica, 2019. Disponível em: < <https://www.acritica.com/channels/manuel/news/moradores-denunciam-construtora-por-matar-igarape-no-taruma>>. Acesso: 15 Dez. 2021.

⁸ Valor Amazônico. **Câmara dos Deputados aprova municipalização de regras de proteção de rios em área urbana.** 2021. Disponível em: < <https://valoramazonico.com/2021/08/27/camara-dos-deputados-aprova-municipalizacao-de-regras-de-protecao-de-rios-em-area-urbana/>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Próximo à área central da cidade, o igarapé do São Raimundo foi por longos anos local de moradia de muitas famílias que viviam em palafitas (FERNANDES, 2016). Atualmente, o programa de recuperação ambiental, urbanística e habitacional do governo do estado⁹ (PROSAMIM) vem reestruturando os espaços ao longo da bacia com uma obra mais notável ao longo da orla do bairro com o rio Negro (Figura 8).

O Parque Rio Negro foi inaugurado em 2015 como parte de um chamado projeto de “revitalização e requalificação” da orla do bairro do São Raimundo. As casas de palafitas que ocupavam o local foram associadas “à ausência de saneamento básico e planejamento urbano”¹⁰ e retiradas do local. Hoje o parque é um ambiente inspirado para o lazer e esporte que se propõe como comunitário e turístico, além de proporcionar uma vista para as águas do rio propõe uma contemplação e aproximação das águas.

Figura 8: Orla de São Raimundo após obra de recuperação ambiental, urbanística e habitacional.



Foto: Michael Dantas, Secretaria de Cultura-AM, 2021¹¹.

No bairro do Centro de Manaus, existem dois importantes espaços de contato com as águas, que expressam o trânsito das pessoas entre a cidade e o rio Negro. O Porto de Manaus: “Roadway” (Figura 9) é um ambiente de circulação limitada e

⁹ O PROSAMIM foi criado em 2005 como solução ao problema da ocupação populacional ao longo dos igarapés em Manaus (MENEZHINI, 2012, p. 26);

¹⁰ Sobre o Parque Rio Negro ver Souza (2018);

¹¹ Secretaria de Cultura. **Espaços Culturais:** Parque Rio Negro. Cultura.am.gov, 2022. Disponível em: <<https://cultura.am.gov.br/portal/parque-rio-negro/>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

administrado por uma empresa privada. Assim os barcos que acessam o local são apenas aqueles onde as passagens são vendidas na bilheteria do próprio porto. O prédio é famoso por receber inúmeros navios e transatlânticos durante o ano, além de possuir a régua de medida do nível do rio, que acaba se tornando espaço representativo das grandes cheias amplamente noticiadas durante os anos.

Figura 9: Porto de Manaus (Roadway) localizado na margem oeste do centro de Manaus.



Foto: Instituto Durango Duarte, 2007.

O chamado Porto da Manaus Moderna (Figura 10) se desenvolveu a partir da alta demanda de circulação de pessoas e produtos pelo centro de Manaus. O espaço sempre foi de estreito contato com o rio Negro e mesmo após as construções dos muros da Manaus Moderna, os usuários desse espaço adaptaram o local para ancoragem de barcos com balsas privadas e de diferentes cores que orientam as pessoas. A chamada Manaus Moderna, é um dos espaços principais de comércio e ponto de barcos (SILVA, 2016), aonde se dá o contato com o interior através do transporte pelos rios.

Figura 10: Manaus Moderna parte leste do centro; espaço de feiras, comércio e atracadouro de barcos.



Foto: CMM, 2015¹².

À esquerda do centro de Manaus, o bairro do Educandos, margeado pelo igarapé do Educandos e o rio Negro é formado por palafitas (Figura 11) e a ambiência em águas com a orla, flutuantes, barcos, pescadores e a feira da Panair, importante local de venda de peixes da capital (OLIVEIRA, 2007). O bairro de Educandos tem uma rua comercial muito forte que é sua rua Principal além de suas áreas mais residenciais. O Acesso ao bairro se dá pelos bairros da Cachoeirinha ao norte do bairro e a oeste pela ponte Antônio Plácido de Souza que dá acesso a rua Delcídio do Amaral no bairro. A ponte é um importante espaço de trânsito pois aproxima Educandos do centro comercial da cidade com possibilidade de deslocamento até mesmo a pé, o que aparece como benefício para muitos moradores do local pela considerada “boa localização” que o bairro tem.

Na a zona sul da cidade, o Porto da Ceasa (Figura 12) se localiza ao final da BR-319 na parte da área urbana. O porto dá para o Rio Negro e recebe pessoas que se deslocam por balsas, barcos ou lanchas para comunidades perto de Manaus e passeios turísticos. Há uma balsa que leva veículos do porto da Ceasa pelo rio negro até o outro lado da margem para a continuação da BR-319 (SILVA, 2010).

¹² CMM. Everaldo Farias realiza, nesta quinta-feira, reunião sobre obras da Manaus Moderna. Câmara Municipal de Manaus, 2015. Disponível em: < <https://www.cmm.am.gov.br/everaldo-farias-realiza-nesta-quinta-feira-reuniao-sobre-obras-da-manaus-moderna/>>. Acesso em 4 dez. 2022.

Figura 11: Palafitas no bairro do Educandos.



Foto: UOL, 2018¹³.

Figura 12: Porto da Ceasa em Manaus.



Foto: D24am-Amazonas, 2017¹⁴.

¹³ UOL. **Natureza do Desastre**. Folha de São Paulo: UOL, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://temas.folha.uol.com.br/natureza-do-desastre/amazonas/em-manaus-familias-vivem-dois-meses-por-ano-em-casas-inundadas-de-agua-suja.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

¹⁴ D24AM. **Porto da Ceasa**. Disponível em: <<https://d24am.com/amazonas/capitania-fluvial-notifica-e-apreende-quatro-balsas-no-porto-do-ceasa-por-irregularidades/>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

No fim das margens, também está o fim da vida. Não apenas os vivos são aqueles que estabelecem relações com as águas, mas também os mortos. Em Manaus, o cemitério “Nossa Senhora da conceição das lajes” (Figura 13), fundado em 1906, localizado no bairro Mauazinho, torna-se uma ilha no período da cheia, a pequena colina, tem seus mortos levados pelas águas quando chove ou nos desmoronamentos frequentes com as forças das águas do rio nas áreas mais íngremes¹⁵.

Figura 13: Cemitério Nossa Senhora da conceição das lajes.



Foto: Instituto Durango Duarte¹⁶

Longe das margens, no interior da cidade, os cursos d'água em decorrência da urbanização e da ocupação dos espaços perto das margens, além de empresas e residências despejarem dejetos ao longo das bacias dos igarapés, tornaram esses canais completamente poluídos. Apesar de ao longo dos rios se criarem algumas ações de delimitação de APP's, ou criação de parques ou até mesmo proteção de nascentes¹⁷, a falta de uma proteção integral do corpo dos canais faz com que as águas de todo o corpo

¹⁵ D24AMazônia. **Rio Negro avança sobre cemitério na zona leste de Manaus.** 2012. Disponível em: <<https://d24am.com/amazonia/rio-negro-avanca-sobre-cemiterio-na-zona-leste-de-manaus/>>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

¹⁶ IDD. **Iconografias.** Disponível em: < <https://idd.org.br/iconografia/cemiterio-nossa-senhora-da-conceicao-das-lajes/>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

¹⁷ MOGANABY. **ONG luta para salvar o último igarapé limpo de Manaus.** Disponível: < <https://brasil.mongabay.com/2020/01/ong-luta-para-salvar-o-ultimo-igarape-limpo-de-manaus/>>.

hídrico se contaminem¹⁸. O maior canal que corta a cidade é o igarapé do Mindu e, ao longo de seu curso, podem ser vistas as marcas da poluição. Mesmo com o aparecimento de animais nesses igarapés (Figura 14), a qualidade da água é muito baixa, construções viárias lado a lado ou por cima desses leitos, ajudam a impactar mais ainda na falta de áreas de vegetação ou florestas ao redor desses cursos, uma paisagem que revela a pouca importância, cuidado e preocupação com os igarapés da sua nascente até a foz.

Figura 14: Tartarugas tentam sobreviver em meio a lixo no igarapé do Mindu.



Foto: Acrítica, 2012¹⁹.

Os habitantes de Manaus tem relações com as águas de diferentes ordens, sendo que todas perpassam por algumas delas é conflitiva. Há uma limitação e distanciamento das águas do Rio Negro a partir da própria estrutura da cidade que organizou suas construções baseadas em interesses financeiros e da produção de mercado, priorizando as margens para estaleiros, portos e empresas diversas. Os pequenos espaços de contato programado e organizado estão no bairro da Ponta Negra,

¹⁸ EMTEMPO. **Mindu: morte e vida do maior igarapé de Manaus.** Disponível em: <<https://emtempo.com.br/amazonas/98431/mindu-morte-e-vida-do-maior-igarafe-de-manaus?d=1>>.

¹⁹ PRAZERES, Leandro. **Projeto de revitalização do igarapé do Mindu é uma ameaça.** ACRÍTICA, 2012

ainda assim, é um bairro de alto padrão e distante das periferias e do centro da cidade, assim como os flutuantes no Tarumã que são espaços privados e de consumo. Essa mesma organização da cidade reproduz cada vez mais uma postura histórica de distanciamento com as águas, agravado por uma falta de intimidade com os rios.

Adentrando a cidade, com as águas urbanas, são águas degradadas e poluídas por uma produção do espaço que não considera a preservação do meio ambiente, mas o subjuga em nome do progresso, através de empreendimentos que ao mesmo tempo em que usam a paisagem dos igarapés como uma amenidade para o habitar, como condomínios de alto padrão, há casos de assoreamento dos rios por parte de condomínios e outros que despejam dejetos nestes. Ao mesmo tempo, os canais urbanos são feitos de moradia através de palafitas para quem não tem condições de pagar pelo preço da terra (BARTOLI, 2011, p. 58).

Uma mesma massa d'água, que recebe significados múltiplos em cada ponto de encontro com a cidade através dos seus bairros, rio-banho, rio-morada, rio-trajeto, que nos fala mais sobre a cidade do que ele mesmo, “a cidade para além da faixa de terra, que se expande nas águas” (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019, p. 2). Nossa atenção se volta para o contato com as águas a partir da dimensão urbana, com as quais cidadãos tecem suas relações e percepções, um mergulho não nas águas, mas nas experiências humanas em espaços de fronteira entre o mundo aquático e terrestre.

1.5 Educandos

O bairro de Educandos (Figura 15) está localizado na Zona Sul da cidade de Manaus. É um bairro cercado pelas águas e delimitado a partir da foz do Igarapé do Educandos até o igarapé do Quarenta, da divisa com a ponte da Av. Leopoldo Peres descendo até a Av. Presidente Kenedy, seguindo até a nascente do igarapé da Colônia Oliveira Machado em direção a Rua 13 de maio, seguindo a sul até a desembocadura no Rio Negro, ao lado da Famosa feira Municipal da Panair, frente-rio.

A população do bairro corresponde a 15.635h (IBGE/2010), com estimativa, em 2015, de 18.107 hab. (SEPLAN-CTI/GOV-AM). O bairro do Educandos conta com uma orla fluvial para o Rio Negro a sul onde é possível encontrar a Orla do Amarelinho e a feira da Panair e é banhado pelo igarapé do Educandos a leste aonde são encontradas as casas de palafitas.

Figura 15: Localização do bairro Educandos em Manaus-AM

Organização: Matheus Areb, 2021.

O bairro de Educandos tem sua origem a partir de 1856 com a criação da Escola dos Educandos Artífices. A escola tinha objetivo de formação profissional de várias profissões básicas, como “livreiro, ferreiro, sapateiro, alfaiate”. A ocupação do bairro se deu após a escola, por volta do período de 1890 com famílias de Manaus que construía fazendas e chácaras na ilha, além de professores da escola e migrantes do interior do Amazonas e de outros lugares. Com o advento da borracha, em 1901 foram abertas as primeiras ruas no bairro que tinha seu acesso apenas pelas catraias no igarapé do Educandos (OLIVEIRA, 2007, pp. 21-23). O mesmo autor observa que nos anos trinta foi construída a ponte que liga o bairro de Educandos ao bairro da Cachoeirinha (OLIVEIRA, 2003).

Esse breve recapitular serve como recurso contextual para pensarmos neste bairro a partir das relações estreitas com as águas, com seu igarapé e uma dinâmica aquática em que “as águas límpidas dos cursos d’água regia os hábitos e os valores da vida cotidiana” (OLIVEIRA, 2007, p. 22), provia o alimento, banho, caminho, era meio da própria vida.

Seguindo o percurso das águas, a cidade de Manaus teve sua expansão urbana marcada por uma relação conflituosa com as águas urbanas. As águas isolavam, os inúmeros igarapés eram fronteiras entre o desejo de ir e vir próprio das aspirações de uma cidade, “esse isolamento foi sendo superado, ora aterrando igarapés, ora ultrapassando-os a partir da construção de pontes” (OLIVEIRA, 2003, p. 97). Hoje, o tradicional bairro pode ser caracterizado por ser de intenso comércio, residências e pelas palafitas encontradas ao longo dos seus becos.

A partir das observações ao longo dos limites do bairro é possível compreender que, para os moradores das margens do Rio negro e do igarapé de Educandos, a água não aparece como um limitador, pois seu domínio representa uma extensão da cidade em seus próprios termos e características, o rio é caminho e passagem, é local de serviços, se atracam e abandonam barcos (Figura 16), inúmeras pessoas trabalham sobre as águas, comem, tomam banho, militares vigiam, dormem em redes. Em Manaus, em um movimento complexo, há a negação da possibilidade de contato profundo com as águas que banham a cidade, ao mesmo tempo em que seus habitantes se estabelecem nelas e fazem seu uso medido através das funcionalidades que o meio hídrico pode proporcionar. Essa visão do todo, olhando das águas para a cidade é que permite essas constatações, já que a vista da cidade para o rio é fragmentada, distanciada ou impedida. Olhar pelas águas é uma postura didática que, por vezes, fala mais sobre a cidade do que o próprio rio.

Figura 16: Flutuantes e barcos encontrados ao longo do igarapé do Educandos

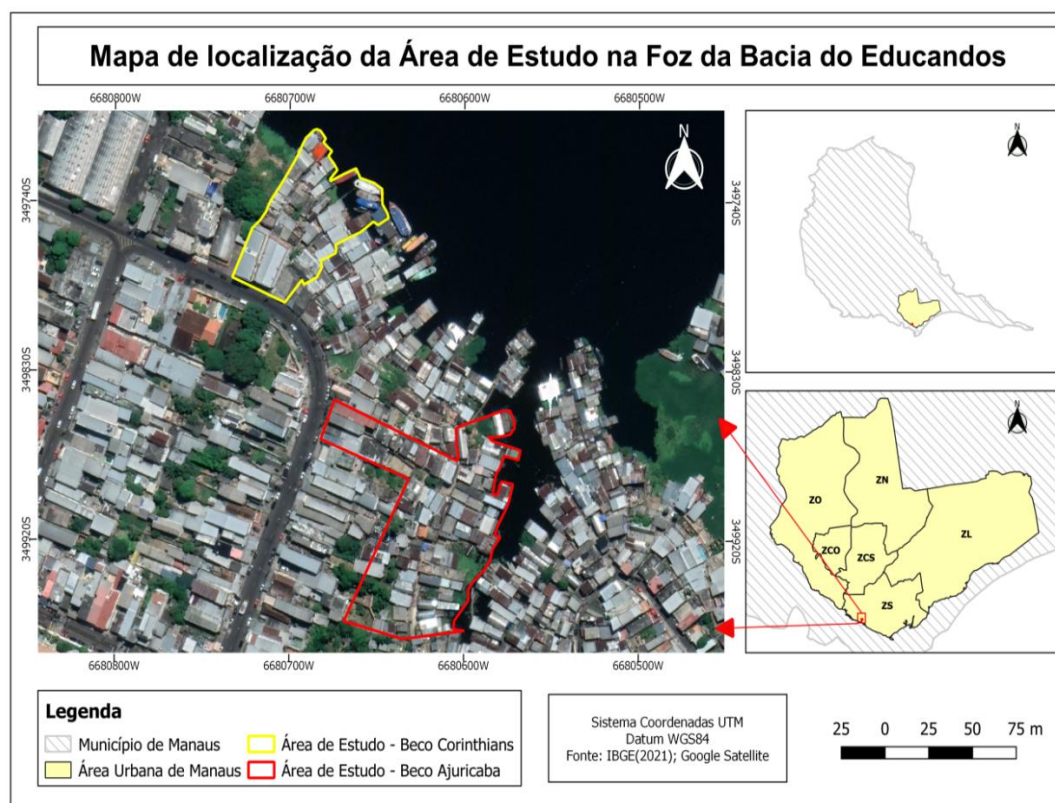


Foto: Matheus Areb, 2021.

As casas de palafitas encontradas ao longo do bairro e do igarapé estão, em sua maioria, escondidas do olhar das ruas, por detrás das casas, comércio e demais construções que gozam do fato de estarem às margens das ruas, no sentido de melhor acesso. Os interlocutores da pesquisa que compõe esse cenário são os moradores das palafitas no que compreende as adjacências da Rua Delcídio do Amaral e Rua Inocêncio de Araújo no bairro Educandos. O mapa abaixo representa as duas áreas de estudo. A delimitação das áreas é feita a partir do ponto de acesso (rua-beco) para as casas de palafitas. Os locais foram escolhidos e estabelecidos a partir (1) minha possibilidade/facilidade de acesso aos locais em relação a outros e (2) o estabelecimento de contato mais profundo com os primeiros interlocutores.

As áreas delimitadas correspondem a casas em terra firme e a palafitas, pois o conjunto da vida em palafitas está ligada ao beco que liga as casas a rua e a cidade e pelas relações de vizinhança. Assim, a área em amarelo corresponde à entrada a partir da Rua Delcídio do Amaral com acesso as palafitas pelo beco Corinthians e a segunda área de estudo, em vermelho, corresponde a Rua Inocêncio de Araújo com acesso as palafitas pelo beco Ajuricaba (Figura 17).

Figura 17: Localização da área de estudo.



Organização: Matheus Areb, 2021.

O bairro de Educandos é caracterizado por uma avenida principal que a liga por uma ponte ao bairro da Cachoeirinha. O nome da avenida é Leopoldo Peres (Figura 18). A avenida possui um caráter comercial muito forte que vai desde pequenos a grandes estabelecimentos conhecidos na cidade. Passando a ponte e entrando no bairro, as casas ficam dispostas perto das ruas, todas gradeadas, quando não, nas portas, nas janelas. É comum casas que transformaram o térreo em área comercial própria ou alugado para terceiros, essa é uma forma de economia dos bairros, que no caso de Educandos, aproveita o tipo de Avenida que é comercial. Na medida em que se sobe a ladeira, os serviços vão se multiplicando, como oferta de café da manhã na rua, loja de eletricidade, oficinas, loja de material de construção, restaurantes, farmácias, escola de cursos, bancos. As pessoas podem ser vistas em pé nas paradas de ônibus e, na medida em que se sobe a rua e aumentam os comércios, seu fluxo é sempre constante nessa avenida, principalmente as que atravessam o sinal indo em direção ao supermercado “Atacadão”, com uma bandeira do Brasil estuada e os preços na frente convidando os transeuntes para as promoções. Passando o grande supermercado se inicia uma parte ainda mais frenética da avenida, aonde o que mais se vê são pessoas e placas dos comércios, vende-se de tudo, frutas, verduras, óculos, eletrodomésticos. As bancas estão pelas calçadas e alguns vendedores fazem suas refeições com a comida no colo. Ao andar pela calçada se é convidado a diversas coisas: comprar óculos, cortar cabelo, comprar roupa. A rua se espreita e se confunde entre bancas, carros e lojas.

Na avenida principal, a movimentação frenética diminui a partir do segundo semáforo onde começam pontos com portas fechadas e galpões, mas sendo ainda possível encontrar diversos serviços. Seguindo a próxima rua, há a orla do bairro, o “Amarelinho” (Figura 19), na Avenida Rio Negro que é um trecho de orla que tem vista ampla para o rio Negro, sendo um local famoso pelos bares e restaurantes, entretanto também carrega um estigma de “lugar perigoso”. Olhando para a direita, vê-se casas com arquitetura portuguesa, à esquerda, o rio Negro. A orla do bairro é uma parte com alta declividade, venta bastante no local, as grades amarelas ao longo da calçada protegem os pedestres de uma queda para o rio.

O primeiro trecho da avenida é predominantemente residencial, os bares e restaurantes são encontrados apenas no trecho final da rua. É uma via relativamente arborizada do lado que dá para o rio.

Figura 18: Av. Leopoldo Peres no bairro do Educandos em Manaus-AM.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 19: Orla do Amarelinho no bairro Educandos em Manaus-AM:



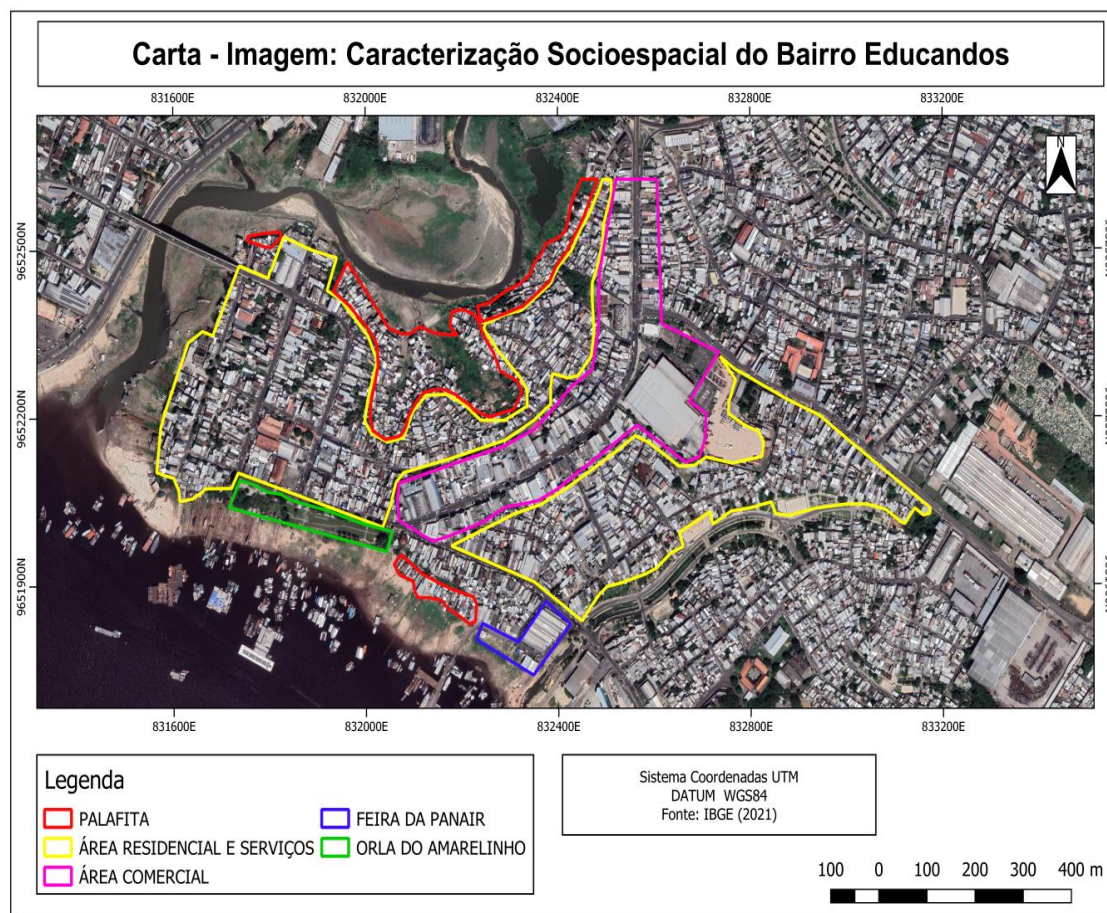
Foto: Matheus Areb, 2021.

O mapa abaixo (Figura 20) é resultado de uma caracterização socioespacial do bairro a partir das observações feitas. A avenida principal Leopoldo Pères até a Avenida Rio Negro é uma faixa comercial muito forte. Ao leste há uma predominância de residências e os serviços aparecem mais descentralizados, espalhados pelas ruas. Há a formação de becos e em outros pontos apenas ruas mais estreitas, ao longo dessas ruas é possível encontrar padarias, igrejas, mercadinhos.

As especificidades do bairro aparecem principalmente ao longo de suas margens. Ao sul, ao longo da Rua Vista Alegre há a Panair, famosa feira aonde se vende peixes frescos, comidas feitas em quiosques que funcionam como pequenos restaurantes, frutas e verduras. A famosa feira é conhecida pelo fornecimento de peixes para a cidade pela sua disposição próxima ao rio. Por detrás das casas, na Rua Vista Alegre, as palafitas foram construídas onde foi possível e os caminhos de chegada a esses espaços são através dos becos que encontramos entre as casas que dão acesso às ruas principais. Seguindo a Rua Vista Alegre, outra especificidade aparece, o bairro do Educandos é um dos poucos em Manaus que dispõe de uma orla para apreciar o rio, sendo que a estrutura foi feita para observação e não para contato com as águas. O conjunto de ruas adjacentes à orla do amarelinho como a Rua Sá Peixoto, Manoel Urbano, Amâncio de Miranda, Inocência de Araújo e os demais conjuntos de ruas que seguem a norte do bairro são de caráter residencial com presença de pequenos serviços ao longo das ruas. Na parte a oeste do bairro é que se encontram as palafitas, dispostas entre dois domínios - da água e da terra. As casas podem ser acessadas através de becos que ficam entre as construções e localizam-se por toda margem do igarapé e ao longo do bairro, iniciando-se na adjacência a Rua Universal, ao norte, até após a ponte.

O processo de ambiência no bairro para sua caracterização foi construído a partir de um olhar das águas e da terra firme. O que evidencia que a perspectiva de um olhar a partir das águas revela uma outra paisagem sobre a mesma cidade. Caminhar pelas ruas do bairro é uma atitude de reconhecimento espacial e da própria vida. Assim é que como mostra a Carta-Imagem, o bairro de Educandos pode ser compreendido pela sua dinâmica comercial que se concentra em sua rua principal, a diversidade de atores faz com que o bairro seja também espaço de residências e a principal característica é que como é um bairro banhado pelas águas criam-se alguns espaços em função do rio como a orla do amarelinho, a ponte Plácido de Souza, a feira da Panair e as palafitas.

Figura 20: Caracterização socioespacial do bairro Educandos em Manaus.



Fonte: IBGE, 2021.

Um bairro pode ser compreendido pelas “características morfológicas e funcionais da cidade e ao conjunto de variáveis, nem todas necessariamente geográficas, imbricadas ao plano da aparência ou da paisagem visível” (PACHECO, 2001, p. 2). Essas variáveis dão ao bairro certos sentidos, que constituem uma identidade, de modo que “o bairro possui uma identidade intersubjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações. (PACHECO, 2001, p. 4).

Não apenas a dimensão do comércio sobressai no bairro do Educandos, existem níveis e camadas no desenrolar da vida. O bairro é visto como muito tradicional (JORNAL DO COMÉRCIO, 2007²⁰), existem histórias famosas e festejos típicos do bairro, além de distribuição de templos religiosos (SILVA, 2016). O bairro também é encarado como violento através dos noticiários que relatam a presença do tráfico de

²⁰ JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus 338 anos. CD, ebook, 2007.

drogas na região (BRITO, 2017²¹). Entre eventos marcantes, as próprias casas de palafitas ganham anualmente espaço nos noticiários pelas condições adversas nos tempos da cheia (ROCHA, 2019²²) e o Incêndio que destruiu ao menos 600 casas no bairro no ano de 2018 (G1 AM, 2019²³). Neste sentido, o bairro do Educandos aparece de diferentes dimensões, ao longo das ruas e becos se faz presente à venda, a vizinhança, a violência, as festas, os bares. A presente seção buscou caracterizar o bairro onde o local da pesquisa se encontra, partindo do plano mais geral de suas especificidades para as áreas de palafitas que se encontram ao longo do igarapé do Educandos em Manaus.

1.6 O viver nas águas

As casas de palafitas em Manaus são de madeira, localizadas as margens ou sobre os cursos d'água podendo ser encontradas dentro da cidade de Manaus nos igarapés urbanos ou ao longo do rio Negro que margeia a cidade. Essa forma de ocupação em áreas irregulares cria os espaços possíveis da vida e caminhos de acesso paralelos aos planos de urbanismo da cidade pelos becos sinuosos que dão para as áreas de palafitas. Segundo os estudos etnográficos de Iribarrem e Calderipe (2020) as palafitas podem ser pensadas como “Modelos insurgentes de habitar a cidade em Manaus”. As autoras observam que esses espaços de áreas úmidas, caracterizam-se pela marginalidade imposta diante das condições sociais de expansão da cidade. Marginalizadas enquanto encontradas à margem de um processo de urbanismo, que inviabiliza ou procrastina uma atenção real do Estado a esses espaços:

Desprovidas de tratamento sanitário ou esgotamento adequado para suas habitações, as comunidades insurgentes as margens de igarapés são vistas pela política social vigente como ambientes de insalubridade e pobreza que devem ser eliminados, com aterramentos das águas e deslocamento de suas famílias, como propõe o programa do Governo do Amazonas para sanear a ocupação desordenada dos igarapés na cidade, o Prosamim. Um exemplo da intervenção deste programa foi a área da Beira Mar de São Raimundo, que teve as casas localizadas no leito do Rio Negro retiradas para dar lugar ao

²¹ BRITO, Dani. **Moradores dos bairros da zona sul de Manaus relatam rotina de violência e medo**. Acrítica, 2017. Disponível em: < <https://www.acritica.com/channels/hoje/news/moradores-dos-bairros-da-zona-sul-de-manaus-relatam-medo-da-violencia>>. Acesso em: 06 Jan. 2022.

²² ROCHA, Lucyleny. **Identidade do rio: a pobreza evidenciada pela cheia em Manaus**. Disponível em: <<https://emtempo.com.br/amazonas/162293/identidade-do-rio-a-pobreza-evidenciada-pela-cheia-em-manaus?d=1>>. Acesso em: 06 Jan. 2022.

²³ G1 AM. **Um após após incêndio no Educandos em Manaus, famílias ainda relatam traumas**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/12/17/um-apos-apos-incendio-no-educandos-em-manaus-familias-ainda-relatam-traumas.ghtml>>. Acesso em: 6 Jan. 2022.

Parque Rio Negro, como foi descrito por Calderipe (2017) que traz uma narrativa sobre o sofrimento das pessoas que foram atingidas pelo Programa, muitas delas com famílias que viviam há gerações na localidade (IRIBARREM E CALDERIPE, 2020, p. 15)

Apesar de um “virar de costas” do Estado e da cidade para as áreas de palafitas, que se encontram escondidas por detrás dos prédios e casas das avenidas e ruas ao longo da cidade, esses espaços são espaços da vida e da sociabilidade. Nesses locais os moradores constroem seus próprios sentidos de localização e classificação a partir de uma lógica interna (IRIBARREM E CALDERIPE, 2020). Desenvolvem e reproduzem técnicas de construção e reforma das casas, incluindo as pontes de madeiras, as chamadas marombas, que ligam a terra firme às casas e uma casa a outra, formando corredores por todos os lados, para os “de fora”, um labirinto.

Tambucci (2014, p. 127), pondera que esses espaços possuem suas “regras próprias” que são diferentes dos ambientes de casas de ruas asfaltadas e amplas, já que seu acesso se constitui geralmente apenas por vielas. Para o autor, esses espaços entre vielas-palafitas são semi-públicos, o trânsito daqueles que são “de fora” é reconhecido e fiscalizado, além de que há uma demarcação de lugar de pertencimento por um coletivo específico, assim, Tambucci entende esses lugares a partir da lógica do *pedaço*:

Nos bairros de palafita, a lógica que impera é a do pedaço: nem tão público quanto a rua, nem tão privado quanto as casas. As janelas e portas abertas permitem tanto ver o interior das casas: fotografias de casamento, santinhos, televisões modernas, geladeiras, aparelhos de ar condicionado, quanto, por outro lado, permitem também observar o lado de fora, fazendo com que ninguém consiga passar despercebido, ou precise ‘pedir licença’ para passar (TAMBUCCI, 2014, p. 127).

Dentro desse espaço, as experiências e a vida se fazem mediante um contexto. Sobre esta dimensão do vivido, a análise de Magnani (2003, p. 191) sobre o estudo antropológico na cidade aponta que as análises não são previamente dadas, mas os conjuntos que formam as categorias, entendendo-os enquanto unidades, que formam um todo, são construídas “a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito de tal ou qual objeto de estudo” (MAGNANI, 2003, p. 191). Esta análise se faz “de perto e de dentro” através de um olhar modulado, trazendo as classificações à escala adequada (MAGNANI, 2003, p. 181), é seguindo essa ideia que proponho um movimento de presença entre as palafitas e aqueles que têm suas relações com as águas, olhando, ouvindo para que se possa entender as categorias com as quais organizam o seu mundo e o interpretam.

CAPÍTULO 2 – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E O CAMPO ETNOGRÁFICO ENTRE A CIDADE, A CASA E O RIO

2.1 A entrada em campo: da teoria a prática

Em 1914, o polonês Bronislaw Malinowski desembarcava em terras desconhecidas para ele com o objetivo de fazer sua pesquisa. O antropólogo desenvolveu seus trabalhos na região dos arquipélagos da Nova Guiné com as sociedades indígenas locais. Além de suas contribuições teóricas, outra importante contribuição acerca do fazer etnográfico teve origem com a publicação do seu diário escrito em campo. O livro “Um diário no estrito sentido do termo” foi publicado em 1967 pela sua esposa Valetta (SILVA, 1998). O diário pessoal do autor conta intimidades de sua passagem e experiências pela ilha, diferente do produto final de sua obra, *os Argonautas*.

O diário expressa o desconforto de Malinowski na ilha, bem como posturas questionáveis acerca de opiniões e atitudes ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa, além de que o autor aparece “frequentemente mal humorado”, enfurecido com os nativos (pp. 80, 83, 104, 201), ansiando por pegar um barco e “dar o fora dali” (p. 100) e reclamando do desconforto daquela vida [...]”, além de que em sua aproximação com os nativos adotou uma postura rude no modo de obter informações com a população local (SILVA, 1998).

Para além das polêmicas que repercutiram com a publicação do livro, as experiências do autor me levam a pensar sobre o fazer antropológico não apenas como um produto final como testemunhamos em outros campos disciplinares, mas na forma do próprio processo da pesquisa. Ao me deparar com a leitura do texto do diário do autor, em uma experiência nova, percebi que a pesquisa não é um caminho linear na produção de dados, mas nossas próprias experiências, quer sejam mais dificultosas ou não, não significam a impossibilidade da reflexão antropológica:

ao mostrar que a vida do “pai da moderna etnografia” entre os ilhéus não foi um mar de rosas, o diário nos incita a olhar com maior atenção e sinceridade o bastidores da pesquisa antropológica e sua relação com os produtos finais que os antropólogos trazem ao público em forma de teses, livros, relatórios etc. (SILVA, 1998, p. 240).

As dificuldades em campo são experimentadas por todos aqueles que se colocam o desafio de conhecer o outro, desde antes de Malinowski até os dias de hoje.

Esses desafios se materializam ora sobre um contexto (antropólogos na guerra, epidemias ou conflitos étnicos etc.) ou sobre a dimensão pessoal da vida (sair da terra natal, dificuldade em se adaptar etc). Por isso, a reflexão sobre a experiência do trabalho antropológico constitui contribuição metodológica importante, já que muitas antropólogas e antropólogos desenvolveram estratégias ou presenciaram situações que nos levam a pensar em nossa própria condição de pessoa pesquisadora em campo.

A categoria experiência já foi conceituada na introdução, alguns autores podem ser contextualizados aqui em importantes reflexões sobre suas próprias experiências em campo como a ideia de “experiência imprevista” (ALVES, 2016) onde o autor, ao lidar com as situações de velório em sua etnografia da cultura fúnebre na cidade, experimentou emoções como a tristeza coletiva e ouvir enlutados. Foote-Whyte (1975) e Zaluar (1994) apresentam experiências sobre a observação participante em sua imersão etnográfica em bairros, uma experiência marcada por situações de proximidade e outras por recusas de algumas pessoas ou constrangimentos vividos em trabalho de campo.

A reflexão da subjetividade do antropólogo (GROSSI, 1992), em um ato de olhar para si como postura metodológica ajuda a refletir sobre as relações de gênero que aparecem em campo, mais ainda, atentar para a própria subjetividade e a pesquisa participante em campo (WEISS DE JESUS, 2013) pode revelar os significados das redes de interações, ou seja, relações de afinidades e compreender as recusas, além de entender as representações internas do grupo em como eles enxergam o antropólogo, revelando os códigos desse grupo social. É entender o campo não como dado, mais sucessivamente construído e compreendido, campo é experiência (BRANDÃO, 2007).

Assim, o presente campo também foi marcado por desafios. A reflexão que se propõe é da construção da pesquisa frente às situações complexas que surgiram, refletindo a prática do trabalho antropológico considerando autores que pensam sobre essa prática e as experiências vividas por mim nesse contexto específico de pandemia, cidade de rios e palafitas.

No dia 11 de Março de 2020, foi decretada a pandemia mundial do SARS-COVID-19²⁴. O primeiro caso de COVID-19 foi confirmado no estado do Amazonas no

²⁴ UNA-SUS. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus**. Ascom SE/UNA-SUS, 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em 10 mai. 2021.

dia 13 de março de 2020²⁵. Universidades suspenderam aulas presenciais²⁶. A pandemia prosseguiu por todo o ano de 2020. No ano de 2021, em janeiro, com a explosão de casos no Amazonas, o sistema público de saúde do estado entrou em colapso com falta de leitos e oxigênio para pacientes²⁷. No primeiro semestre de 2021 começou a vacinação contra o vírus no estado do Amazonas, refletindo em queda no nível de agravamento da doença²⁸ por números de internações.

A presente pesquisa foi marcada por esse contexto pandêmico, o que envolveu inúmeros desafios e estratégias. Os problemas que se impuseram envolviam um entrecruzamento entre a dimensão pessoal do pesquisador e a vida coletiva que, conseqüentemente, esbarrava no desenvolvimento da pesquisa. Um mundo novo que se impunha a partir de 2020 quando entrei no mestrado em Antropologia social (UFAM/PPGAS). Na verdade, era um mundo incerto, de distanciamento, medo, doença e ansiedade. Nesses termos, por vezes, o prosseguimento da pesquisa se fazia quase impossível e com incertezas, o que diversas vezes causava aflição. Sem a rotina de presença junto aos amigos e professores e o próprio ambiente universitário, a situação parecia muito mais conflitiva e tensional, além de que ir ao campo, quando não arriscado, foi proibido por lei com a exigência do distanciamento social em alguns períodos.

Com o objetivo de oferecer um suporte às pessoas mestrandas e doutorandas do PPGAS/UFAM, foi criada, no primeiro semestre de 2021, a disciplina “O método etnográfico e a desordem produtiva na pesquisa antropológica: os imponderáveis da vida em Pandemia”. Em um momento da disciplina, a professora Ana Carla Bruno comentou que “Revelar os riscos da pesquisa é entrar na cozinha da produção

²⁵ SES-AM. **Amazonas confirma 1º caso de Covid-19 e autoridades garantem que rede de assistência está preparada.** Secom-AM, 2020. Disponível em: <<http://www.saude.am.gov.br/visualizar-noticia.php?id=4327>>. Acesso em: 10 set. 2021.

²⁶ A Universidade Federal do Amazonas suspendeu as aulas presenciais no dia 13 de março de 2020 através da Portaria Nº 626, de 13 de março de 2020 - GR/UFAM. No dia 27 de março de 2020 com os números de contágio subindo em todo o mundo, a UFAM prorrogou a suspensão das atividades presenciais por tempo indeterminado: UFAM. **Ufam prorroga, por tempo indeterminado, a suspensão de atividades acadêmicas e administrativas.** Disponível em: <<https://ufam.edu.br/noticias-destaque/1245-ufam-prorroga-por-tempo-indeterminado-a-suspensao-de-atividades-academicas-e-administrativas.html>>. Acesso em: 10 set. 2021.

²⁷ G1-AMAZONAS. **Covid-19: Manaus vive colapso com hospitais sem oxigênio, doentes levados a outros estados, cemitérios sem vagas e toque de recolher.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/14/covid-19-manaus-vive-colapso-com-hospitais-sem-oxigenio-doentes-levados-a-outros-estados-cemiterios-sem-vagas-e-toque-de-recolher.ghml>>. Acesso em: 10 set. 2021.

²⁸ GOV-AM. **Avanço da vacinação refletiu na redução de óbitos, internações e casos de Covid-19 no Amazonas.** Disponível em: <<http://www.amazonas.am.gov.br/2021/08/avanco-da-vacinacao-refletiu-na-reducao-de-obitos-internacoes-e-casos-de-covid-19-no-amazonas/>>. Acesso em set. 2021.

antropológica”. A metáfora da cozinha serve para apresentar esse capítulo, pois é o lugar da produção. Este capítulo, enquanto cozinha, ganha dois sentidos: (1) apresentar a construção da pesquisa a partir das estratégias em tempos de “imponderáveis”, quando vimos um novo mundo se impondo a partir de um perigo invisível com tragédias visíveis, onde a nós foi imposto mais refletir do que praticar; (2) a teoria se aprimora a partir das próprias e diversas experiências em cada campo.

O estudo em sociedades complexas, como nos grandes centros urbanos, é um desafio ao olhar e ouvir do antropólogo, pois a multiplicidade frenética e complexa das interações deslocam a atenção para diversas dimensões da vida; A prática etnográfica que busca organizar e interpretar os dados, as experiências do pesquisador ao longo da construção e na prática do campo são colocadas na segunda parte do capítulo buscando refletir sobre o papel dos acontecimentos positivos e negativos que servem para delinear a pesquisa e as contribuições metodológicas sobre a vivência do antropólogo em campo.

2.2 A construção do campo

Necessário compreender que a pesquisa e o próprio campo etnográfico são uma construção de trajetória e de um conjunto de observações, considerando a mudança no olhar e a possibilidade sempre em aberto. A etnografia é a própria teoria vivida, é aberta e não fechada (PEIRANO, 2008). O etnógrafo é parte da pesquisa, é agente, constrói a pesquisa e reconstrói a si próprio a partir do seu lugar em relação ao outro e ao fenômeno. Como já dito anteriormente, o campo é construção, são as pistas que encontramos a cada rua e a cada conversa, que fazem as “experiências etnográficas”, ou o “direito de seguir” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 37). É um campo aberto, sempre possível, “a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar” é construída através de uma atitude de estranhamento da realidade com “eventos, vividos ou observados” que em um primeiro momento parecem dados ou naturais, os estranhamos e procuramos as explicações dos fenômenos sociais em constante contato com o próprio fato, “e é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos” (PEIRANO, 2014, p. 379). Os dados, como observa a autora, não são apenas coletas ou descrições, se tornam questionamentos e dão origem a problemáticas ou a sistemas explicativos ou indagativos. A etnografia é teoria viva, pois o campo o é, assim como a cidade também

é, “a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual” (PEIRANO, 2014, p. 381).

Neste sentindo, compreendo o campo como uma construção. Em meu trabalho de monografia na área de Geografia Cultural intitulado “Manaus: hábitos alimentares como experiência geográfica entre a identidade e o lugar”, tive meu primeiro contato com o porto da Manaus Moderna ao longo dos mercados e das feiras e de maneira um pouco mais próxima do rio Negro, podendo observar a dinâmica local.

A complexidade da circulação, relações e do movimento me chamaram atenção, entretanto, o elemento Rio, ainda era o que mais permeava minhas dúvidas. Ao mesmo tempo, durante as disciplinas de hidrografia na graduação, havia um interesse pelas questões que envolviam as águas urbanas, no tocante às relações da cidade com seus chamados “igarapés”, pequenos córregos que cortam seu território que, em sua maioria, estão em níveis altos de degradação, são percebidos como sujos, aterrados, cercados, joga-se lixo, até que ora, em um movimento natural ou não, esses leitos são inundados causando transtornos à população, principalmente àqueles que moram em suas margens de maneira precária. Essas pistas me levavam a refletir sobre uma relação conflituosa com as águas urbanas.

No Mestrado em Antropologia Social/PPGAS/UFAM, minha preocupação e atenção estão para as imagens e símbolos produzidas pelos cidadãos para com as águas. No primeiro momento da pesquisa, buscava entender: como as pessoas enxergam o rio Negro a partir da cidade? Inúmeras eram as inquietações para além dessa pergunta. Para um trabalho sistematizado, procurava definir alguns pontos de contato mais direto com as águas, onde as relações com o rio Negro pudessem fazer emergir múltiplas percepções acerca de um mesmo elemento: o rio.

Em um primeiro momento, o porto da Manaus Moderna estava como principal área de estudo, pela diversidade de grupos sociais para os quais eu poderia olhar a fim de perceber diferentes visões e relações com as águas. O primeiro momento da pesquisa foi de ambientação no porto, tentando observar o contexto urbano, o movimento e sua dinâmica para além de um morador da cidade, principalmente das ruas que levam ao rio Negro. Nesse sentindo, busquei uma atitude de estranhamento de minha própria cidade (VELHO, 1987) com o objetivo de ir para além de uma realidade dada, encontrar as relações mais complexas que permeiam entre Manaus e suas águas, buscava um “estranhamento do familiar” que, segundo Velho (1987, p. 45), é enxergar o familiar

“não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos [...] dos quais fomos socializados”.

Nas primeiras observações no bairro, a partir de uma caminhada etnográfica (ROCHA e ECKERT, 2003) no porto de Manaus, meu olhar buscava as proximidades de contato com as águas. Antes de uma delimitação final dos pontos específicos da pesquisa, a partir do mês de maio de 2021 comecei observações mais livres pela área ao entorno da Igreja da Matriz (terminal de ônibus) e da feira da Manaus Moderna, observando as relações e atividades que iam das ruas até o rio. O ano de 2021 foi um ano atípico para a cidade de Manaus devido ao recorde do nível da cheia que atingiu sua cota máxima com 30,02 metros passando a cota de 2012²⁹. A alta marca deu novos sentidos aos espaços do centro de Manaus. A régua de medida das cotas e nível do rio transformou-se em ponto turístico onde presenciei inclusive a limpeza da água por parte de agentes da prefeitura (Figura 21).

A condição de Manaus enquanto uma cidade à beira das águas se tornou evidente a partir de novas espacialidades que se formaram na sua região central com a cheia e principalmente nos dias de chuva quando o rio Negro adentrou a cidade com suas águas em 2021 em cota máxima desde 2012, reorganizando os trajetos de pessoas e ônibus, causando inundação nas ruas e interditando calçadas. A moderna Manaus que aterrou seus igarapés retornou aos seus velhos tempos de colônia do império andando por cima de marombas construídas pela prefeitura da cidade (Figura 22 e 23). O Rio inundando a cidade, aparece como atração, pessoas se posicionavam em frente às áreas alagadas ou mesmo subindo a ponte construída pela prefeitura para atravessar de uma calçada a outra para registrar o momento histórico, que com intervalo de anos se repete. Ao lado esquerdo com as calçadas inundadas, os transeuntes passavam por cima das marombas³⁰ e as lojas se adequam a subida das águas.

²⁹ G1-AM. **Após a maior cheia da história, nível do Rio Negro baixa e fica em 30 metros em Manaus.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/06/25/apos-a-maior-cheia-da-historia-nivel-do-rio-negro-baixa-e-fica-em-30-metros-em-manaus.ghtml>>. Acesso em: 5 jan. 2022.

³⁰ Construções feitas para elevar a passagem e criar caminhos suspensos sobre áreas alagadas, feitos geralmente como madeira, mas também podem usar estruturas já prontas com ferro e compensado.

Figura 21: Régua de medidas no nível do rio Negro no porto de Manaus



Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 22: Terminal da Matriz inundado com transeuntes passando pelas marombas



Foto: Matheus Areb, 2021.

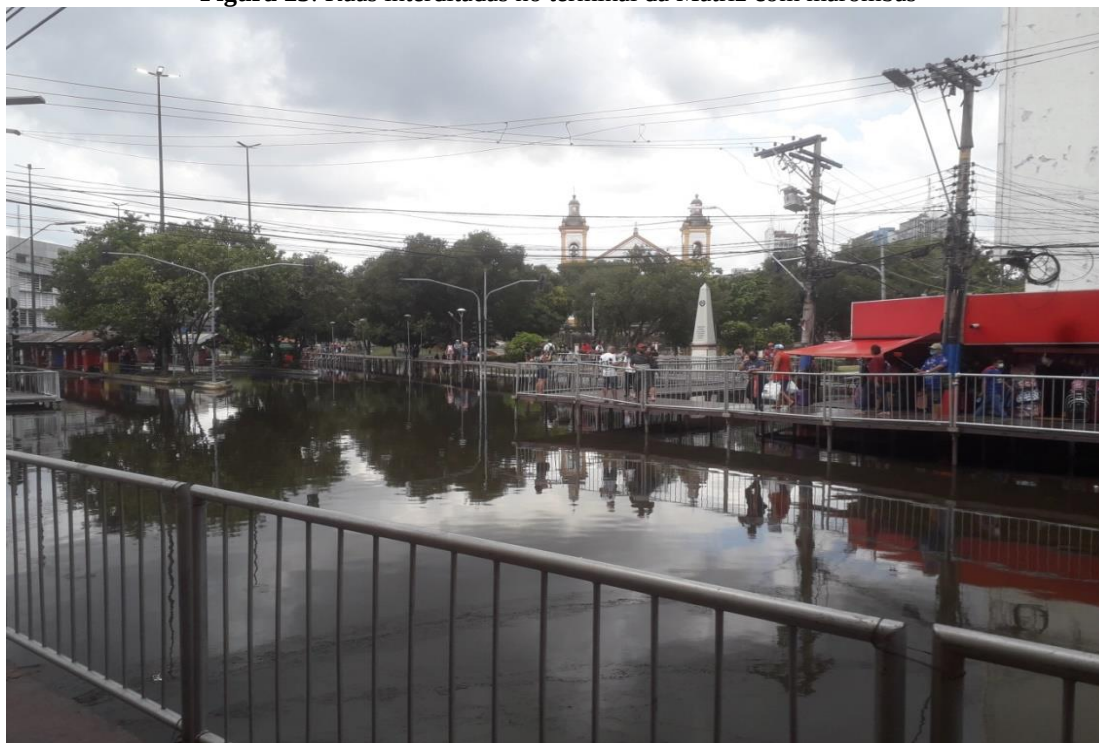
Figura 23: Ruas interditadas no terminal da Matriz com marombas

Foto: Matheus Areb, 2021.

Ao passar pelos arredores da Feira Manaus Moderna e Mercado Adolpho Lisboa, especificamente pela Rua Barão de São Domingos, me deparei com a água que tomava a rua avançando pela Tv. Tabetião Lessa. Pessoas circulavam pelas marombas (Figura 24) com compras, nessa rua conhecida por dispor de venda de artigos de pesca no seu início e, em sua outra metade, intenso comércio de verduras, frutas, laticínios, produtos em atacado, etc. Mesmo com as águas dentro das lojas, os comerciantes e fregueses se equilibravam entre as marombas construídas, carregadores de vez em quando deixavam uma fruta cair na água. Nas esquinas das marombas pessoas conversavam.

Nesse trânsito que reflete a mesma dinâmica da parte da frente da Manaus Moderna, o próprio porto da cidade, percebi que a intensidade do fluxo e a lógica de passagem comercial característica do centro de Manaus e seus espaços, fez com que o estabelecimento de contato e construção de interlocutores para a pesquisa fosse mais difícil. Ao longo do porto da Manaus Moderna, várias balsas estão ancoradas que diferem em cores, a explicação local é que a cor da balsa é uma forma de localização de onde o passageiro pode encontrar seu barco de viagem ou mercadorias. Outra explicação é que a cor das balsas é referente à região e caminho do rio para a qual os barcos dessa balsa vão (subindo rio Negro, subindo rio Solimões, descendo Amazonas,

balsa de barcos de passeio: proximidades de Manaus). Uma interessante balsa é a laranja (Figura 25) que tem menor fluxo que as demais. A balsa em sua parte inicial é utilizada na cheia pelos vendedores de peixe, que fazem sua venda de seus barcos sobre as águas, os clientes se debruçam sobre o corrimão da escada que na cheia fica encoberta até mais da metade pelas águas, a troca de mercadorias se faz nesse contexto, o forte cheiro de peixe, clientes que apenas olham, que comprem, peixeiros manuseiam dinheiro e peixe, uns “tratam”³¹ seus peixes perto das águas, dando ao rio seus dejetos, o fluxo é contínuo, muitas vezes assim como pessoas, em um trânsito de vendas e gente.

Houveram sucessivas recusas em conversar, alguns pela pressa ou pela falta de tempo, outras porque precisavam atender aos clientes, organizar seus produtos, fazendo com que as dificuldades se impusessem e me levassem a pensar que não seria possível realizar o campo naquele local devido ao caráter frenético das atividades e das pessoas nessa área.

Figura 24: Marombas construídas a longo da Rua Barão de São Domingos (Centro/Manaus).



Foto: Matheus Areb, 2021.

³¹ “Tratar” o peixe significa prepará-lo para uso para torná-lo alimento. São os primeiros cuidados que se tem com o peixe quando é retirado da água para a venda: se retiram escamas, espinhas, os órgãos são retirados passando por um processo de “limpeza”, também se fazem cortes nas laterais do peixe ato chamado de “ticar” o peixe e serve para quebrar as espinhas e facilitar sua retirada. Tratar o peixe também pode incluir passar o limão para tirar o cheiro típico o que chamam regionalmente de “pitiú”.

Figura 25: Transeuntes na venda de peixe na rampa de acesso a balsa laranja no porto de Manaus.



Foto: Camila Fuziel, 2021.

Estar na cidade é, sobretudo, uma experiência frenética (SIMMEL, 1967), um amplo espaço de estímulos e múltiplas relações torna esse campo urbano, um mar de possibilidades e descobertas, de novos traços e pistas. Após os primeiros trabalhos de campo, a partir do estágio docente no primeiro semestre de 2021 na disciplina de Antropologia urbana na graduação em Ciências Sociais (UFAM), discutindo sobre Patrimônio cultural e novas centralidades em meio urbano, fizemos a leitura do livro “Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso” de José Aldemir (2003). Ao enfocar o cotidiano da cidade, o autor descreve a intensa relação entre dois bairros que distanciados fisicamente pelas águas tornavam-se cenário, a partir do rio, de um trânsito de moradores, exemplo disso, os catraieiros, donos das catraias “pequenas embarcações cobertas com toldo de lona” (OLIVEIRA, 2003, p. 141), que faziam o transporte entre diferentes pontos que margeiam o Igarapé do Educandos, com rotas entre os bairros do Centro, Educandos, São Raimundo, Glória e Cachoeirinha.

Mesmo com a dificuldade em estabelecer contato, continuei percorrendo o porto de Manaus para observar a dinâmica do local. Lembrando da leitura do livro de Oliveira (2003), citado acima, percorri a Av. Lourenço da Silva Braga, procurando o antigo ponto dos catraieiros nos altos da Rua dos Andradas. O ponto já não existe mais,

as obras da Manaus Moderna construíram um muro entre o centro e o rio. A paisagem que se vê agora é uma pequena mureta, as águas do igarapé do Educandos e o bairro do Educandos (Figura 26).

Figura 26: bairro do Educandos visto do Centro de Manaus.



Foto: Matheus Areb, 2021.

A partir dessa rua no centro, foi possível avistar o alto bairro do Educandos. A “cidade alta” possui um relevo mais elevado em relação ao centro e é possível avistar as ruas que cortam o bairro e dão para o rio. As palafitas também me chamaram atenção, as típicas casas do meio amazônico, sustentadas por paus de madeira que ficam nas encostas dos leitos do rio, as margens do bairro. As palafitas já haviam sido evidenciadas no mesmo período pela cheia histórica que atingia a cidade, casas alagadas e os transtornos do rio em sua alta marca afligiam as famílias. Esses espaços de moradia estão no limiar entre rio-cidade, um espaço dentro da cidade onde a vida cotidiana se faz marcada por processos de segregação e falta de infraestrutura adequada. Os moradores que habitam nessas áreas possuem contato direto com as águas do rio em períodos de cheia, se tornam um grupo diferente daqueles que experimentam um distanciamento das águas morando nas periferias.

Guardando as observações e a leitura e em busca de novas informações, a situação das palafitas me chamou atenção, principalmente após vê-las nos noticiários devido às águas que adentravam na casa das pessoas. Meu interesse então se deslocou do centro da cidade, onde ainda não havia conseguido interlocutores, para as palafitas no Educandos. Minha preparação para a visita a alguma casa esbarrou na falta de conhecimento do local, aliada à ideia de perigo dos caminhos. Temi chegar pelos becos desconhecidos que não sabia aonde me levariam, assim, chegar por terra em um primeiro momento não foi possível. Meu caminho se fez pelas águas no primeiro momento no bairro de Educandos. Como na época da cheia, o igarapé do Educandos fica lado a lado às casas em sua cota máxima, era fácil parar em alguma casa para conversar com um morador ou uma moradora.. É comum barcos levarem pessoas por preços mais em conta a partir do centro de Manaus. Resolvi por segurança buscar um contato com um dono de barco através de professores da Universidade. Nessa rede de conhecidos é que consigo o número de Marcos, dono de uma lancha, morador do outro lado do rio Negro, na comunidade do Catalão³², o qual vivencia sua experiência nas águas desde muito cedo.

O barco de Marcos fica atracado no porto da Ceasa e faz parte de uma associação de navegadores que fazem transporte e passeio com lanchas. A área do porto da Ceasa é uma área limítrofe por se tratar de uma Avenida (Av. Min. Mário Andreazza-BR 319) e está entre os bairros da Vila Buriti e Mauzinho em Manaus. A viagem de barco do porto da Ceasa para o Educandos não é tão comum, ou seja, não faz parte de um trajeto cotidiano, por se tratar de um percurso mais longo e de preço alto, sendo que uma viagem custa em média mais de R\$ 150 por causa da distância. Deste modo, a razão para chegar ao bairro pelas águas por esse percurso citado, se deu pela rede de conhecidos com a qual tive contato com Marcos, o dono do barco e pelo ponto de saída ser na Ceasa, o que também envolvia questões de segurança pessoal, no que se referia a ir de barco com um “conhecido”.

O porto da Ceasa (Figura 27) é um ponto de passagem do final da BR-319 na cidade, que através de uma balsa, leva veículos para a continuação da rodovia do outro lado do rio Negro. No ponto, funcionam boxes com vendas de comidas e objetos diversos, além de pequenos lanches para passeios e travessias para municípios e

³² A comunidade do Catalão é formada por casas flutuantes que estão sobre toras de madeiras do outro lado do rio Negro. Ver: PINHEIRO, L.; CARDOSO, A. C. **A comunidade flutuante Lago Catalão – Iranduba AM: Um tecido urbano sobre as águas.** Revista de Morfologia Urbana, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e00114, 2019.

comunidades adjacentes. O trânsito no local é intenso, taxistas, passageiros que chegam de carro e descem no porto, passageiros que sobem com mochilas para esperar transporte, vendedores de peixe anunciam promoção e os navegadores, donos de barcos, sentam encostados no final da rua conversando.

Nesse ponto tive a possibilidade de estabelecer algumas conversas informais com outros navegantes que ficam na área, descansando, esperando clientes, cargas ou outros serviços para adentrar as águas. Nessas conversas pude compreender sua vivência mais íntima com as águas, sobretudo as do Rio Negro, aprendendo sobre regras nas águas, perigos e inclusive a beleza e o apego que sentiam pelo seu trabalho.

Figura 27: Porto da Ceasa visto do rio Negro.



Foto: Matheus Areb, 2021.

A viagem permitiu observar as formas de contato que Manaus tem com suas águas. Do Centro ao Educandos passamos pelo bairro Vila Buriti e Colônia Oliveira Machado até chegar ao igarapé do Educandos. A parte da margem sul da cidade pode ser considerada com possibilidade de contato quase nulo com as águas, já que os terrenos pertencem, em sua maioria, à iniciativa privada, quando não, ao Estado. Até ao bairro do Educandos observei a estação naval do rio Negro, a refinaria Isaac Sabbá, distribuidoras de petróleo e gás, a estação de energia, as empresas privadas de

navegação, uma fábrica de farinha de trigo, uma fábrica de cimento e gelo, uma vila militar e os estaleiros aduaneiros³³. A organização do espaço ao longo de terrenos margeados pelo rio Negro confirma a postura da cidade e do Estado em conceder às margens dos rios também à iniciativa privada, distanciando a população de um contato com as águas nessa margem sul da cidade.

Há um profundo conhecimento por parte dos navegantes sobre a dinâmica das águas, o que inclui as regras de navegação, mas também a compreensão de que o mundo aquático é habitado por outros seres. São imagens que as águas evocam (CUNHA, 2000), pois o rio pode ser perigoso. A água é a habitação das “feras” que podem ser bichos com maior porte que significam certo perigo de ataque. As feras têm outra dimensão como seres mitológicos que podem ser desconhecidos da vista dos homens em suas características, mas de alguma forma se sabe que estão presentes nas águas. O próprio rio é morada das feras. Existem formações rochosas e buracos ao longo do rio, esses são espaços onde as feras habitam e circulam, ao avistar pedras ao longo do rio, deve-se desviar para evitar o risco. Quando o rio está cheio, os peixes ficam pelas margens e quando está na vazante os peixes e as feras se concentram no leito do rio ao centro, por isso é preciso ter cuidado.

Além das regras para evitar o perigo, há códigos próprios aos navegantes que regulam o navegar. O tráfego dos barcos deve obedecer ao sentido do rio: se for subir o rio (a montante) deve-se ir pela direita de quem sobe e se descer o rio (a jusante) deve-se ir pela direita de quem desce, fazendo com o que rio tenha “duas mãos”. O sentindo do vento também é percebido. Os navegantes entendem que no inverno, o vento vem da direção da cabeceira do rio (montante) e no verão o vento bate a partir da direção da foz (jusante).

Foi possível compreender melhor a relação da cidade com suas águas a partir de um trecho na zona sul onde não há possibilidade de fácil contato com as águas do rio Negro, pois os terrenos são privados ou militares. Os diferentes grupos urbanos vão dando significados múltiplos ao mesmo canal fluvial. Rio-ponto estratégico militar, rio-caminho/perigo para navegantes, rio-morada humana, rio-morada de feras, rio-estaleiro, rio-serviço. Nesse sentindo, compreende-se a água em seus múltiplos aspectos: “a água é um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários” (CUNHA, 2000, p. 15).

³³ Os estaleiros são espaços de construção, reparos ou modificações em navios e barcos.

A carta-imagem (Figura 28) abaixo foi construída a partir do resultado das observações e diálogo com navegantes do Porto da Ceasa até o bairro do Educandos pelas águas. Os pontos foram observados, descritos e registrados por GPS durante a viagem, representando em carta-imagem o território-simbólico das margens. Em cada parte da margem da zona sul há uma atividade específica que faz com que as águas se tornem território simbólico com diferentes significados conforme seu uso. A massa de água a frente do porto da Ceasa é espaço de fluxo contínuo e constante de balsas, barcos grandes e lanchas, o que o torna um espaço aquático de passagem, sendo percebido e simbolizado enquanto uma água-caminho/rio-caminho, bem como todo o percurso da Ceasa até o Educandos e Centro da cidade é marcado pelo trânsito intenso de embarcações.

Existe uma diferença entre indústrias, algumas usam do rio para suas atividades de produção o que cria um caráter de rio-industrial, outras não fazem uso diretamente das águas, se sobressai o caráter de propriedade do espaço a margem, sendo a ancoragem de outros barcos proibida pelo caráter privado dessa parte da margem, torna a água território de indústrias, ou rio da indústria.

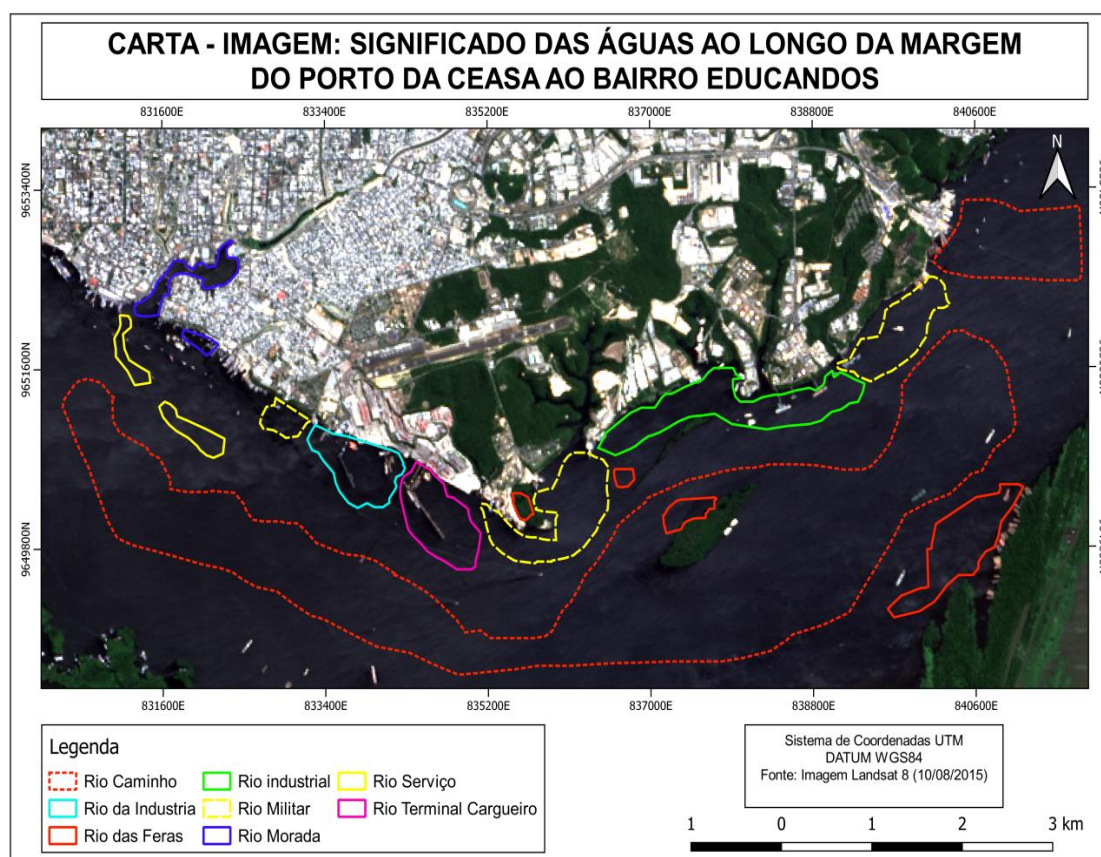
Ao longo das margens, vários pontos militares são encontrados como a Marinha, Vila Militar-DACOMN e Estação naval do Rio Negro, o que torna as águas como espaço de defesa-estratégico-militar.

Há uma parte do rio, onde funciona uma grande empresa de descarga de mercadorias de vários tipos, as balsas se estendem pelo rio e o trânsito de mercadorias nacionais e internacionais é frequente, evidenciado pelos grandes contêineres que chegam dos navios. O rio torna-se espaço do fluxo de cargas que chega a cidade.

Ao longo da margem de frente para o bairro do Educandos é possível encontrar vários flutuantes que oferecem serviços como postos de combustíveis para barcos e flutuantes que servem de oficinas para consertos de barcos, além de um açougue flutuante encontrado na margem, evidenciando que a cidade se estende para o rio.

A partir dos relatos dos donos de barcos, é possível compreender que territórios se sobrepõe entre o humano e não-humano, pois o rio também é morada de seres perigosos, os peixes ferozes, as chamadas feras se encontram junto às ilhas ou pequenos espaços rochosos profundos ao longo das margens. Do mesmo modo, a água é morada humana principalmente a partir do bairro Educandos, onde inúmeras palafitas e flutuantes são encontradas e estão sobre o leito dos rios, tornando as águas em rio-morada.

Figura 28: Diferentes significados da água do porto da Ceasa até Educandos.



Organização: Matheus Areb, 2021.

Ao chegar ao bairro de Educandos, adentrei o igarapé do Educandos. Com a cota do rio em 29,91cm, de barco foi possível passar lado a lado das casas de palafitas, próximo de suas janelas. Passamos de barco por uma família que fazia sua refeição em casa, pedimos uma informação sobre um morador conhecido do navegador e afirmaram que não o conheciam. O dono do barco, então, tomou a frente e me apresentou como pesquisador e perguntou ao morador Robson se podia fazer umas perguntas. Ele concordou e nos convidou para subir até a casa. Em conversa, Robson e sua esposa Marluci, me falaram das relações entre as águas e entre vizinhos, já que no momento estavam tomando café da manhã e uma vizinha do lado estava presente.

Meu objetivo, por desconhecimento do local, era entender a qual rua os becos levavam para que na próxima ida ao local conseguisse ir pelas ruas e não mais pelo barco. Pedi aos moradores se podia ver as marombas construídas e o resto do beco. O acesso ao beco foi permitido. Subindo a viela, os caminhos existem a partir do acesso as casas, com dobras acentuadas e estreitas e nunca sabemos, enquanto pessoas de fora, aonde vamos chegar. Descobri, pela placa de numeração, que estava no beco

Corinthians, subi até a avenida e cheguei na rua Delcídio do Amaral e, ao final, avistei a ponte Antônio Plácido de Souza. O primeiro momento foi profícuo pela possibilidade de tempo do morador nos receber e se dispor a explicar a vida em palafitas, além de outros vizinhos estarem presentes e contribuírem também.

Na segunda ida ao bairro de Educandos, busquei uma ambientação ao local, mas ainda com um olhar mais controlado e voltado para delimitar minha área de pesquisa. Com um mapa em mãos, tentei entender como um beco podia me levar a outro conjunto de casas de palafitas. Consegui identificar um beco no mapa, assim teve início a segunda ida. Minha chegada ao bairro, dessa vez, se deu pela ponte Antônio Plácido de Souza. Desci em um ônibus no centro e subi pela ponte por me parecer o caminho mais curto, pois o início da ponte é de ruas sem muito trânsito de pessoas, o que me causou medo. Subi a ponte e observei o igarapé de cima e os bairros do Centro e Educandos.

A observação da cidade, o “olhar” se mostra de grande importância, como me levar a perceber que esses dois bairros numa mesma cidade revelam formas e conteúdos diferentes separados por um rio. Isso me levou a pensar que a própria cidade, pela sua dimensão e aparência, é percebida como homogênea, mas Robert Ezra Park (1967) nos mostra que a cidade não é apenas “[...] uma construção artificial, está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõe; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana” (PARK, 1967, p. 25). Assim, Park descreve os inúmeros comportamentos citadinos, a partir das relações de vizinhança, moradia, organização industrial, ordem moral, trabalho, dinheiro, bebidas e bares, política, diversão e temperamento.

Cruzando a rua, muitas são as casas com arquitetura de aparência portuguesa, outros espaços são oficinas de serviços, subi a Rua Delcídio do Amaral ao encontro do segundo beco. Subi pela Rua Inocência Ramos e encontrei a viela que procurava disposta entre dois mercadinhos. A única coisa possível de ver era a entrada e os dois muros, o que havia ao final era desconhecido, o que me provocava insegurança. Ao adentrar, no meu lado esquerdo observei as casas, umas juntas às outras, janelas abertas, algumas com grades. Numa casa com um andar acima, uma mulher cuidava dos filhos sentada em uma varanda, me senti observado a partir de uma sentinela. Ao lado, algumas casas mais afastadas, o beco se alarga e, ao final, as casas de palafitas estavam dispostas de frente para o beco em outra ordem.

Continuei a caminhada e percebi algumas crianças brincando, mais a frente uma senhora sentada na escada com uma criança que aparentava ter quatro anos, embaixo um homem reformava a casa. Apresentei-me a senhora e perguntei se ela podia me tirar uma dúvida, ao que logo respondeu “*se não for demorar*”, deixando claro que eu era um de fora e nosso assunto seria breve. Logo ela me informou que estava no beco Ajuricaba, transversal ao beco Inocência. A sua casa estava na fronteira entre a terra firme e a água, as marombas estavam lado a lado ao pequeno chão meio terra batida e meio cimentada. Em seu relato informou que a vida nesta beira na cheia é marcada por uma relação tensional com as águas. Nossa conversa se fez muito proveitosa, pela troca de informações e o tempo que a interlocutora se dispôs a me explicar sobre as condições de vida no beco Ajuricaba. Ao longo das anotações e possibilidade de retorno ao bairro pelos primeiros contatos com os interlocutores, consegui traçar melhor a possibilidade de meus locais de pesquisa ao longo do beco Corinthians e beco Ajuricaba.

2.3 O desafio do contato

A antropologia se propõe a refletir constantemente sobre sua própria prática metodológica, para além da dimensão teórica. Pensar o campo como experiência, torna as reflexões sobre a construção, o processo, as negociações da pesquisa como dados e contribuições metodológicas importantes para um aperfeiçoamento do fazer antropológico e da própria prática etnográfica. Para além, a realidade e a própria experiência do antropólogo não é como um script de um teatro, os dados não estão “aí”, a vivência na construção da pesquisa é marcada inclusive por inúmeros conflitos e impasses. Essas experiências fazem parte do trabalho do antropólogo e quando colocadas para reflexão amadurecem a disciplina e servem para antropólogos e principalmente aprendizes (re)pensarem suas próprias estratégias quando os imponderáveis se colocam na pesquisa:

A própria relação interpessoal e o próprio dado da subjetividade são partes de um método de trabalho, por isso que a gente vai falar em envolvimento pessoal do pesquisador com as pessoas, com o contexto da pesquisa e assim por diante, como dados do próprio trabalho científico. Ou seja, como dados que, em vez de serem tomados como alguma coisa que se põe contra e precisa ser controlada, são tomados como alguma coisa que faz parte da própria prática do trabalho de campo (BRANDÃO, 2007, p. 12).

Me ateei a alguns detalhes no entremeio do cotidiano da pesquisa, destacando a relação da construção de relação com os interlocutores da pesquisa. Primeiramente

quero considerar a importância de discutir a experiência de campo e a construção da pesquisa: (1) contribuição metodológica e (2) por força do contexto pandêmico que se impôs, as possibilidades de pesquisa na cidade se deram sempre a partir do quadro da pandemia, logo, na medida em que a vacinação avançou no ano de 2021 a possibilidade de observações na cidade se tornaram possíveis a partir do segundo semestre desse ano, seguindo as medidas de segurança necessárias³⁴.

No momento inicial, a pesquisa buscava compreender a partir da área do porto de Manaus, como os diferentes atores dessa cena classificavam as águas do rio Negro a partir de uma relação simbólica e cultural. No projeto, tracei meus interlocutores como donos de barcos, passageiros, vendedores de passagens, carregadores e vendedores de mercado ou ambulantes. Minhas primeiras idas ao centro de Manaus se deram no período da cheia onde as águas do rio Negro adentraram a cidade. Minhas tentativas foram na maioria frustradas de traçar uma primeira conversa com os sujeitos. Acontece que no centro de Manaus, a lógica de contato que opera é a da venda/serviço, o que dificulta, em um primeiro momento, o conhecimento do outro.

Minhas primeiras visitas ao centro de Manaus somaram quatro ao todo, dessas idas consegui conversar apenas com três pessoas. As recusas foram muitas, quando ia as lojas muitos me pediam para falar com o “dono da loja” sem me indicar quem era e aonde encontrá-lo, houve os que não gostavam de dar “entrevista” como uma senhora dona de banca de verduras: “ai eu não sou boa em falar não, vai aqui com minha amiga do lado que ela adora dar entrevista”, outras atitudes se deram pelo meu próprio meio de estabelecer relação, quando tentei conversar com alguns vendedores de peixe da balsa laranja estavam muito ocupados e encerravam as conversas principalmente quando avistavam a possibilidade de um novo comprador/freguês se aproximando.

Nesse espaço, quando na cheia, o rio se eleva até as grades da rampa no porto do centro de Manaus, possibilitando aos pescadores atracarem de frente para essa área, podendo atender seus clientes e deixar os peixes a mostra (Figura 29). Logo, esse grupo que imaginei de um contato mais direto com as águas como um dos mais relevantes para a pesquisa se tornou de difícil contato, por estarem entre os barcos, cuidando dos peixes ou atendendo os clientes. Sobre o contato, Rocha e Eckert (2003, p. 6) afirmam que o contato com os cidadãos é marcado pela dimensão do tempo, a cidade é território

³⁴ Medidas como distanciamento de no mínimo um metro da pessoa, contato físico evitado, higienização das mãos e uso de máscaras. As medidas mais detalhadas de prevenção se encontram em GOV.BR. (2021). Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger>>.

temporal, lugar de movimento. Os encontros entre os etnógrafos e os habitantes são geralmente inesperados, fortuitos, diferente dos encontros em aldeias ou tribos, onde os interlocutores fazem do seu lugar um espaço conhecido e delimitado. Os atores por vezes somem a cada dobrar de esquina no cenário da cidade, ora com a possibilidade do reencontro ou não, com aqueles que possuem pontos mais localizados, a relação e a permissão do contato são mediadas pelo que as autoras chamam dos “rituais de sedução e jogos de conquista da atenção do Outro”:

Figura 29: Vendedores de peixes atendem os clientes de frente para a rampa do porto



Foto: Camila Fuziel, 2021.

Ainda no centro de Manaus, quando percorri a Av. Lourenço da Silva Braga avistando as palafitas, tomei nota para posterior reflexão. Por estarem em contato com as águas do rio Negro a partir das margens e próximo ao meu primeiro local delimitado, as palafitas apareceram como um “direito de seguir” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 37), ou seja, uma possibilidade que as pistas etnográficas revelaram enquanto outros modos de contato com as águas da cidade de Manaus a partir de outro ponto da cidade. Decidi, então, visitar o bairro do Educandos entrando pelo igarapé do Educandos de barco, isso se deu pela minha possibilidade de contato com as casas de modo mais direto.

Em meu primeiro contato com os interlocutores no beco Ajuricaba percebi que no bairro de Educandos e sua área margeada pelo igarapé, muitas são as relações e formas de contato com as águas, principalmente quando falavam sobre o desafio de morar nas palafitas. Nesse sentido, a narrativa dos moradores se constituiu em fatos que mostraram uma dimensão conflitiva e tensional profunda de um modo específico de habitar em áreas úmidas em Manaus. Havia moradores dispostos a me receber para conversar e isso se tornou uma possibilidade de estabelecer mais reflexões sobre o tema, sendo que esses diálogos se constituíram naquilo que Magnani (2009, p. 136) chama de “sacada etnográfica”, fatos ou insights relacionados a dinâmica do mundo social que apontam um novo entendimento sobre algo.

Ainda na delimitação dos interlocutores, buscava mais informações sobre o bairro. Em um primeiro momento planejava trabalhar também com as ruas que dão para o igarapé do Educandos, sendo uma dessas vias localizada no início da Rua Manoel Urbano, dando para o igarapé de Educandos, é o espaço dos famosos catraieiros (Figura 30). A rua conta, de um lado, com residências e oficinas e do outro, com uma estação de tratamento de esgoto do bairro, com os catraieiros localizados no final da rua.

Figura 30: Ponto dos catraieiros entre o Igarapé do Educandos e a Rua Manuel Urbano.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Minha tentativa de estabelecer contato nem sempre foi promissora, por vezes esbarrava justamente em como me apresentar para desconhecidos, já que para a construção de um diálogo é necessário que ambos se reconheçam para uma troca comum. Eu era um desconhecido que precisava explicar minhas intenções para ter atenção dos sujeitos, o que nem sempre era capaz de fazer. Por vezes minha tentativa de comunicação esbarrava na falta de experiência com conversas informais em contexto de pesquisa científica, já que estava habituado com entrevista estruturada. Tentei estabelecer uma postura mais participativa e percebi que o diálogo e as palavras iniciais são significativas, os primeiros momentos em campo são decisivos para a continuidade da conversa ou não. O que aconteceu com os catraieiros foi um momento de recusa diante da maneira como me referi a eles, como mostra meu registro no diário de campo:

Dobro na Rua Amâncio de Miranda, maioria de residências, rua tranquila possível de encontrar torneiras, oficinas, um mercadinho, dobro na Rua Manoel Urbano com esquina para a Escola Estadual Estelita Tapajós. Desço a tranquila rua, uma ladeira com relativo declive, maioria residencial, do lado esquerdo dois pequenos comércios. Passando pelo Rua Boulevard Sá Peixoto, chego ao final dessa rua que dá para o rio. O cenário chama atenção, a estrutura que está disposta nos pontos de ônibus está no final da rua indicando que ali é um local de passagem. Nesse final da Rua Manoel Urbano funciona o tradicional ponto dos catraieiros, antes do projeto Manaus moderna e a construção da Ponte, os catraieiros faziam um trânsito entre este ponto na Rua Manoel Urbano até a Rua dos Andradas no centro. A tentativa de aproximação me gera um leve desconforto, o ato de me apresentar diante de um grupo, falar sobre a minha pesquisa é sempre um ato de ser avaliado e se expor. paro um pouco em frente a estação de tratamento de esgoto e reviso minhas perguntas, enquanto isso um carro branco para e desce um adulto e um adolescente, que rapidamente seguem em direção aos catraieiros, sobem no pequeno barco e saem rio a fora, o que me faz perceber que há uma rede de relações de conhecidos entre catraieiros e comuns passageiros. Tento me aproximar do grupo, que se entreolham, peço se posso tirar uma dúvida, minha intenção não é ser direto e procuro desenvolver a conversa a partir de um ponto de partida, a história, o que não parece agradar, contextualizo minha pergunta afirmando que havia pesquisado sobre o local e ali funcionava o ponto dos catraieiros, a resposta é taxativa: “funcionava não, funciona, estamos aqui, tem os barcos aqui!”, o senhor que me responde é o mesmo que toma a condução da conversa para si, enquanto os outros apenas observam, respondendo o essencial, ele de óculos escuros não consigo fazer o contato visual. A resposta direta me deixa desconcertado, ela soou como a negação da existência desse grupo tradicional, permeada por um questionamento que pressuponha o “esquecimento”, a conversa trava e pergunto sobre a cheia, diz que a água chegou apenas ao ultimo degrau do ponto, pergunto quem são os passageiros, complemento perguntando se são moradores, ele completa: “moradores, empresários!” O que me pareceu em certo sentido uma tentativa de dotar o trabalho de importância pela demanda do empresário, em um rebate a minha primeira pergunta, ou seja, nós existimos e levamos gente importante também, eles vem até nós. Em um momento de silêncio que busco outra pergunta, um tanto nervoso em escolher uma errada novamente, ele puxa conversa com um colega sobre o aniversário da filha, significando que minha presença ali era tanto faz, e não seguia uma linha de continuidade, me senti um intruso, perguntei sobre o trajeto, um

deles me afirmou que faziam o trajeto até o São Raimundo. Encerrei a conversa e agradei.

As tentativas de aproximação dentro do meio urbano são um esforço de contato entre fazer a si e a sua pesquisa conhecidos. No urbano, a vida em sua maioria se fala aos conhecidos, familiares, do mesmo grupo social, vizinhança, apesar de pequenas sociabilidades se formarem por vezes em filas de bancos, hospitais, mas são situações de encontro contextuais, que o conhecimento de quem é o outro é percebido pelos mesmos fins que ali estão. No contexto de uma etnografia urbana, o contato com o outro é provocado e artificial (ROCHA e ECKERT, 2003, p. 7), o que gera tensões. A impessoalidade é a marca da cidade, já que se deve ter um cuidado com as informações e com o perigo do “outro” que está na rua, o desconhecido. O contato é acompanhado por um estranhamento e, muitas vezes, um movimento de recusa.

O contato do etnógrafo urbano é sempre uma permissão, um “pedido de consentimento” (ROCHA e ECKERT, 2003, p. 7) uma solicitação, reconhecida a partir dos olhares, movimentos de recusa ou aceitação, do se dispor e do inclinar-se a ouvir e falar, um passo de aceitação ou recusa à comunicação solicitada, que constitui uma verdadeira “ritualização do estar na rua quotidianamente” (ROCHA e ECKERT, 2003, p. 7). As circunstâncias são “artificiais”, o contato é provocado, relação construída em um jogo de negociação. Importante ressaltar que no trabalho etnográfico enquanto um trabalho de contexto, as dimensões e os imponderáveis da vida se sobrepõe, tornando por vezes o campo um verdadeiro desafio antropológico. Esse campo na cidade que parece fugaz e fortuito, não significa a descontinuidade da compreensão como um todo, cada interlocutor, narrativa, história, conversas rápidas concebem as pistas para um entendimento da cidade e as interações, sendo que cada encontro é “único” segundo Arantes (1994, p. 201).

No beco Ajuricaba, consegui conversar com uma senhora sentada na escada de sua casa. Percebi que o ambiente doméstico pressupõe certa autonomia de pausa para conversar diferente da relação do trabalho que encontrei no porto de Manaus. A casa enquanto um lugar de autonomia permite a pessoa parar para conversar com aquele que chega a porta, seja o vizinho ou o antropólogo urbano. Foi o que aconteceu quando conheci, em outro momento, a moradora de uma palafita que se tornou minha principal interlocutora do beco Ajuricaba, Ana, uma senhora de 63 anos. Quando a vi pela primeira vez, estava em sua cozinha que dá para o beco, me convidou para entrar e sentar e me explicou a vida na cheia e na vazante. Assim, a principal motivação para

delimitar meus interlocutores entre os moradores das palafitas foi a possibilidade de manter o diálogo com eles e poder os ouvir e aprender sobre o seu mundo. Não apenas o diálogo pressupõe troca de sentidos, a própria comunicação torna-se cultural: “O diálogo ‘cria um mundo’ ou, pelo menos, ‘uma compreensão de diferenças entre dois mundos’ e aproxima pessoas que estavam distanciadas” (CRAPANZANO, 1991, p. 61). É um processo de abrir-se as experiências do campo, deixar os sentidos sensibilizados pela teoria nos conduzir a um entendimento comum de um fenômeno. São dois mundos que se chocam, através de um processo de estranhamento de um lado e a narrativa do outro, com papéis que se invertem.

Estando entre as casas junto aos moradores das palafitas, foi possível perceber pela observação dos movimentos entre o beco e casa e nas histórias, que esse espaço é não apenas marcado por conflitos com as águas da cheia, mas espaço do cotidiano e de muitas relações, espaço da vida. Assim, os moradores das casas de palafitas tornaram-se interlocutores da pesquisa no momento em que me aceitaram e eu compreendi esses espaços como: (1) lugar de contato direto com águas, (2) rede presente de sociabilidades e a (3) possibilidade de estabelecer diálogo com os moradores e ser aceito por eles.

Para a antropologia, a observação participante é ferramenta importante. Participar com eles, interagir, se fazer um no meio e aceito. Em contexto pandêmico, o ver e ouvir se fizeram enquanto ferramentas principais mais do que o falar. Entre as palafitas, meu olhar estava direcionado para as relações das pessoas com as águas, além de seus movimentos e relações entre si pelas marombas e pelos becos, além das relações temporais entre a vazante e a cheia.

O trabalho de campo entre as palafitas durou seis meses de Agosto a Dezembro de 2021. Em meu primeiro momento no beco Corinthians, como já citado, cheguei de barco pelas águas do Igarapé do Educandos buscando um contato com as casas. Nessa minha primeira visita tive contato com quem seria meu principal interlocutor da área de palafitas correspondente ao beco Corinthians, Robson.

Quando cheguei de barco a casa de Robson, me apresentei como estudante que estava fazendo uma pesquisa para a faculdade. Iniciei explicando que meu interesse estava em saber sobre a cheia e o modo de vida no local, ia aprofundando as questões que ele colocava e tirando minhas dúvidas. Robson me contou com detalhes sobre vários aspectos da vida em palafitas, ao passo que falava de sua própria, em sua maioria relatando sobre suas experiências como cristão e discorrendo sobre sua fé. Avançando no tema, falando sobre a “proteção divina” retornou para a situação das palafitas,

descrevendo que “*Deus protege da queda e da água*”, uma referência à proteção divina tanto em tempos de vazante como em tempos de cheia. Esse primeiro momento serviu para conhecer a vizinha de Robson. O cômodo da casa onde conversamos, era uma área aberta equivalente a uma varanda que dá para o rio.

Neste sentindo, minha ligação com Robson, enquanto um dos principais interlocutores, se deu pela sua disposição ao diálogo, me recebendo. Além disso, sua vivência no bairro como vendedor ambulante de salgados que tinha conhecimento do local, ajudava a entender o contexto do bairro e também a vivência a partir das casas de palafitas ao longo do beco Corinthians.

Em minha primeira chegada ao beco Ajuricaba, conheci também a Márcia. Apresentei-me como estudante e perguntei sobre a situação das palafitas durante a cheia de 2021. Márcia estava sentada no degrau de sua casa, na porta da frente, observando sua filha e genro trocarem as madeiras da casa de palafita, enquanto isso, seus três netos pequenos, na faixa entre 6 a 8 anos, brincavam na frente de casa. Márcia é uma senhora de 55 anos, consegui compreender muitos aspectos do conjunto de casas com ela. A moradora possui em sua casa alguns produtos variados para venda, funcionando como uma pequena “taberna³⁵” que facilita aos moradores das palafitas não precisarem subir o beco para comprar pequenos produtos na parte de cima, a rua do bairro.

Ao todo, os interlocutores somaram em torno onze pessoas, sendo cinco ao longo do beco Corinthians e seis no beco Ajuricaba. Com alguns interlocutores tive conversas mais rápidas, fui os conhecendo pelas relações com os principais interlocutores, mas a maioria conheci sozinho andando ao longo das palafitas. Na medida em que alguém aparecia na porta, eu solicitava conversar. Escolhia me apresentar como “estudante, que cursava mestrado em antropologia na UFAM e fazia um trabalho sobre os impactos da cheia de 2021 e a vida nas palafitas”. Minha escolha em começar pela “cheia” se dava pelo motivo de direcionar a conversa para o tema relativo à água do igarapé e a própria condição de vida no local que se desenrolava na medida em que fazia mais perguntas.

Minhas primeiras perguntas foram guiadas por um roteiro, em outras visitas perguntava questões que apareciam como dúvida. Minha postura, às vezes, era de ficar em pé na porta ouvindo os moradores falarem enquanto eu anotava em um caderno. Nas vezes em que a conversa demorava, sentava no chão ou na escada da porta da casa para

³⁵ Pequeno comércio com variedade de produtos mas quantidade menor que mercados. São espaços típicos de bairros, geralmente feitos em compartimentos que dão para a rua na casa dos moradores.

poder escrever melhor. O quadro abaixo reúne os interlocutores da pesquisa referente aos dois bcos (Tabela 1):

Tabela 1: Relação dos interlocutores da pesquisa³⁶

Nº	Nome	Beco
1	Robson	Corinthians
2	Marluci	Corinthians
3	Marta	Corinthians
4	Andreia	Corinthians
5	Rosa	Corinthians
6	Ana	Ajuricaba
7	Márcia	Ajuricaba
8	Cíntia	Ajuricaba
9	Núbia	Ajuricaba
10	Francisco	Ajuricaba
11	Fátima	Ajuricaba

Org: Matheus Areb, 2021.

Os interlocutores apresentados são classificados como aqueles chamados de “principais” (FOOTE-WHYTE, 1975, 77) que contribuem para a pesquisa no sentido da profundidade de suas informações e explicações, além de estarem estrategicamente espalhados na área de estudo para fornecerem essas informações de diferentes perspectivas.

Os relatos dos interlocutores são fonte importante para compreender esse mundo a partir de quem o vivencia e experimenta todos os dias, em sua fala está marcada a experiência de seu próprio ambiente, suas relações, conflitos e afetos, como afirma Devos, Soares e Rocha (2010, p. 60), “A paisagem está expressa não só na pintura ou na fotografia, mas nos relatos orais e narrativas míticas que representam os cenários das ações narradas”. O estabelecimento de um contato e a compreensão do mundo dos interlocutores é baseada “pela presença continuada no campo, uma atitude

³⁶ Pseudônimos.

de atenção viva” (ALVES, 2016, p. 39). Parte-se do superficial para o real, de modo que os integrantes do seu “pedaço” definiam o que eu deveria ouvir e observar (SCHWADE, 1992) só posteriormente chegando ao nível da vida e das ações, para além das faladas, comentadas e citadas.

2.4 Metodologia da pesquisa: uma nova entrada em campo

Diante da possibilidade de estabelecimento de contato com os moradores das áreas visitadas, o local da pesquisa compreendeu o conjunto de casas de palafitas que são acessadas ao longo dos becos Corinthians e Ajuricaba no bairro do Educandos. Após essa delimitação e o estabelecimento dos interlocutores, minhas anotações basearam-se em organizar as problemáticas e focar meu olhar para aquilo que era essencial: relação dos moradores com as águas, com seu espaço e entre si enquanto uma comunidade.

Em um primeiro momento tive contato com meus interlocutores em ambos os becos. Após esse contato realizei um momento de reconhecimento do bairro. Conhecer a área de estudo para além das áreas específicas é necessário. Entender as singularidades são pontos importantes para perceber pequenas dimensões da vida e motivações presentes nas falas das pessoas sobre seu modo de vida no bairro. Brandão (2007, p. 12) destaca esse ponto metodológico como de grande relevância, pois a pesquisa antropológica, na sua visão, “é uma vivência, ou seja, mais do que um puro ato científico”. Para a autora, o trabalho de campo produz experiências que se tornam conhecimento, no caso dessa pesquisa, conhecimento sobre o bairro e sua dinâmica.

O período de reconhecimento do bairro foi de ambientação, seguindo a ideia da abordagem metodológica de uma etnografia de rua a partir dos estudos em antropologia urbana de Rocha e Eckert (2003) que trazem práticas e técnicas importantes para pensar uma etnografia na cidade. O presente trabalho de dissertação é realizado em um espaço de moradia, ambos sendo na cidade, tem nas ruas seu início. As relações espaciais se entrecruzam na cidade pelos itinerários dos cidadãos. Estar na cidade é uma prática espacial, seja de uso, pertencimento ou passagem. A cidade se faz a partir de paisagens, de elementos que a compõe. Alguns atos metodológicos nos ajudam a compreender a vida urbana, segundo Rocha e Eckert (2003): (1) observação sistemática, (2) fragmentos de interação, (3) contato e (4) olhar, que não se encerram nem se limitam, mas que a partir de outras leituras ganham mais técnicas.

Após percurso pelo bairro segui para as áreas de palafitas, realizei os contatos com os primeiros interlocutores e, sabendo os nomes deles, me senti seguro para relatar de quem eu era conhecido caso fosse interpelado como um “estranho”. A partir do reconhecimento do local, desenhei os espaços das palafitas em um esboço e me dediquei a conversar com outros moradores, seguindo assim a rotina de pesquisa.

Como o contexto da pandemia impedia um contato físico mais aproximado, declinei de utilizar gravador, por mais que fosse necessário em algumas vezes, além de que não era meu interesse utilizá-lo por ter o caráter de conversa “gravada” que pressupõe uma formalidade. A recusa do gravador se deu pela escolha da liberdade de fala.

Sobre os dados que compõe um cenário mais amplo da pesquisa, foram pensados através da “perspectiva distanciada” e fazem parte da etnografia como “descrição densa” (GEERTZ, 2013). Em todos os níveis de atividade de campo o etnógrafo deve aprender a manusear o conjunto da multiplicidade de informações e conceitos para conseguir ler a realidade estudada, o que se faz tanto com as informações de perto, como com as mais gerais e externas³⁷ (GEERTZ, 2013). Assim, os dados são uma construção das informações possíveis que o etnógrafo consegue organizar, é necessário “primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2013, p. 7). Isso é feito através da imersão em campo que “é o recurso para o etnógrafo [de] coletar dados concretos sobre todos os fatos observados e através disso formular as inferências gerais” (MALINOWSKI, 1976, p. 24).

2.5 O Campo como adaptação e experiência

Na antropologia o “campo” é definido não apenas como um lugar geográfico nem como um método, mas um terreno comum de negociações entre sujeitos e o pesquisador e até onde o objeto de estudo leva o olhar do antropólogo (MALIGHETTI, 2004, p. 112). Estar na pesquisa é se dispor a possibilidade de inúmeras experiências, essas experiências, fazem parte do cotidiano da vivência do antropólogo em campo, situações que as vezes não entram nos escritos publicados, mas que são vividos pelos antropólogos que os experimentam e assimilam a sua maneira. (ALVES, 2016, p. 39) Estar no campo, portanto, é se expor em diferentes dimensões. Dias (2007 apud

³⁷ Em referência a metodologia de Geertz na construção da descrição densa em constituir um censo doméstico e utilizar informações estatísticas (GEERTZ, 2013, p. 7 e 201).

ALVES, 2016, p. 40) aponta que não “há como fugir ao código de reciprocidade local ou da cena que você observa”, o pesquisador “precisa estar presente e compor o cenário da melhor forma possível, para compreender os fatos que observa”.

É nesse espaço de exposição que as experiências se constituem nas mais diversas possíveis. A atitude de neutralidade por mais que reforçada cai diante dos sujeitos que refratam sua curiosidade de volta para o antropólogo. Antes mesmo de estar entre as palafitas e os interlocutores, as dúvidas sobre mim se iniciaram primeiro com o dono da lancha que me levou a primeira vez ao Educandos, este perguntou sobre meu objetivo em ir ao bairro, sempre me apresentava como estudante que fazia uma pesquisa. Por integrar uma associação de navegantes, lidava com alguns pesquisadores transportando-os pelo rio, logo, perguntou sobre o que era minha pesquisa, geralmente me enrolava nas primeiras explicações sobre meu interesse, explicava: estudo sobre concepções simbólicas a partir das relações de sujeitos com as águas com enfoque nos modos de classificação, cotidiano e sociabilidades. Mesmo assim, ainda tentava me fazer entendido o menos abstratamente possível, pois me sentia bem quando expressava de forma prática, material e objetiva o que gostaria de ver e ouvir. Após a tentativa de explicação, fui surpreendido ao ser perguntado pelo navegante se eu era “casado”. Surpreso, tentando e falhando em entender o sentido da pergunta, lembrei apenas sobre minha condição enquanto aprendiz de antropologia em que buscava neutralidade e discrição. Essas questões me vieram como reflexão após relembrar do ocorrido. Em campo, os interesses se cruzam, Há um interesse sobre o antropólogo tanto quanto sobre os sujeitos da pesquisa, apesar da minha postura antes da entrada na antropologia ser de evitar ao máximo conversas que tendessem a assuntos da vida pessoal. Grossi (1992, p. 13) revela que temas dessa ordem são pouco abordados dentro dos estudos antropológicos que inclusive devem servir sobre as experiências de antropólogos em campo:

Os homens antropólogos pouco explicitaram seus questionamentos subjetivos ligados às suas identidades de gênero [...], logo os questionamentos da relação sujeito/objeto trazida por eles remetiam muito mais a destruir o “mito do antropólogo neutro” [...]. Poucos são ainda os relatos masculinos que apontam para os sentimentos pessoais e subjetivos na descoberta dos sentimentos e da “cultura” alheia (GROSSI, 1992, p. 13).

O cotidiano em campo pode ser marcado por inúmeras preocupações, como a realização dos contatos, pois estabelecê-los e ser aceito é primordial. Pude refletir sobre isso logo após minhas primeiras observações nas palafitas quando pensei em como me

apresentar e me pareceu coerente ser claro e buscar o máximo de entendimento. Por isso, me apresentei como “estudante da UFAM que fazia um trabalho/pesquisa sobre a vida nas palafitas” o que expressava de forma simples o que queria dizer, tirando ao menos um dos pesos de ser um estranho a porta. Nesse momento, lembrei-me de Foote-Whyte (1975, 79) em “Treinando a observação participante” e a necessidade de clareza com os interlocutores:

Comecei com uma explicação um tanto elaborada. [...] embora esta explicação tivesse a vantagem de encobrir qualquer coisa que eventualmente desejasse fazer no bairro, era por demais complicada para ter qualquer significado para o pessoal de Cornerville (FOOTE-WHYTE, 1975, 79).

Outra preocupação que me cercava para além da oralidade e dos ritos de apresentação era sobre minha posição no meio dos moradores. Como Foote-White (1975, p. 77) fala em sua experiência em um bairro americano, “pensava em como me ajustaria e seria aceito”. Não apenas, mas pelo fato de que estudos de antropologia urbana revelam que alguns grupos veem o antropólogo como alguma utilidade, seja de dinheiro ou ajuda intelectual (FOOTE-WHYTE, 1975, 83; ZALUAR, 1994, pp. 18-19), pensei quais situações atravessaria e qual deveria ser minha postura, atitude nada proveitosa, pois a pesquisa de campo é uma experiência inesperada. Weiss de Jesus (2013, p. 278) afirma que as primeiras ocasiões de contato são fundamentais para ser reconhecido e aceito e para estabelecer vínculos. O tipo de vínculo que criei foi baseado em minha condição como “o estudante” e quem estava fazendo “trabalho de aula”, assim, minha imagem em campo era recorrente como alguém que “precisava ser ajudado” em meu trabalho e não de quem ofereceria alguma ajuda. Ao final das entrevistas algumas falas evidenciaram essa condição, quando um morador disse: “serviu pra alguma coisa?” e outro morador: “deu pra pegar aí?”. As falas questionavam se suas explicações sobre o modo de vida nas palafitas e no bairro haviam servido para minha compreensão e para compor o meu trabalho, ajudando-me como estudante.

A maneira como me apresentei na primeira vez para os moradores marcou minha imagem no local, o que era reforçado pela aparência, por vezes ouvia comentários entre vizinhos perguntando quem eu era ou familiares entre si se questionando e se referindo a mim como “estudante”, “menino” ou “garoto”, apesar de alguns apenas pelo olhar entenderem que eu era algum agente de órgão público, como uma senhora que descendo o beco me encontrou subindo e perguntou se eu estava “fazendo algum cadastro da prefeitura”. Sua dúvida teve reforço pela roupa que usava,

camisa branca de manga longa para me proteger do sol, calça jeans e sapato. Logo nos primeiros momentos da pesquisa, ainda usava um crachá de estudante para driblar a aparência de um desconhecido que pratica um “trabalho invasor” (BRANDÃO, 2007, p. 14). Depois dos ocorridos, percebi que os próprios interlocutores desenvolvem suas explicações sobre o antropólogo (FOOTE-WHYTE, 1975, p. 77; WEISS DE JESUS, 2013, pp. 298-299). Definir meu lugar e intenções era preciso para chegar ao meu objetivo, assim, entendi que fixamos nosso olhar nos interlocutores, mas também somos observados e objeto de curiosidade (WEISS DE JESUS, 2013, p. 296).

As dificuldades no campo fazem parte da experiência do antropólogo e podem se dar em diferentes ordens, dependendo dos objetivos e contextos da pesquisa. Como morador da cidade de Manaus, tinha consciência da construção e simbolismo do estigma que circundam sobre becos e palafitas em Manaus (CORRÊA, 2017). Os que me aconselhavam ensejavam o discurso das palafitas como lugar perigoso, como alguns amigos da academia em que relatava minha área de pesquisa: “vai pros becos do Educandos, toma cuidado por lá, tem uma rua lá que não pode entrar que é do tráfico” ou “Deus me livre desse campo, eu já tinha morrido, eu não ia aproveitar nada com medo de pegar um tiro” e “cuidado nesses becos”. Apesar disso não temia, pois os trabalhos de pesquisa em diferentes lugares tomam em mim uma inquietação científica que se sobrepõe ao medo, apesar dos sustos que foram poucos.

Em minha segunda ida ao beco Corinthians, havia esquecido o local da casa em que iria e, por um minuto, abaixei a cabeça para olhar no celular, ao levantar, havia um homem a minha frente, sem camisa, que me encarava com um postura de interpelamento. Automaticamente, respondi perguntando se ele sabia onde determinada casa ficava, e me apontou dizendo onde poderia ser o local. Em outra situação, em meu primeiro dia no beco Ajuricaba, percebi que um homem me seguia dando voltas, entrando em um maromba e voltando pelo mesmo caminho. Diante do ocorrido, percebi que deveria encerrar a visita mais cedo. Frente aos acontecimentos citados, além de recusas ao falar, o que era muito raro, refleti sobre as dificuldades em campo e as estratégias que surgiam como produto de uma experiência, assim, “[...] eu tinha as opções de desistir das minhas investidas diante das dificuldades ou encará-las como objeto de reflexão” (WEISS DE JESUS, 2013, p. 299).

Para o estabelecimento do diálogo, em um primeiro momento, minha insegurança fazia-me seguir uma conversa mais dirigida com pontos a perguntar. Inesperadamente, as respostas eram mais curtas e objetivas resultando em uma conversa

superficial. Entendi que nossas relações apenas se aproximaram quando de fato passei a ouvi-los não apenas como um “aplicador de questionário”, mas como uma escuta sensível que os entendia como pessoas com múltiplas vivências, é sobre “levá-los a sério” (WEISS DE JESUS, 2013, p. 302).

Deste modo, ao longo do campo percebi em seus diálogos que na minha chegada ao local, eu era visto como alguém de “fora” que colheria informações e de alguma forma poderia comunicar a outros. Talvez por isso, os diálogos fossem marcados por externar as dificuldades que viviam e até mesmo a indignação. Assim foi com minha primeira interlocutora do beco Ajuricaba que relatando os impactos da cheia se mostrou inconformada com a prefeitura e o atraso do parcelamento do “Auxílio cheia 2021³⁸”. Na medida em que me fazia conhecido e retornava ao local perguntava sobre outros assuntos, chegava a algumas casas e já me contavam a rotina da manhã, problemas pessoais e a questão da casa. Apesar de declinar de seus convites que foram poucos, fui convidado para participar de um culto no beco Corinthians por Robson, na célula da igreja pentecostal que funcionava ao lado de sua casa. Pelo contexto pandêmico e em respeito a eles e a minha família gentilmente declinei do convite, mas falei que em outro momento iria com certeza, deixando claro que o convite me deixou muito feliz como prova de consideração em participar de um momento que para eles é sagrado, mesmo que de algum modo aquilo fosse um pressuposto de expectativa de conversão. Entendi nesse momento, sobre meus interlocutores, que não fui eu quem os aceitei, mas eles que me aceitaram.

Outros problemas ocorreram não apenas em relação à pesquisa nas palafitas (mas também). Como um todo, o período pandêmico que corresponde desde o início da pesquisa e segue até os dias de hoje (2022) se impôs enquanto um período tensional em diferentes níveis, diversas pesquisas antropológicas foram atravessadas pelas condições adversas. Como descreve Frúgoli (2020, p. 491) sobre as experiências da antropóloga Susana Bragatto em “A casa e a rua em tempos de COVID”: “apreensões, ansiedades e angústias” pairam sobre os indivíduos agora. Pessoalmente minhas dificuldades ocorreram pela falta dos livros da biblioteca da Universidade, a realização do estudo em espaço doméstico onde há um entrelaçamento das obrigações voluntárias e impostas com o trabalho acadêmico e o estado de atenção e por hora, de desconforto com

³⁸ O auxílio operação cheia, foi feito através de um repasse no valor de R\$ 200 reais para as famílias afetadas pela cheia histórica de 2021. O valor foi repassado as famílias através de parcelas pela Prefeitura de Manaus, através do Fundo Manaus Solidária. Fonte: Prefeitura de Manaus. 2021.

parentes doentes e a própria doença, além das condições de pesquisa. Diante disso, novas estratégias são possíveis de serem traçadas quando os imponderáveis reformulam nossos objetivos, como afirma Weiss de Jesus (2013, p. 299): “na medida em que venci as dificuldades de me deixar afetar, novos aprendizados se tornaram possíveis”.

Deste modo, vivenciei o “ser afetado” (FAVRET-SAADA, 2005) em alguns momentos, pois ao longo da pesquisa uma experiência mais forte me chamou atenção, internalizei o costume de “preocupação com a chuva”. Após as sucessivas conversas em que me relataram e mostraram como acontecia e como se sentiam quando chegava um temporal muito forte na cheia e na vazante, quando na iminência da chuva, mesmo eu estando em minha casa em terra firme na periferia da cidade, preocupava-me em como seria esses momentos de chuva forte para os moradores da palafita.

Assim, durante o processo em que fui aceito pelos meus interlocutores das palafitas do Igarapé do Educandos, refletia sobre as experiências em campo que tomavam significativa importância na medida em que pensava no trabalho do antropólogo e sua postura. A antropologia não é uma disciplina de “limites”, pois sempre se abre para o mundo, traçar fronteiras rígidas é limitar seu próprio poder de atuação:

Partindo dessa perspectiva, toda antropologia é implicada, na medida em que não se pode entender a Antropologia como estritamente acadêmica; pensar em tais termos é esquivar a Antropologia de refletir a sua prática e, dessa forma, incorrer em desleixos éticos ou, ao menos, deixar de refletir sobre as implicações do trabalho do antropólogo (WEISS DE JESUS, 2013, p. 303).

Entendi em campo que não deveria buscar uma integração completa (FOOTE-WHYTE, 1975, p. 77), pois me aceitavam pela diferença e por ouvi-los, diferente daqueles que iam para as palafitas entrevistá-los apenas por um momento. As contribuições visaram traçar detalhes da pesquisa, entraves, dificuldades, mas também aprendizados e reflexões que servem a prática antropológica. Quando na emergência de contextos adversos, o antropólogo se encontra em um campo que ganha um contexto de uma arena. Dessa luta, se podem extrair reflexões que amadurecem a postura metodológica, estratégias e negociações dos antropólogos em diferentes realidades, como se iluminassem por mais baixa que seja a luz, as dificuldades da prática etnográfica em diferentes contextos.

CAPÍTULO 3 – PALAFITAS E ÁGUAS: SOCIABILIDADES, PERCEPÇÕES E SIGNIFICADOS DAS ÁGUAS DO IGARAPÉ DO EDUCANDOS

3.1 Da teoria das águas á comunidade das águas

Cidades são espaços complexos e são formadas pelo cotidiano urbano que revela diferentes modos de organização ou ordens da vida citadina. Não à toa, a cidade é conhecida como centro financeiro, mercado imobiliário, selva de pedra, da vida rápida a impessoalidade. Comumente, é pensada em oposição à natureza, pois a cidade se constitui pela predação, pelo uso do cimento e asfalto, pelo aterro do rio para a estrada passar. Mas e no interstício dessa relação? E quando as pessoas habitam na condição de vida na fronteira entre dois domínios no contexto urbano, água e terra?

Várias representações são construídas a partir das relações estabelecidas entre pessoa-água. A água também tem uma dimensão simbólica, ou seja, com significados que aludem representações para além da matéria, onde encontra seu lugar enquanto objeto de um cenário como um meio principal de relações e representações. Nesses termos, chamamos a atenção para o estabelecimento, no sentindo aberto do termo, das possíveis significações que podem emergir da relação cultural pessoa-água:

Como costumava dizer meu professor Leslie White, um macaco não é capaz de apreciar a diferença entre água benta e água destilada — pois não há diferença, quimicamente falando. Nenhum outro animal, tampouco, organiza os fundamentos afetivos, as atrações e repulsões de suas estratégias reprodutivas a partir de significados [...] (SAHLINS, 1997, p. 41).

O estabelecimento desse contato dá a águas imagens, fruto da percepção humana. Assim, os sentidos que atribuímos às águas são um reflexo da imaginação a partir de um sentimento, seja de cólera, melancolia ou contemplação em reação a uma experiência aquática: “a imaginação material da água é um tipo particular de imaginação” (BACHELARD, 1997, p. 6). Neste sentindo, que se criam classificações imagéticas às águas: águas claras, águas correntes, águas amorosas, águas profundas, águas dormentes, água maternal/feminina, água doce e água violenta (BACHELARD, 1997).

Ao longo das casas de palafitas, local para onde minha atenção se volta, a experiência cotidiana de lidar com as águas gera diferentes modos de classificação, assim, as águas adquirem múltiplos significados. Cunha (2000) propõe, que experiências, por mais diversas que sejam, dão as águas um tom simbólico, a água passa

a ser objeto simbólico de eventos: “a água se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados” (CUNHA, 2000, p. 15). Enquanto Bachelard (1997) prioriza a dimensão imaginativa e psicológica da atribuição de uma valoração as águas, Cunha se concentra nos significados exteriores as ações, ou seja, nas experiências.

A água está, assim, na natureza e, a um só tempo, na cultura. [...] Está na vida dos amantes, nos encontros amorosos, nos beijos molhados, na dança dos corpos suados que se enlaçam e se fundem em ato de amor – no gozo lúbrico. Está nas celebrações da vida e da morte, nas cerimônias de adeus, a água-lágrima, no batismo, água-benta para a purificação divina. Com esses sentidos, as águas têm cor, gosto e cheiro: são claras ou escuras, doces ou salgadas, limpas ou sujas, brancas ou turvas. Estão nas profundezas e na superfície, são superiores ou inferiores, altas e baixas (CUNHA, 2000, pp. 16-17).

Esses modos de vida em contextos aquáticos perpassam por uma dimensão comunicativa. A água e o humano em uma relação recíproca têm em si significados que expressam as relações ambientais em uma determinada área. Torna-se a água em interface-comunicativa (SAUTCHUK, 2011, p. 89), através da ação da visão, o campo visual se articula com o ambiente e o objeto, água escura representa perigo e sujeira, água calma, o animal que pode nela estar, águas agitadas destroem, “assim, não é apenas que os espaços ganham significados em função de eventos ocorridos, mas eles são sempre qualificados pela presença dos seres” (SAUTCHUK, 2011, p. 92), de modo que, “Uma complexa gramática de disposições visuais se desdobra desse princípio, remetendo às inúmeras formas em que a visão pode colocar dois ou mais seres em interação” (SAUTCHUK, 2011, p. 92).

As relações aquáticas são sempre relações contextuais, dependendo do meio como o grupo se relaciona com a água. Habitantes da cidade tem suas percepções e posturas específicas, mesmo assim variadas, de se relacionarem com os canais fluviais urbanos. Os cidadãos também revelam uma produção simbólica das águas ao qual Peixoto e Silveira (2019) descrevem como **“imagens-reflexos”** e **“imagens-relações”** que são expressões que caracterizam as relações e traduzem as experiências que os humanos têm com as águas, fazendo refletir as ordens humanas nessas expressões simbólicas:

Dessa íntima relação com as águas inúmeras imagens nascem, água morta, dormiente, agitada, parada, grande, sem cabelo, inúmeras são as expressões que as caracterizam. As águas, que têm cores, cheiros, sabores, e as múltiplas associações feitas a cada um de seus aspectos, revelam toda a riqueza das significações a elas atribuídas, atrelando ainda seu caráter histórico, econômico, religioso, em que estão implícitos os atos afetivo-contemplativos

que estruturam um saber-fazer em torno dos rios, lagos, igarapés (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019, p. 5).

Na cidade, a relação com os cursos d'água perpassa pelas conexões simbólicas entre lugares e tempos. Uma mesma água pode estar ligada igualmente a uma face terrível de relações conflitivas e trágicas, bem como relações íntimas e próximas de lazer e fruição da vida, o que expressam uma “dualidade das águas” (DEVOS e ROCHA, 2010, p. 11). A categoria “risco” que aparece na narrativa dos moradores de áreas úmidas se materializa nos perigos do ambiente. Em termos teóricos, na perspectiva de Douglas e Wildavsky (1966; 1983), o risco tem uma dimensão cultural a partir do momento em que a classificação daquilo que é ou não risco, é construído pelas experiências perceptivas de um dado grupo social em seu próprio contexto. A construção do perigo aparece nos relatos a partir de várias ordens.

Sobretudo, na cidade de Manaus, as populações que habitam ao longo dos leitos, nas situações, nos movimentos e na memória tem as águas não apenas como pano de fundo de uma paisagem, mas como presença marcante em um espaço cheio de sentidos como constata Calderipe (2017, p. 224) analisando esses espaços como “lugares do habitar, cheios de significado e vida, incluindo pessoas, animais, objetos, a própria água nos seus ciclos”.

Quando trazemos essas reflexões para Manaus, é possível perceber relações estreitas com o meio hídrico desde o início com os primeiros povos, de modo que o Rio Negro não se faz apenas enquanto meio de vida material, mas tem sua forte dimensão histórica: “A vida nas e das cidades amazônicas está ligada ao rio e à floresta” (OLIVEIRA, 2006, p. 27). Os povos originais, ocupantes das terras ao longo do Rio Negro e entorno da hoje cidade de Manaus destacam-se, segundo Freire (1994, p. 164): “os Manáos, que emprestaram seu nome à atual capital do Amazonas, os Barés e os Tarumã”. Esses povos, em íntimas relações cosmológicas e materiais, faziam do rio sua vida:

Os critérios usados para determinar a localização de uma aldeia eram, entre outros: a existência próxima de matéria-prima para a construção das habitações, o tipo de solo para a agricultura, a proximidade de zonas de caça e pesca e de rios e igarapés que permitissem o uso da canoa – instrumento vital de deslocamento desses povos que era feito, prioritariamente, por água. (FREIRE, 1994, p. 166).

Do mesmo rio que vinha a vida, veio à catástrofe. As expedições de Orellana em 1542 começaram pela invasão e saqueamento de tribos na foz do Rio Negro e logo depois, a partir de 1657, um regime de dizimação dos povos tradicionais por um regime

escravista (FREIRE, 1994, p. 168). Assim, a história do Rio Negro passa por dois planos, (1) ligação existencial e simbólica com os povos tradicionais e (2) meio estratégico de invasão a partir de expedições com colonos, viajantes e jesuítas: “povoando-se este rio de portugueses se pode fazer um império e senhorear todo o (rio) das Amazonas e mais rios” (FREIRE, 1994, p. 167). Em meio à tragédia, o rio ainda conseguia tocar os expedicionários:

Informações de viajantes dão conta da “excelência da terra”, do “salubérrimo ar”, da “suavíssima temperatura” – nem quente nem frio – e sobretudo da “pureza das águas” e do “infinito número de água fresca” na área onde está situada a cidade de Manaus, que era cortada por igarapés, ocupando um lugar estratégico no coração da floresta amazônica (FREIRE, 1994, p. 167).

Avançando anos à frente, o antigo “Lugar da barra”, nome do pequeno núcleo populacional que deu origem à cidade, agora se encontra como uma metrópole banhada pelas águas, que em si apresentam contradições e desigualdades no lidar e viver com os rios. Temos nas margens da cidade nosso “lugar antropológico” (ARANTES, 1994, p. 200). Pretende-se entender aqui, a relação rio-cidade-percepção a partir de algumas das situações de encontro com o rio. Entramos no espaço da experiência e do simbólico tendo a cidade como cenário, “Trata-se de uma interrogação que diz respeito aos cidadãos e à sua experiência de cidades” (AGIER, 2011, p. 38).

Seguindo em frente, o objetivo da seção é apresentar a compreensão sobre as relações estabelecidas com as águas a partir daqueles que moram sobre ou junto às margens do igarapé do Educandos (Manaus/AM). Busquei abordar esse contexto para compreender os sentidos das águas, a maneira como se referem a elas, os termos comuns e apresentar, a partir de diferentes situações, a mudança dos significados que as águas adquirem, assim como as estratégias particulares dos moradores das palafitas no lidar e conviver com as águas e entre si cotidianamente.

Na cidade de Manaus, as águas urbanas são parte do contexto geográfico, uma cidade entrecortada por igarapés. Os igarapés da cidade são objeto de estudo, seja sobre as discussões urbanísticas e tecnocráticas sobre sua qualidade, poluição, degradação ou aterro ou sobre a perspectiva social de preservação e do âmbito da moradia sobre os projetos de habitação em áreas úmidas como o PROSAMIM³⁹. O Estado olha para a

³⁹ Podemos compreender o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM) a partir do trabalho de Meneghini (2012, p 25) que aponta que desde 2006 o Governo do Estado do Amazonas vem realizando obras de infraestrutura e urbanização ao longo dos igarapés de Manaus. O Prosamim é um programa que visa o urbanismo de espaços ao longo dos canais fluviais da cidade, com uma das principais atuações no âmbito da moradia. Desde de 1970 quando houve um aumento das ocupações ao

cidade a partir de um ideal, o ideal da metrópole, o molde universal. O aparato do urbanismo se põe de cima a baixo, diante daquilo que se imagina a cidade ideal, linear, coberta, pavimentada e com as águas controladas.

Desloco meu olhar não para os planos burocráticos, mas para o modo como as pessoas fazem as cidades. Na busca dessa compreensão, desci as margens e entrei pelos becos das palafitas de Educandos para conhecer as relações entre as pessoas e as águas, ou seja, me aproximei para ouvir e ver o outro dentro da dimensão da percepção. É uma experiência de proximidade, como nos fala Geertz (1997), enquanto uma postura de sensibilidade do trabalho antropológico na qual é necessário não estar amarrado a conceitos. Optar por essa postura é limitar-se entre ou uma experiência próxima ou distante, perdendo-se ora em miudezas ora em abstrações teóricas e jargões. A análise antropológica é um relacionar-se entre os dois tipos de conceitos, a fim de uma interpretação do “*modus vivendis*” do povo, “que não fique limitada pelos horizontes mentais daquele povo [...] nem que fique sistematicamente surda as tonalidades de sua existência” (GEERTZ, 1997, p. 88).

Minha perspectiva de percepção está em um “ponto de vista dos nativos”, entre uma experiência próxima e distante. Para os estudos em antropologia urbana, caminhar dentro da dimensão valorativa das águas urbanas é compreender as atitudes humanas em relação aos meios hídricos, distanciamentos, interesses, representações, anseios e conflitos, considerando que há especificidades nas diferentes formas de habitar a cidade.

Compreender sobre os modos de vida a partir de quem vive em condições de contato com a água, é adentrar nesse mundo de intersecções e entender as dinâmicas e as representações específicas, de um “estar e não estar” nas águas. Isso significa acompanhar o ritmo de suas vidas e compreendê-la, pois, “em um certo sentido, ninguém sabe isto tão bem quanto eles próprios; daí o desejo de nadar na corrente de suas experiências” (GEERTZ, 1997, p. 89). Dinâmica do beco, da água, da vida. Nesse mundo, há uma realidade urbana específica que são as moradias em/ao longo de áreas úmidas.

As discussões estão centradas em uma ambientação urbana no contexto dos becos e palafitas onde a pesquisa foi realizada, essa ambientação leva em consideração a dinâmica de passagem, moradia e o estar entre as casas levando em consideração as estratégias de habitação como as marombas, seguindo por uma análise da relação entre

longo dos igarapés da cidade, com o Prosamim a partir de 2006, as ocupações “irregulares” são destruídas concedidas novas casas. Os canais são revitalizados do ponto de vista ambiental, social e urbanístico.

os moradores e posteriormente a relação simbólica com as águas do igarapé do Educandos.

3.2 Da passagem a lugar da vida: Beco Corinthians

Becos são espaços de passagem e moradia, caminhos de ligação entre rua-casa, e representam o trajeto cotidiano de quem mora em palafitas e ao longo dos próprios becos. Becos são lugares conhecidos, de circulação limitada⁴⁰, alguns de caráter finito⁴¹, coletivo e outros que dão para outras ruas. Becos são formas de estratégias de mobilidade e se criam trajetos pela necessidade em transitar e estar no meio urbano.

Como o leito do rio localiza-se nas partes mais baixas, o relevo desses terrenos são íngremes, por isso, para se chegar as casas, se entra pelos becos e se “desce”. Esse movimento cria uma espacialidade entre o que acontece “lá em cima” na rua e o que acontece “lá embaixo”, nas palafitas. Essa dimensão topográfica e simbólica entre os “de cima” e os “de baixo” (Rua-Palafita), fica clara quando alguns moradores das palafitas refletem sobre suas condições de habitar e falam sobre as perspectivas que tem com relação as suas casas. Muitos afirmam que queriam “comprar uma casa lá em cima”, mas o empecilho que sempre aparece é o valor da casa, “morar em cima é caro”. Isso evidencia a ligação e necessidades que as pessoas têm a partir do bairro que já moram.

Elas relatam que o bairro do Educandos “é perto de tudo”, principalmente do Centro de Manaus, como afirma Calderipe (2017, p. 226) sobre alguns habitantes de palafitas é comum que pelas ligações com o bairro e o estabelecimento da vida ao longo dos anos, haja um sentimento de pertencimento e adaptação ao bairro, ou seja, “há um interesse em continuar morando na região”.

Para os moradores da rua, os habitantes das palafitas são lembrados como (1) conhecidos/vizinhos e (2) vítimas das cheias. Conversei com um morador da rua que dá para o beco que relatou que na época das cheias e chuvas quando as águas invadem as casas: “É um deus nos acuda. É muito triste” (Raimundo, 73 anos, morador da rua

⁴⁰ Ruas são locais do tráfego anônimo, becos são espaços de circulação de moradores locais, que formam uma rede de vizinhança de conhecidos e dos conhecidos destes: amigos, parentes e outros são alguns dos que transitam pelo local.

⁴¹ A ideia de finitude dos becos, é pela sua lógica e estrutura, são caminhos que ligam a espaços aonde as ruas não chegam, alguns são sem saída, outros levam apenas a espaços restritos.

Delcídio do Amaral). Da mesma forma, em conversas informais com os moradores da rua percebi o quanto os relatos acerca das cheias estavam presentes e relacionados aos moradores das palafitas, principalmente quando testemunharam as mudanças de pessoas para outras casas alugadas ou de parentes e a presença da prefeitura no local. Esse também é o período em que o beco ganhava visibilidade, inclusive por causa de veículos da mídia que desciam para o local para realizar reportagens e revelar os impactos da cheia nas casas.

O beco Corinthians se encontra perto da Ponte Antônio Plácido de Souza que liga o bairro do Centro ao Educandos, sendo possível atravessar a pé por cima do igarapé do Educandos. Passando pela ponte, se atravessa a Rua Amâncio de Miranda. Tanto subindo a rua Delcídio de Amaral como atravessando a rua Amâncio de Miranda se observa uma rua não tão movimentada quando a Av. principal do bairro. Pela Via Amâncio é possível encontrar várias oficinas de automóveis além de casas, ao final se encontra a orla do Amarelinho. A rua Delcídio do Amaral é uma pequena ladeira, que evidencia o terreno do bairro enquanto uma colina. Na mesma rua é possível encontrar o beco Corinthians, local da pesquisa. O beco é uma pequena passagem entre uma igreja Pentecostal Assembléia de Deus e uma casa (Figura 31).

Figura 31: Entrada do beco Corinthians na rua Delcídio do Amaral.



Foto: Matheus Areb, 2021.

As palafitas se encontram em áreas de risco ocupadas fora do planejamento urbano e constituem-se como espaços considerados à margem e marginalizados. Simbolicamente, a segregação se expressa a partir da posição em que estão escondidas, não fazem parte da paisagem da cidade em termos ideais e visíveis a partir da rua. Isso ocorre, pois as moradias se fizeram a partir da adaptação pela necessidade do habitar em cima das águas. As principais entradas para estes lugares são construídas também a partir de adaptações. Os becos, espaços comumente encontrados aos longos das ruas, entre edifícios, pequenas vielas que por vezes passam despercebidos, reforçam o caráter de invisibilidade dos moradores desses locais.

Figura 32: Croqui do espaço do beco Corinthians.



Elaboração: Matheus Areb, 2021.

Quem é de fora e entra pelo beco pela primeira vez pode ter a sensação de insegurança em relação aos caminhos para onde ele leva, já que esses espaços são estreitos, cheios de curvas bruscas e formados pelas paredes das casas. Há um caráter do “desconhecido” para quem é de fora logo no início da entrada do beco Corinthians. Para quem entra, primeiro encontra as paredes da igreja à esquerda e a direita a parede da casa que dá para a rua, mais a frente, aparecem as casas (Figura 33). As casas do beco têm

suas portas e janelas direcionadas para a passagem, exceto algumas que possuem pequenos pátios com baixas grades, o que evidencia que o espaço é limitado nesses ambientes.

Figura 33: Início do beco Corinthians.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Na medida em que se entra, é possível perceber uma demarcação espacial específica de um coletivo no local: uma área de vizinhos. O ambiente deixa um certo sentido do “estranho” a medida em que o cenário ganha um ritmo mais citadino comum. Pela manhã, avistei pessoas deslocando-se e descendo o beco com sacola de pão, sacolas de compras com verduras e alimentos e pessoas saindo para trabalhar fardadas, situações que caracterizam o trânsito no beco. Ouvir o som de uma televisão também é comum ao transitar pelo local. Ao meio dia é comum ouvir o som de panela de pressão e o cheiro de comida se torna muito forte. Descendo mais o beco, na época da cheia, o volume do igarapé aumenta a ponto de ser possível vê-lo do beco (Figura 34). Dobrando o beco à esquerda, algumas casas estão dispostas a direita, a maromba se encontra ao final da última casa que marca o fim da terra firme e início das águas e das palafitas.

Figura 34: Vista do beco Corinthians que dá para as águas do igarapé do Educandos.



Foto: Matheus Areb, 2021.

As marombas e as casas de palafitas estão localizadas no final do beco. Principalmente quando as águas sobem e fazem os moradores caminharem cautelosos entre as marombas é possível compreender que estes espaços representam a possibilidade da moradia a partir de onde se fez possível habitar na cidade.

O acesso às casas de palafitas se dá a partir de uma viela dentro do beco que se constitui em uma escada que desce mais em direção ao rio, evidenciando a inclinação do terreno. Após as escadas, ainda em terra firme, começam as marombas que formam caminhos para outras quatro casas dos interlocutores (Figura 35), sendo que a última é a casa do principal interlocutor da pesquisa: sr. Robson a esposa e os filhos. A paisagem desse espaço nas marombas é entrecortada pelos muitos fios da rede elétrica que se entrelaçam em direção as casas que estão sobre as águas. A rede elétrica oficial vem a partir dos postes que adentram o beco e se ligam as casas, alguns fios informais são ligados às vezes por alguns moradores para demais necessidades e se estendem entre as casas o que causa perigo na época da cheia de caírem nas águas com os fortes ventos das chuvas.

Figura 35: Início da única maromba do beco Corinthians.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Na cheia, pelo lixo acumulado por entre as marombas se encontra quase de tudo (Figura 36). Os resíduos sólidos em sua maioria são embalagens descartáveis de margarina, marmita, produtos de limpeza, latas aerossóis entre outros (Figura 37). Esses ficam presos entre as marombas e chegam a casa com o aumento do nível das casas, segundo alguns moradores chegam com rio. Pelo aspecto dos resíduos, alguns evidenciam estarem nas águas há muito tempo, já se encontrando desgastados, outros parecem muito recentes como se tivessem acabado de sido jogados nas águas. O lixo fica lado a lado as casas, compõe esse cenário na cheia entre as marombas e eleva-se rapidamente com as águas das chuvas repentinas batendo as portas de algumas casas. Os moradores ficam a margem de um convívio com o lixo nas águas. O lixo que se entende entre a maromba se acumula a ponto de criar uma camada onde quase não se vê as águas, como um “rio de lixo”. Já na vazante, como a área do local é íngreme o lixo vai sendo levado pelas águas deixando apenas alguns sacos plásticos e garrafas plásticas que ficam pelas encostas.

Figura 36: Lixo se acumula por debaixo da maromba entre as casas.

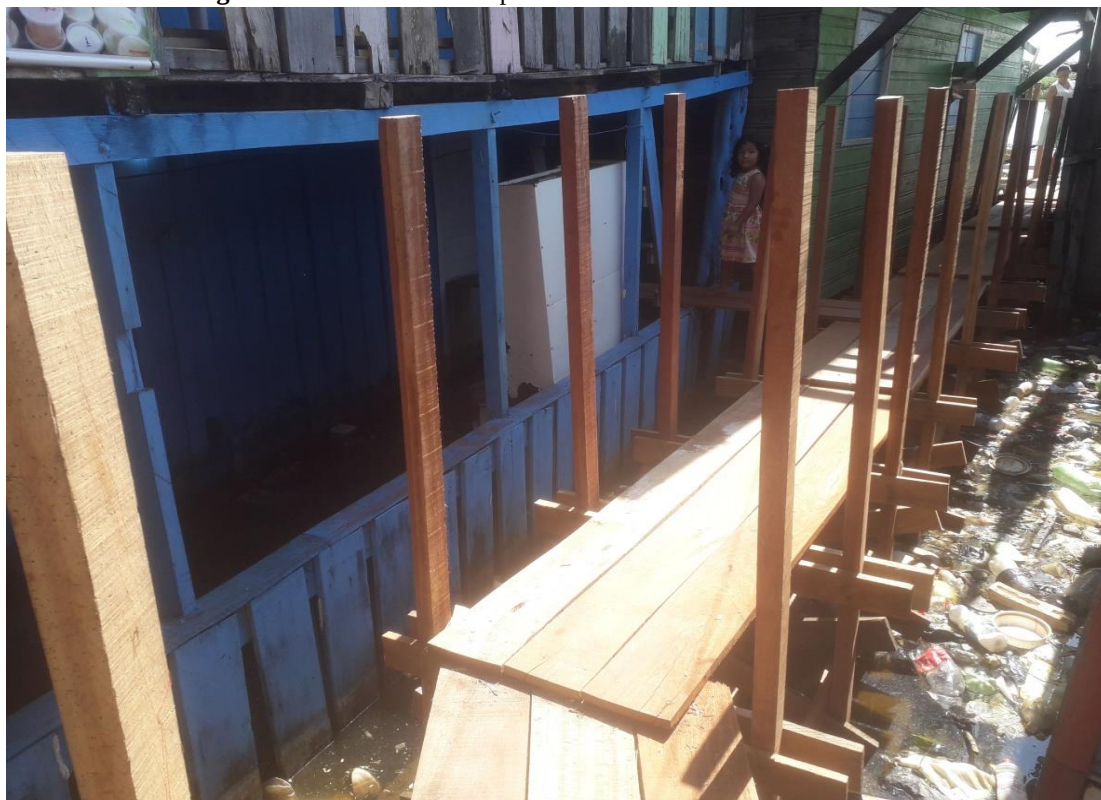


Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 37: Resíduos sólidos são variados encontrados nas águas.



Foto: Matheus Areb, 2021.

É possível também observar os movimentos comuns das crianças por cima ou por baixo das marombas. As crianças circulam pelos espaços constantemente e, apesar dos perigos, as marombas são uma extensão da casa, um local para brincar. No beco Corinthians, apenas as poucas crianças que residem ao longo das marombas é que transitam por ela. O trânsito varia: brincam de correr, sentam-se nela e até se deitam, dependendo da brincadeira. Já na época de vazante, o terreno abaixo da casa fica seco, é nesse momento que as crianças maiores conseguem descer até por debaixo da casa, pois isso exige descer por terreno íngreme. Avistei em um momento, uma pequena canoa quebrada embaixo de uma casa, aonde um menino brincava de remar revelando na representação da brincadeira a proximidade com o rio.

Ao adentrar as casas durante a cheia, tudo se encontra suspenso e andar entre os cômodos é feito por pequenos caminhos por meio de tábuas estendidas sobre as águas. Eletrodomésticos e móveis são levantados como for possível, ficando suspensos do contato com as águas. Mesmo assim recebem pessoas e a vida segue em meio as possibilidades e em meios as águas dentro casa. Na vazante, algumas madeiras já muito desgastadas com buracos mostram o terreno da encosta onde se fixam as palafitas.

As casas das marombas se adaptam à disposição sobre o leito do igarapé, literalmente se vive sobre as águas na cheia. A casa de Robson, por exemplo, foi construída por ele mesmo que aprendeu sozinho as técnicas de construção. No entanto, as casas mais antigas, geralmente pertenceram aos pais ou mães dos moradores. A casa de Robson é a que se localiza mais adentro do leito e tem a seguinte estrutura sobre a encosta (o terreno): na parte da frente, a palafita está apoiada na terra firme, por baixo tem cinco metros de estrutura de madeiras fincadas e na parte detrás para o rio há 7 metros de comprimento das estacas seguindo a declividade do terreno. As outras casas obedecem à mesma lógica, adaptando-se às variações da declividade. As casas são reforçadas e dependem de troca constante de madeiras, principalmente depois da cheia.

Esses espaços podem ser considerados lugares da vida, cheio de técnicas de adaptação a uma área úmida, pois os próprios becos, assim como as marombas são ambientes singulares da vida, diferente das ruas da parte superior. Estes ambientes são semi-públicos, sendo que a vida pode ser vista de perto pelos estreitos espaços que se transformam em territórios da coletividade por relações de (re)conhecimento e pertencimento.

3.3 Da passagem a lugar da vida: Beco Ajuricaba

Subindo pela rua Delcídio do Amaral, passando pela entrada do beco Corinthians, há uma dobra na rua que a transforma na rua Inocêncio de Araújo aonde se localiza a entrada do beco Ajuricaba. Na entrada do beco também se encontram outros dois prédios: o “Mercadinho Del”, onde é comum um grupo de alguns senhores se reunirem para beber pelo fim da manhã e durante a tarde e do outro lado outro mercadinho (Figura 38).

Figura 38: Frente do beco Ajuricaba na rua Inocêncio de Araújo.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Adentrando mais ao longo do beco, ainda próximo de sua entrada, é possível perceber a mesma estrutura comum aos becos na cidade. A entrada conta com as paredes de continuação dos prédios construídos na rua. O beco faz uma leve curva que impossibilita ver o restante do local (Figura 39). Seguindo adentro, o beco revela outra paisagem escondida da rua, as casas com as portas e janela para o beco e ao final as palafitas abaixo e acima outras casas na encosta ao longo do bairro (Figura 40). Pela manhã ou durante a tarde, algumas pessoas sentadas nas varandas olham para quem passa no beco. O grande número de palafitas no local gera um trânsito constante de pessoas, pais com filhos, mães no colo e jovens transitam, crianças olham das janelas ou nas portas. De frente para os becos se encontram as casas de palafitas.

Figura 39: Entrada do Beco Ajuricaba.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 40: Casas ao longo do beco e demais casas na encosta do bairro ao fundo.



Foto: Matheus Areb, 2021.

O beco continua pelas escadas que descem até casas de palafitas. A descida é íngreme, assim como as escadas de cimento. As primeiras palafitas estão dispostas de frente para a entrada do beco, as demais adentram o rio e tem as portas viradas para as marombas e as janelas direcionadas para o rio. No beco Ajuricaba há um adensamento maior de casas ligadas por maromba, criando uma infinidade de corredores. Nesses termos e características, Calderipe (2017, p. 224) afirma que as casas de palafitas “são cidades dentro da cidade como parte de um processo de criação constante do urbano que não tem o mesmo status”. É possível, à medida que descemos as escadas, ver algumas pessoas que tomam banho nos pátios das casas, outras sentadas na escada de casa, outros transitam e fazem dessas áreas estreitas seu lugar e cotidiano de passagem.

Essa característica faz com que becos estejam entre um limiar do público-privado, as casas muito juntas, às vezes sem espaços de divisão muito claros, minam expressões de anonimato. À beira da passagem da porta de casa já está o beco, parecendo uma extensão da casa em alguns momentos, pessoas sentam na porta com seus filhos ou no alto da escada quando há um primeiro andar.

O beco dobra a direita e tem seus limites até a quinta casa, seguindo na próxima curva se transforma em beco Manoel Urbano que leva até outra rua do bairro. A parte do beco que corresponde às palafitas pode ser acessada por terra firme, que é a última faixa de terra do bairro que dá para as águas, assim, as primeiras palafitas de frente para o beco tem suas entradas para a terra firme e o resto da casa sobre as águas, as demais palafitas construídas por detrás das primeiras ficam totalmente sobre as águas.

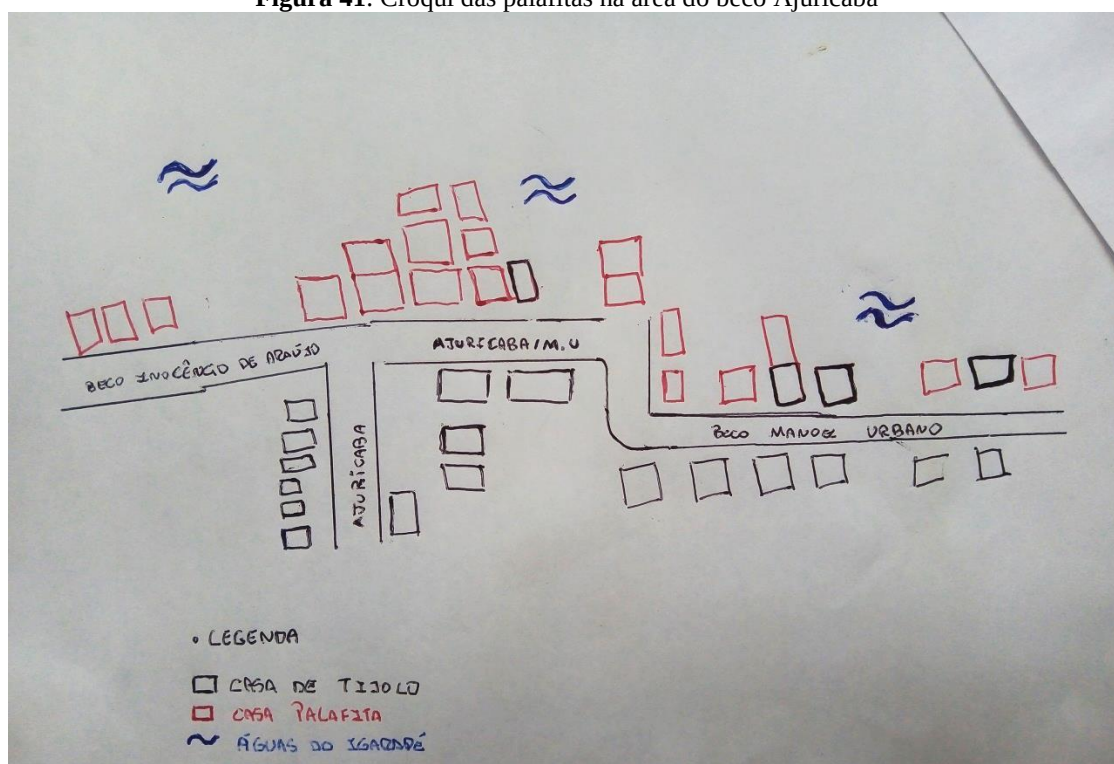
O igarapé é uma massa de água. A água é um bem comum, as palafitas se põe sobre as águas formando propriedades individuais que inclusive podem ser vendidas e compradas⁴². A lógica das moradias das águas é que esses espaços são ajustados e paulatinamente são formadas propriedades sobre o igarapé. Sobre as águas, as pessoas fazem suas demarcações. Embaixo, as águas continuam como bem coletivo já que a água em si não é o objeto da propriedade, mas o espaço que paira sobre as águas é demarcado materialmente através das casas de palafitas. Palafitas não são ilhas, como já dissemos, há necessidade da mobilidade, as marombas surgem com esse fim.

Com minhas visitas ao beco Ajuricaba, criei um ponto principal de observação. O antropólogo urbano é sempre um deslocado em certo sentido, não tem casa no local e

⁴² Ana (63 anos), interlocutora da pesquisa, mora no beco desde seu nascimento. Ana comprou uma casa de palafita que dava de frente para a casa de sua mãe.

comumente vai embora ao final do dia. Às vezes tinha receio de incomodar, não poderia estar na casa das pessoas todos os dias e temia que uma permanência frenética dia após dia, gerasse um desconforto. Minha estratégia foi de observar a partir de um ponto reconhecido como espaço de fluxo principal do beco, a frente da casa de uma interlocutora em que funcionava uma “taberna”⁴³, assim, nas vezes em que não entrevistava, me dedicava à observação da entrada do beco Ajuricaba e dos movimentos pelas marombas. Neste sentido, através das observações e com os moradores foi possível a representação da área de estudo através de um croqui para melhor compreender esse espaço de curvas, marombas e moradias (Figura 41).

Figura 41: Croqui das palafitas na área do beco Ajuricaba



Elaboração: Matheus Areb, 2021

Ao longo do beco Ajuricaba encontrei casas de palafitas e casas de alvenaria construídas na terra firme. Essas casas enfrentam problemas semelhantes aos dos moradores das palafitas na época da cheia pelo fato de estarem no mesmo nível das outras casas. Por mais que estruturalmente as casas de palafitas sejam diferentes das de alvenaria essas participam da mesma especialidade e sociabilidade por estarem ligadas

⁴³ No contexto amazense, tabernas são pequenos comércios, menores que mercados, que vendem produtos geralmente básicos em pequenas unidades. As tabernas são muito comuns de serem encontradas como extensão da casa construído com esse objetivo ou dentro de algum cômodo da casa aonde se colocam os produtos. Tabernas são comuns de serem encontradas nas ruas dentro dos bairros.

pelo beco, assim como experimentam os mesmos problemas com a subida das águas, colocando marombas dentro de casa e, se necessário for, deixam a casa até a vazante.

É comum que a estrutura das casas de palafitas seja usada dentro de todas as possibilidades possíveis. As casas são divididas em cômodos separados por madeiras. Na cozinha, é comum encontrar pelas paredes facas, colheres maiores de fazer comida, coador pendurados por pregos nas paredes. As estantes que seguram os condimentos ou produtos de limpeza são uma continuação da parede, coloca-se apenas mais um filete de tábua que funciona como prateleiras. As casas são feitas com tábuas que são fixadas horizontalmente por vigas/caibros de madeiras, nesses pequenos espaços se colocam também vários objetos quando possível, dependendo do cômodo, perfumes, espelhos, água sanitária etc.

Os moradores no local compreendem o beco enquanto local do trânsito e da moradia, pois tanto se passa no beco quanto se senta na porta de casa para ver o movimento. O beco se difere da rua na medida em que seu trânsito é vigiado, se sabe quem mora no beco e quem é estranho. Dona Ana relata que a normalidade é quebrada quando durante a madrugada há fuga de pessoas correndo de policiais pelo beco, uma vez que é possível poder acessá-lo por outras ruas do bairro o que o torna um caminho de fuga para despistar policiais o que ocorre com frequência segundo a moradora.

Neste sentindo pude compreender que o trânsito de moradores pelos caminhos dos becos e marombas cria uma relação de profundidade com o local. Eles tornam-se parte de uma paisagem urbana e verdadeiros agentes na construção da cidade através de estratégias que fazem se fixar em ambientes cheios de contrariedades. É assim que essa prática de viver e percorrer pelo ambiente citadino torna-se em dimensão simbólica através de itinerários pela cidade.

3.4 Espaços de interstícios: marombas

Na continuidade dos becos, por cima das águas, estão as marombas que, no mundo amazônico, constituem-se enquanto uma técnica de elevação em meios aquáticos. No contexto das palafitas, representam os caminhos de ligação entre a rua, o beco e os espaços das palafitas.

As marombas entre as palafitas tem uma dimensão física e simbólica. Existem características comuns aos dois becos em relação a elas. Sobre seu caráter físico, as marombas formam caminhos para que as casas possam ser acessadas. Como as casas

foram construídas a partir da margem, final da terra firme, as sucessivas casas construídas fazem suas marombas em continuidade as já existentes.

As marombas são construídas pelos moradores, com madeiras compradas com seu próprio dinheiro. Existem reparos sucessivos que precisam ser feitos durante o ano, dos mais pequenos, como reforço de pregos, até outros mais estruturais como troca de tábuas ou troca de estacas. Alguns chegam a ir guardando madeiras durante a baixa dos rios esperando a cheia. Durante a vazante as marombas se constituem em pontes sobre o terreno úmido e fazem parte de um trajeto rua-beco-maromba-casa. Durante o período da cheia, algumas marombas primárias, que são aquelas construídas pelos vizinhos e ficam no nível das portas das casas afundam e a prefeitura constrói novas marombas⁴⁴ (marombas secundarias) (Figura 42).

Figura 42: Marombas construídas pela prefeitura na área do beco Corinthians.

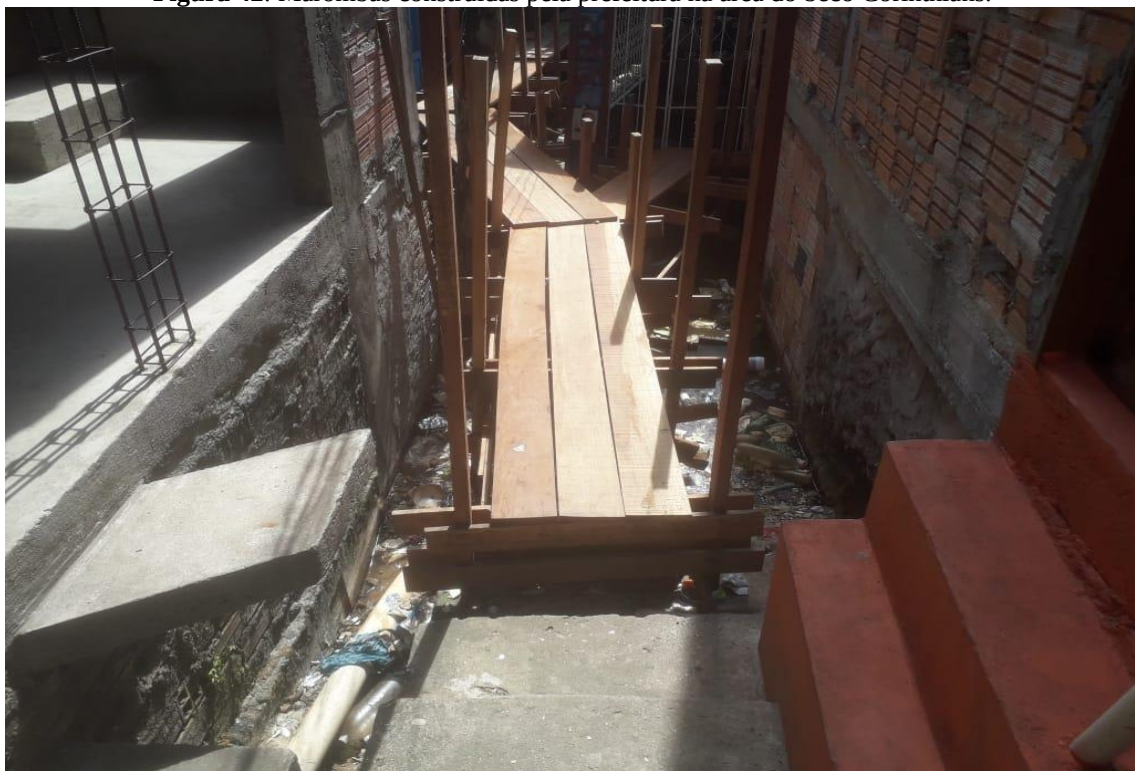


Foto: Matheus Areb, 2021.

⁴⁴ Como a cidade de Manaus é impactada todos os anos pelo ciclo de cheias das águas. A prefeitura ou a chapa eleita sempre toma medidas consideradas “preventivas” quando as águas adentram o perímetro urbano. No ano de 2021 foi criado um “Comitê de Enfrentamento das Cheias Fluviais”, que se constituiu a partir da cooperação de várias secretarias do município que criaram um plano de mitigação dos impactos causados pela subida das águas do Rio Negro em Manaus-AM. O comitê nesse ano foi criado em 18/04/2021. Há um serviço de monitoramento das águas pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) e em seguida um mapeamento das áreas de inundação. As pastas então contribuem a partir das demandas sociais. Um órgão como a Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seminf), trabalha na construção de pontes, as chamadas marombas, nos bairros, para driblar o contato dos moradores com as águas e viabilizar sua circulação.

No beco Ajuricaba os moradores afirmam que as madeiras dadas pela prefeitura não são suficientes na época da cheia e que geralmente contemplam apenas as novas marombas construídas ao longo do beco por cima das águas. Em época de cheia, as marombas adentram as casas das pessoas já que o chão fica coberto por água (Figura 43). As estratégias para compra das madeiras variam entre comprar do próprio bolso, o que é muito custoso para os moradores, pois “madeira é cara” afirmam. Os arranjos dentro da própria casa de como construir as marombas ou elevar o chão é possível para quem consegue as madeiras, doadas, compradas ou adquiridas de alguma outra forma, quem não consegue as madeiras precisa recorrer a mudanças para casas alugadas ou para vizinhos, como afirma dona Ana no beco Ajuricaba: “quem tem faz, que não tem não faz”.

Figura 43: marombas dentro da casa de morador e objetos suspensos da água.



Foto: Amazonas Atual, 2021.

As madeiras são de extrema importância para os moradores. Após a cheia, as madeiras das marombas construídas pela prefeitura não são possíveis de serem reaproveitadas, pois segundo os moradores o tipo de madeira é mais frágil e logo não dura, “a madeira amolece com um tempo encostando na água e na chuva” afirmou dona Isabel. Se as ruas são imprescindíveis para a mobilidade na cidade, as marombas são parte do espaço das palafitas, sem elas não há possibilidade de transitar, como afirmou dona Ana, “a ponte aqui é pra tudo”.

As marombas possuem características específicas, são espaços de passagem para acesso as casas. As primeiras casas foram construídas margeadas ao bairro de frente para o beco e de costas para o igarapé. As casas construídas atrás das primeiras se adaptaram à possibilidade de espaço disponível. Essas casas constroem suas marombas como uma extensão do beco. Como a distância com a terra firme aumenta, se amplia o comprimento da maromba. As marombas não possuem uma direção padrão, elas seguem a direção de onde se encontra a porta da casa-palafita se estendendo. Se outros moradores se estabelecem após a casa já construída, as marombas fazem curvas chegando às casas, criando caminhos labirínticos por vezes.

Esse caráter de passagem dá as marombas dois sentidos: (1) se pertencer a uma só família é uma maromba privada. (2) Quando a maromba dá acesso a mais casas, se constitui enquanto uma maromba público-privada, já que o trânsito para acesso a uma casa pressupõe percurso para as demais. Passando pelas marombas, é possível olhar para dentro da casa dos moradores pelas portas e janelas e vice-versa como já constatado por Tambucci (2014, p. 127): “fazendo com que ninguém consiga passar despercebido, ou precise ‘pedir licença’ para passar”.

Passear, passar, caminhar, transitar fazem parte do movimento humano como uma transposição simbólica (ROCHA & ECKERT, 2020, pp. 4-5). As pessoas se deslocam pela cidade, criam circuitos, lugares de proximidade e fobia, pela rua e pelos bairros. O simples deslocar-se implica no encontro entre conhecidos. Pelas palafitas esse trânsito revela os conhecidos entre si que aparecem, em um primeiro momento, a partir das crianças que habitam as casas. As marombas são um espaço lúdico para crianças e adolescentes. Os movimentos são outros, diferentes dos adultos: deitam, correm, se penduram. Para crianças, maromba é espaço de múltiplos movimentos.

Marombas são espaços de transição, lugares para transitar. Marombas são caminhos que ligam as casas umas as outras e que ligam ao beco, as caminhadas partem então de uma lógica do “irregular” para o regular⁴⁵, ou vice-versa, beco-maromba, plano aquático-terra firme.

As marombas são uma construção técnica de solução, mas também de perigo. Isso porque estar sobre as águas já se constitui em um perigo em si, pois ao serem feitas de madeira precisam de manutenção, suas tábuas ficam velhas. Os relatos são

⁴⁵ O sentido “do irregular para o regular” parte da ideia da passagem das áreas de palafitas vistas como irregulares ou subnormais, quando há um movimento de transição para a rua, há uma passagem para o considerado “regular”.

consideráveis em relação a acidentes, como pessoas que se machucam em madeiras quebradas, por pisarem em pregos, assim como “topam” em tábuas sobrepostas ou escorregam em dias de chuvas em tábuas molhadas, perigosas para crianças e para adultos. Também há o exemplo de uma moradora que deixou seu aparelho celular cair na água quando atravessava a maromba e o perdeu.

Assim se faz o trajeto maromba-beco-rua, como uma transição entre planos, mas não unicamente espaços de transição, como já falado, são espaços familiares, no sentido de extensão da rua, um local para sentar, para conversar, para encontros tanto quanto para passagem.

3.5 Vizinhança entre as palafitas

Vizinho, Vizinha e vizinhança. Os termos são usados em sentido espacial de relações próximas. Como define Rodrigues (2006, p. 14) vizinhos são “habitantes de um espaço próprio”. O autor afirma que a compreensão antropológica acerca da “vizinhança” tem início quando consideramos as interpretações das vivências e experiências coletivas e individuais dos habitantes da cidade, “aos quais as relações espaciais vinculam-se às relações sociais” (RODRIGUES, 2006, p. 11). O autor Ainda aponta que os padrões de relações individualizantes estão ligados à vida pessoal (trabalho, emprego, consumo) e os padrões de relações coletivos são da ordem da religiosidade, lazer, parentesco e vizinhança, experiências que dão forma às interações sociais.

A cidade evoca a imagem da impessoalidade, anonimato e indiferença. Mas o que torna a cidade familiar? Michel Agier (2011), responde que nas possíveis relações de proximidade entre os habitantes da cidade, ao longo dos bairros, ruas e vielas, há a chamada “familiarização das relações locais” (AGIER, 2011, p. 107), quando no espaço urbano cria-se uma rede de sociabilidades e consideração a ponto de ultrapassar “o próprio quadro residencial familiar” marcado por trocas sociais.

Em Manaus, espaços de áreas úmidas, palafitas ou as moradias aos longos dos igarapés possuem um forte estigma de um “lugar perigoso”⁴⁶ (CORRÊA, 2017). Desde

⁴⁶ Sílvia Corrêa (2017) analisa os processos sociais da construção de uma imagem de um “lugar perigoso” ou a estigmatização de um espaço de moradia precário, o “bodozal”, conjunto de habitações em áreas úmidas. A análise relacional que a autora faz permite identificar que as representações construídas acerca

antes do início do trabalho, ao comentar com amigos e familiares o local da pesquisa, todos me alertaram “cuidado, que ali é perigoso”. Em minha primeira ida a campo de barco, perguntei sobre uma rua que era possível avistar da casa onde estava, o morador me falou o nome da rua, logo o navegador perguntou se era “perigoso” ir por ali. Em outro momento, um colega da própria Universidade me alertou sobre uma rua no bairro em que não deveria entrar. Agradei o cuidado e o alerta e ele respondeu “é zona sul né”, em razão das notícias da alta criminalidade e por ser uma das regiões conhecidas pelo estabelecimento mais acentuado do movimento e atuação do tráfico de drogas. Na primeira vez em que entrei no beco Ajuricaba senti medo, nada concreto, apenas a ideia do perigo. Desci o beco e quase que instintivamente percebi que estava procurando algum morador para estabelecer uma conversa e me sentir validado para estar no local, pelo fato de estar conversando com alguém “conhecido”, da área:

O morador se identifica com seu bairro e nesse processo acaba por identificar também os outros moradores. A situação se complica quando moradores de outros bairros entram no espaço do outro e aí passam a ser também reconhecidos, mas como o diferente, o de fora, o estranho. (SILVA, 2016, p. 27)

Neste sentindo, o processo de estigmatização desses espaços faz com que os moradores sejam olhados a partir do pré-conceito e não pelas formas cotidianas de vida e sociabilidades comuns a quaisquer outros espaços da cidade. Só com a proximidade, a visão de “perto e de dentro” pude perceber a vida se desenrolar pelas marombas de forma complexa, com uma ordem e uma lógica explicada nos termos da sociabilidade. Os olhos do Estado e da sociedade, olhar de fora, distanciado, percebem apenas recortes, o nível da aparência mediada pelos programas que narram os crimes pela cidade ou mostram as cenas das enchentes. O contato “de dentro” permite a compreensão da vida, experiências e significados de uma vida às margens e busca por compreender também “elementos cosmológicos, rituais, identitários e morais nem sempre visíveis e que a etnografia pode identificar” (CALDERIPE, 2017, p. 215).

Andar pelos becos e marombas é uma experiência sensorial. Vemos as pessoas pelas janelas, olhamos dentro das casas, ouvimos as vozes e se passarmos por volta da hora do almoço ou mais cedo, sentimos o cheiro de feijão e de manhã, o cheiro de café.

de um lugar perigoso são pelo simbolismo da ideia de “favela” “cujo modelo mental reporta às periferias das cidades centrais do país, projeção essa que faz com que a ficção se sobreponha à experiência diária do lugar localizado na periferia de Manaus”, de modo que “sustenta, no plano simbólico, um processo de distanciamento e desumanização da imagem do morador desse tipo de localização, esses lidos socialmente e de forma generalizante como “bandidos”, “gente que não presta”. Esses processo nos ajudam a compreender o olhar de “cuidado e precaução” para com estes locais.

Vozes de adultos dentro de casa, transeuntes pelos corredores, crianças correndo, ajoelhadas no chão de terra ou na maromba brincando ou mexendo em algo. O sentido de vizinhança se constrói e se faz presente na medida em que nas conversas e observando na porta das casas, as redes de conhecidos são tecidas e se fazem conhecidas, assim:

a imersão no cotidiano, em suas emoções, em sua dimensão espacial local, coloca em cena os rumores de diferentes vozes, os ruídos de muitas atividades, os movimentos das práticas cotidianas (RODRIGUES, 2006, p. 57)

Essas relações de vizinhança nas palafitas, primeiro eram conhecidas a partir de meus diálogos com alguns moradores e algumas observações minhas, pois apesar de faladas, relações de vizinhança são mais bem compreendidas quando observadas. Primeiro apontarei características comuns às duas áreas de palafitas e suas relações de vizinhança para então adentrar nas especificidades de cada área.

Apesar desses espaços serem tratados como uma unidade singular por estarem distante das ruas e vias principais, os moradores das casas de palafitas se conectam ao bairro de inúmeras formas, seja pelo fornecimento de serviços, suas congregações de fé estarem no bairro e os conhecidos que fazem ao longo do bairro. Em minha conversa com Robson, este após várias falas sobre o risco do local comentou seu apego ao bairro:

Eu gosto daqui, não queria sair do Educandos não. Eu queria comprar uma casa lá em cima (na rua), mas é muito caro. Aqui é tranquilo, tem tudo perto, o centro é aqui também. Nossa igreja é aqui perto e meus vizinhos são de lá também, fora que eu vendo meus salgados e por aqui já tenho meus clientes e já estou planejando colocar uma banca ali na feira da Leopoldo Peres.

Por mais que hajam vínculos geográficos e interpessoais com o bairro e sua gente, é possível compreender que a proximidade e o modo de vida em comum é um marco de distinção que separam conhecidos de vizinhos. Os conhecidos se espalham pelo bairro, são os clientes, irmãos da igreja, vendedores, atendentes. Esse fato ficou melhor demarcado quando conversei com alguns senhores moradores da rua Inocêncio de Araújo. O sr. José de 79 anos é dono de um mercadinho. O sr. Francisco (67 anos) e sr. Carlos (70 anos) estavam conversando em frente a outro mercadinho no lado esquerdo de quem entra no beco, perguntando sobre o local ambos deixaram explícito a demarcação:

Pesquisador: como é na época da cheia aqui?

Sr. José: É triste, **eles** saem carregando as coisas aqui pra cima perdem algumas.

Pesquisador: O sr. acompanha a situação dos moradores da palafita na cheia?

Sr. Francisco: rapaz é complicado né, a prefeitura põe as tábuas aí, mas não sei se ajuda muito pra **eles** não, a água entra na casa toda, molha tudo é prejuízo pra **todo mundo daí**.

Pesquisador: E o sr, acompanha a situação dos moradores da palafita na cheia?

Sr. Carlos: É feio o negócio olha, sofrem muito, desde que eu moro aqui é essa situação, o rio enche sai levando e eles fazem o que dá né, a prefeitura ou o governo tinha que ajudar mais esse povo.

As falas deixam claro que há uma demarcação entre os que moram na rua e os que moram nas áreas de palafitas, há um “eles” e “nós”. Da mesma forma, há entre os moradores das palafitas a construção de um sentindo de vivência comum que demarca aqueles que são mais próximos da pessoa. Em vários momentos em campo, percebi a referência ao outro, ao vizinho, aos que passam por situações semelhantes ou mesmo diferenciadas, a partir de uma fala com caráter coletivo como: “a gente”, “a nossa situação”, “nós aqui”, “tá difícil pra todo mundo”. Algumas falas destacadas expressam esse aspecto:

É difícil né a nossa situação, por que a água já tá aqui subindo, aí ainda chove, nós estamos mesmo é com medo da chuva, se inundar mais que isso não sei nem o que fazer (Cíntia, 32 anos, beco Ajuricaba).

É complicado por que todo mundo aqui tá passando por isso, a gente precisa de madeira pra fazer as marombas, o vizinho ali já até se mudou por que não deu mais pra ele ficar em casa, achou melhor sair (Núbia, 48 anos, beco Ajuricaba).

Todo mundo aqui passa por isso, a gente faz o que pode né, por que não tem como sair daqui agora, é a nossa casa, não tem outro lugar pra ir (Marta, 35 anos, beco Corinthians)

Nesse sentindo, na época da cheia fica mais evidente a demarcação de uma ideia de comunidade na vida das pessoas, enquanto experimentam uma situação conflitiva quando as águas do igarapé avançam para as casas. A situação tensional das águas faz os moradores se reconhecerem enquanto vizinhos próximos a partir de uma experiência comum. O elemento água então passa a ser, em um primeiro momento, um objeto que simbolicamente caracteriza a vida de quem mora ali e enfrenta as mesmas dificuldades, podendo reconhecerem-se entre si:

O bairro, de certa forma, se torna o privado que é público, ou seja, participar e compartilhar de um estilo de vida comum e cotidiano, em que os moradores reconhecem seus semelhantes, faz do bairro um grande espaço privado, mas que ao mesmo tempo é público por não ser fechado e restrito apenas a um determinado grupo social (ALMEIDA 2011, p. 4).

Em diversas vezes é possível identificar, na fala dos moradores, os relatos sobre as dificuldades de cada vizinho, quem perdeu o quê nas águas, quem se machucou em marombas, quem se mudou com a cheia. Os moradores não são entidades individuais, relacionam-se com as águas e entre si. Entre as palafitas, existem sociabilidades, observadas aqui pela perspectiva de sociabilidade de rua ou de vizinhança como “espaços restritos de intenso interconhecimento” (RODRIGUES, 2006, p. 258) que conforme o autor dão origem a padrões de relações através de “práticas cotidianas que ligam os sujeitos em redes de sociabilidades e atuam como formas de inclusão e ao mesmo tempo distinção contribuindo para a construção e a manutenção dessa identidade” (RODRIGUES, 2006, p. 259).

Identidade dos indivíduos e dos becos entre si. Existem semelhanças nas relações dos moradores entre os dois becos e distinções que serão abordadas a partir da perspectiva da sociabilidade urbana (FRÚGOLI, 2007).

3.5.1 Vizinhança no Beco Corinthians

O beco Corinthians é menor em relação ao beco Ajuricaba, moram menos pessoas, as interações são feitas entre um círculo menor de casas. A categoria da religião é indispensável para compreender o grupo de maior interação que são os vizinhos das casas que moram ao final do beco, ao longo da maromba. Uma coesão mais significativa se deu quando o morador da última casa da maromba se converteu a uma igreja neopentecostal da vizinha, aumentando os laços e a proximidade. Após a conversão de Robson à igreja dos vizinhos, eles apoiaram o estabelecimento de uma “célula” na casa de palafita ao lado. Os cultos realizados durante a semana são um momento de devoção e sociabilidade, as crianças brincam entre si e os adultos conversam.

A proximidade das relações de vizinhança observadas faz com que situações conflitivas transformem-se em relações de proximidade e consideração, como ocorreu no beco Corinthians onde em determinado momento, Robson vivia brigado com a família vizinha moradora ao lado. Uma das principais formas do conflito se expressava pelo “som alto”. Robson antes era homem não-cristão e ouvia suas músicas em som

alto, do mesmo modo a vizinha cristã também ouvia músicas em som alto. O conflito não era tão acirrado, a diferença se dava por vezes em brincadeiras tiradas entre ambos os vizinhos. Com o tempo, após uma situação de agravo da saúde de um dos membros da família de Robson, ele se converteu à religião cristão praticada por sua vizinha que o aconselhou durante os períodos de adoecimento. Após o ocorrido, a proximidade se acentuou com ambos os familiares frequentando as casas entre si.

Um evento mais significativo são os aniversários que, segundo os moradores, são as festas em que os vizinhos convidam-se entre si, crianças e adultos. Aniversários são festas comemorativas do completar de mais um ano de vida, o convite é feito a parentes e a vizinhança. O caráter de convite a vizinhos significa a “consideração” ou o significado daqueles que estão presentes no cotidiano, presenciando ou partilhando de lutas ou do cotidiano em si, estranhos que se tornam conhecidos pela proximidade do habitar. Certos vizinhos tem mais intimidade entre si que outros, vizinhos da parte mais alta do beco permanecem menos em casa porque trabalham fora, já na parte mais baixa, próximo as marombas, outros são possíveis de serem encontrados durante o dia.

Certa vez me encontrava na casa de Robson conversando, quando próximo da hora do almoço fui convidado à mesa, mas por ter lanchado antes, declinei do convite e agradei. O almoço era um caldo de peixe. Logo um senhor entrou e rapidamente se sentou à mesa, era o dono de uma taberna da rua, também vizinho do beco ao longo da maromba que foi chamado para partilhar da comida. Quem come em casa não é apenas quem faz parte da casa, mas aqueles com quem construímos relações e que estão próximos, pois “o sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte” (AGIER, 2011, p. 114).

As trocas simbólicas são pelas relações de “consideração” e “amabilidade” (FRÚGOLI, 2007, p. 10), chamar o vizinho para o aniversário, convidar à mesa, participar nos ritos de devoção. A ajuda também é uma forma de troca e solidificar relações. Em momentos necessários, de cheia, vizinhos se ajudam na manutenção da marombas se necessário, mas a regra é que cada um dá mais atenção a maromba que está à frente ou que leva a sua casa. Neste parágrafo, podemos refletir:

[...] através da localidade do território, da vizinhança, do interior, esboçam-se modos de solidariedade específicos, nos quais a complementariedade ou a troca são elementos estruturais da sociabilidade (MAFFESOLLI, 1984, p. 39 apud RODRIGUES, 2006, p. 52).

Foi possível perceber, ao longo do beco Corinthians, uma aproximação entre os vizinhos que se deu pela ordem religiosa, além da aproximação pelas mesmas experiências de uma vida em palafita que acentuam esse processo. O estabelecimento de vínculos com os moradores de terra firme, na parte de cima do beco, se manifesta principalmente a partir das festas de aniversário.

Ao longo da maromba há uma troca frequente de vínculos através das “conversações” (FRÚGOLI, 2007, p. 10), vizinhos que conversam entre si sobre inúmeros assuntos da vida cotidiana, reforçando vínculos.

3.5.2 Vizinhança no Beco Ajuricaba

Em uma de minhas primeiras visitas com a dona Ana, constatei um sentido de comunidade a partir das palafitas da área do beco Ajuricaba. Ao perguntar sobre os acontecimentos e acidentes da cheia, dona Ana contou que não havia tragédias no local como em outros lugares, apesar das águas inundarem as casas, não havia deslizamento de terra e nem mortes na área. Assim refletiu dona Ana sobre o local: “Nunca teve nada graças a Deus! Deus habita aqui nesse pedaço”. A lógica do pedaço pode ser pensada em referência a teoria. Dona Ana falou de um livramento não apenas individual, mas coletivo, pois pensa a segurança a partir de um benefício da sua comunidade, o que pressupõe uma ideia de reconhecimento da noção de vizinhança. Magnani (2008, p. 32) é que define o pedaço como “Quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir um determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações recebe o nome de pedaço”.

Foram poucos os momentos em que tive possibilidade de ver presencialmente as relações de vizinhos entre si, mas as falas dos moradores revelaram muitos dos acontecimentos. Quando perguntava a um morador sobre “como é a vida aqui com seus vizinhos?” as primeiras e últimas respostas sempre eram as mesmas e giravam em torno de uma mesma situação com poucas variações: a tranquilidade na convivência. Entretanto, eram nas conversas sobre outros temas que as questões sobre vizinhança apareciam.

Em uma manhã de sexta feira conversei com dona Ana sentado na cadeira de sua cozinha. Enquanto conversávamos, seus netos e filhos tomavam banho e café pela casa. Quando perguntei sobre a questão do lixo, ela respondeu:

Tem gente aqui mesmo que joga muito lixo aqui, esse meu vizinho aqui de trás é um, botou uma tábua pra ninguém jogar lixo no lado dele, mas ele mesmo não junta uma garrafa. Eu boto meu lixinho todo aqui nessa sacola do lado da pia, eu jogo tudo aqui (Ana, 63 anos, beco Ajuricaba).

Dona Ana me levou até sua janela e me mostrou a casa do vizinho sobre o qual fez a reclamação (Figura 44). Logo percebi que sua casa, atrás da moradia dela, estava bastante inclinada em direção ao rio e comentei se não era perigoso e se não havia risco de cair e dona Ana afirmou: “pois é, já tá bem virada né, ele tinha que botar uns estacas ali pra endireitar, mas ele tá vendo que tá assim, ele não ajeita por que ele não quer”.

Figura 44: vista da janela de dona Ana para a casa inclinada do vizinho com lixo abaixo.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Da mesma forma como dona Ana teceu críticas a seu vizinho, outras vizinhas também tinham algo a falar sobre os demais. Em conversa na porta de sua casa com dona Cecília e dona Wanda, comentaram sobre uma vizinha que deixava as crianças brincando sem supervisão, o que foi motivo de críticas, aparecendo o elemento comunitário da conversação sobre um terceiro. As vizinhas também criticaram uma outra por deixar os filhos brincarem sozinhos por cima das marombas, uma delas apontou para um menino de aparência de uns sete anos ou menos andando pela maromba com outra menina de aparência de 6 anos: “aquele ali é o campeão”, se referindo ao menino que havia caído mais de uma vez das marombas nas águas. Logo

em seguida questionou o cuidado da mãe, a água e o risco envolvido na situação que aparece dentro da estrutura dos comentários.

Os tipos de comentários que circulam por uma comunidade e entre vizinhos não se constituem enquanto fator exclusivo de classe ou local pois são próprios de todas as relações sociais e do próprio ato de conversação entre vizinhos, mudando as maneiras de se comunicar e transmitir as informações. O ato da conversa sobre os outros, sobre a própria vida ou problemas coletivos e pessoais são comuns aos grupos sociais e a própria vizinhança (VELHO, 2002).

Além do juízo de valor das moradoras acerca da falta do cuidado para com os filhos da vizinha, a aproximação, pelo fato das casas estarem dispostas próximas, conforma o local para relações íntimas, não necessariamente sempre em relações de proximidade, mas da possibilidade de aproximação para uniões e também conflitos, sejam no julgar, ajudar, vestir. Rodrigues (2006, p. 52) afirma que “a interação social inclui também um campo no qual se exercem as diferenças [...] o reconhecimento das diferenças e do conflito social”. O conflito é entre aqueles que estão perto, convivem, aonde o cotidiano faz esbarrar as diferenças e desavenças, neste sentido que Simmel apresenta o conflito como força integradora (SIMMEL, 1983, p. 165 apud RODRIGUES, 2006, p. 52).

De fato, essa dimensão de uma vizinhança mais conflitiva aparece apenas nas conversas entre moradores quando comentam entre si sobre os demais moradores, mas também conversam sobre muitas outras coisas. Na vazante, quando as tensões e problemas da cheia cessam, é comum, ao longo do beco Ajuricaba, as conversas mais rápidas. Saindo ou chegando da taberna, do trabalho, do mercado se trocam algumas conversas ou acenos, esses são os atos simbólicos de reconhecimento:

sorrisos, saudações, cumprimentos, trocas de palavras que dão a sensação de existir, de ser conhecido, reconhecido, apreciado, estimado” (ANTOINE PROST 1992, p.116 apud ALMEIDA, 2011, p. 1).

As conversas entre adultos são mais raras, afinal, todo mundo tem sua ocupação, ou como disse dona Ana, “cada um no seu canto”. No beco Ajuricaba cabe aos jovens e as crianças essas interações mais profundas. As crianças brincam entre si, e os jovens homens passam de um lado para o outro no beco, juntos ou separados, reúnem-se na porta da casa de alguém ou em alguma esquina do beco trocando informações entre si.

Laços mais profundos também estão presentes no momento da “necessidade”. Francisco afirmou: “todo mundo precisa um do outro, então a gente ajuda como dá, e se não dá pra ajudar então a gente diz onde tem, aonde é, por que ninguém sabe qual é o dia que a gente vai precisar do outro né” (Francisco, 60 anos, beco Ajuricaba). A fala de seu Francisco evidenciou a ajuda em momentos críticos durante a vazante, entretanto, é mais difícil à ajuda na cheia, pois todos passam necessidade ao mesmo tempo, quando entra o papel de auxílio dos moradores, organizações e grupos da cidade, como afirmou dona Ana: “nesse ano de 2021 recebemos muita ajuda de fora daqui, recebemos muitos ranchos e foi o que ajudou muito, tinha muita gente auxiliando aqui”.

Nas palafitas, a partir do beco Ajuricaba, as relações são mais espaçadas e divididas a partir de núcleos de conhecidos, o conjunto de palafitas é bem maior e se estende até outros becos e ao longo da margem do igarapé do Educandos, o que faz com que haja manchas (MAGNANI, 2008) de conhecidos dentro de um mesmo pedaço e as relações se deem descentralizadas.

Aqui falo sobre uma parte do bairro Educandos, sobre as situações de interações a partir de quem mora nas palafitas, o que me leva a refletir sobre a construção da noção de pertencimento ou familiaridade, mesmo por condições ambientais tensionais e conflitivas. Primeiro, o sentido de bairro se dá pelo cotidiano e nas interações entre os indivíduos, entre as casas e famílias. Aproximações ou até conflitos constroem um todo que forma a história de um bairro que é uma “construção histórica e simbólica, caracterizada por uma conotação afetiva que é interiorizada por seus moradores. É um fator de identidade entre morador e lugar e de identificação entre os membros da comunidade” (SILVA, 2016, p. 28).

Especificamente quando trato nessa parte do capítulo sobre relações de vizinhança em contexto de palafitas, é importante lembrar que a ideia de uma (re)organização do espaço e a ideia da insalubridade e risco pairam sobre estes espaços.

Os habitantes possuem relações entre si que tem uma dimensão espacial, não obstante, muitos se referem às poucas benesses do lugar como a “proximidade” a áreas como o centro e outros bairros. A humanização desses espaços de palafitas, não apenas como lugar do risco, deve ser pensada, principalmente quando observamos os projetos urbanistas que se impõe nesses espaços, desagregando os núcleos de vizinhança e rede de conhecidos e deslocando essas pessoas para outros lugares, em realidades discrepantes. Neste sentido, reflito a partir de Calderipe (2017, p. 235):

Penso que o habitar deve ser pensado de forma ampla, considerando o seu significado para as pessoas que ali vivem. Não são apenas as condições materiais que importam, mas a rede de relações construídas no seu entorno, as condições de circulação pela cidade, a produção de espaços próprios, o acesso aos serviços básicos, ou seja, a construção de sua história na cidade como sujeitos que são parte dela e precisam ser reconhecidos enquanto tal, embora tenham a noção de que estão numa cena de disputas e antagonismos (CALDERIPE, 2017, p. 235).

Há uma relação com o bairro e por mais que seja necessário pensar “sobre o risco” das moradias nessas áreas alagadas, deve ser considerado que os moradores estão ligados, em várias dimensões, à vida naquela localidade. A simples transferência de habitantes para áreas periféricas da cidade classificam-se enquanto situações conflitivas no que se refere a uma adaptação a esses espaços.

3.6 Significados múltiplos das águas: cheia

A produção desigual dos espaços faz com que nas cidades brasileiras as pessoas sejam empurradas para moradias em áreas de risco, como ao longo dos canais fluviais urbanos, geralmente poluídos, resultando em uma relação conflitiva desses moradores com as águas urbanas, principalmente no contexto da cidade de Manaus em tempos de cheia do rio.

Para um estudo nessa temática, o antropólogo sempre deve se ater às práticas e ao cotidiano vivido e narrado, pois o encontro da cidade com os rios geram diferentes expressões e experiências: “a exposição às situações de risco, como a contaminação por doenças, o afogamento de banhistas, sem contar as efetivas tragédias com as cheias” (DEVOS, SOARES E ROCHA, 2010, p. 54). A reflexão sobre águas urbanas e seu contexto de relações com os moradores dessas áreas é uma possibilidade de compreensão da própria dinâmica da vida urbana e da dinâmica das águas.

Procurei identificar através das narrativas e experiências com as águas do igarapé do Educandos, como as pessoas se relacionam, percebem e classificam essas águas. Acredita-se que a “habitação de qualquer território pelo humano se dá por uma perene produção criativo-imaginária do espaço, que movimenta uma ética-estética de atuação e interação com ele.” (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019, p. 2). Procuramos pelas imagens e símbolos que emergem pela proximidade com as águas.

Segundo os moradores ao longo do igarapé do Educandos, o início da cheia, de maneira mais visível, começa no mês de fevereiro, é quando a água do igarapé começa a subir mais rápido já se aproximando das casas. Em conversa com os moradores, geralmente o que aparece primeiro em suas falas é a preocupação com os animais que

vem com as águas. O maior problema é com as cobras que são animais peçonhentos e podem ferir, nunca se sabe quando uma cobra está rodando a casa, ou dentro de casa nas águas, há o perigo da cobra ser venenosa ou não. Outros animais também aparecem nas águas como sapos e ratos. Os moradores revelam sempre o desconforto na convivência com esses animais, principalmente ratos, pela transmissão de doenças. Como afirma Márcia: “casa não é pra tá assim cheia de bicho né”. Há uma oposição entre a morada humana e a morada animal, os animais trazidos pela água trazem o risco da vida: “a gente não sabe o que tem nessa água né, é perigoso” (Núbia, 48 anos, beco Ajuricaba). Os habitantes não apenas precisam lidar com os animais mais silenciosos que adentram as casas trazidos pela água, mas também há um perigo maior em curso que me revela dona Ana: “aqui dá jacaré”. Conforme o relato de outra moradora entendendo a relação com os jacarés na área: “só não entra jacaré na casa, o resto entra tudo”, fala rindo Maria, mãe de Robson, no beco Corinthians. Os relatos sobre jacaré dizem que os animais são apenas avistados rodando as casas, mas nunca houve relato de ataques.

Não apenas animais conhecidos, mas desconhecidos aparecem pelas águas: “aqui dá de tudo, tem um bicho que eu nem conhecia, o pirarucu-bóia, ele tem cabeça igual de um pirarucu, mas o corpo é de cobra”. O peixe ao qual dona Ana se refere é o chamado “peixe Piramboia⁴⁷”, típico de área alagadiças.

Há, portanto, a constituição de uma água-perigo. A água traz o bicho que fere e mata, além do que carrega a doença, há ainda o bicho que cerca a casa, bicho predador e os demais seres desconhecidos que podem habitar nas águas e adentrar as casas. Há uma constante preocupação com a vida, revelando que há um estado de alerta quanto a um perigo próximo. Conviver junto a uma água-perigo é uma condição de risco. Essa condição impacta diretamente no sentido de qualidade de vida dos moradores que convivem com o perigo de picadas, mordidas ou transmissão de doenças. Qualidade de vida deve ser pensada de forma ampla e fala da totalidade do bem-estar do ser humano que envolve o estado objetivo de condições básicas para o que o cidadão considere uma boa vida, mas também aspectos subjetivos que envolvem a saúde mental (PEREIRA, TEIXEIRA, e SANTOS, 2012, p. 243).

Há outra dimensão da água enquanto matéria em si que produz risco. Cair na água é um risco constante, principalmente para as crianças, mas também para adultos. A

⁴⁷ CARVALHO, Luana. **Ataque de peixe piramboia faz uma vítima e deixa moradores apreensivos no Puraquequara**. Acrítica, 2015. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaos/news/ataque-do-peixe-piramboia-faz-uma-vitima-e-deixa-os-moradores-apreensivos-no-puraquequara>>.

água na cheia invade as casas e a parte mais baixa do beco, assim como inunda as marombas. Com as novas marombas construídas há o risco da “queda na água”, sendo que a preocupação é relatada levando em consideração as crianças:

o problema aqui é com as crianças né, nunca aconteceu nada, mas as crianças caem as vezes, só que a gente fica atento, todo mundo fica atento com as crianças na cheia, se uma cai aí algum vizinho ou alguém que está perto vai lá e puxa, alguém já puxa. A época que essas crianças mais gostam de correr por aqui é quando tem essas marombas aí, só Deus mesmo (Ana, 63 anos, beco Ajuricaba).

Assim, há a produção de uma água-risco que afoga e mata crianças, por isso há necessidade de vigilância e cuidado na cheia devido a sua proximidade, é necessário sempre “ficar de olho”. O risco é para todos, crianças e adultos. Há o risco de pisar errado na maromba e cair, o que pode acontecer também se alguma madeira estiver quebrada. Em momentos de muita chuva, as madeiras podem estar escorregadias e se pode cair na água. O jeito como se cai é um risco. Existem relatos de moradores que inclusive já tiveram perna quebrada por se machucar entre as marombas.

Há um caráter da água mais inanimado na cheia. É a água-suja. A água-suja tem duas dimensões simbólicas: (1) água-suja enquanto aparência pela cor e odor e (2) a água que traz o lixo e a sujeira. Para além de sua condição enquanto água-morta traz objetos sujos também. A água suja tem duas características dependendo do tempo. É suja na cheia, pois traz o lixo e é suja na vazante pelo odor. Na cheia, como o volume de água é maior há uma relativa depuração da água e dos dejetos líquidos que passam por ela, fazendo o odor não ser tão forte quanto na vazante, mas mesmo assim é sentido. Na cheia, os moradores reconhecem que a água não é limpa: a “água é muito suja, traz bicho e muito lixo” afirmou Márcia no beco Ajuricaba. Esta relação evidencia a atitude de uma ofensa às águas, segundo Bacherlard (1998, p. 189) é o ato de ofensa a partir de uma relação de desprezo. A água forma um par de oposição ao humano, trazendo aquilo que é ruim, em resposta este a categoriza, a ofende como fez Márcia, “é uma água imunda e suja”. A água é o objeto da desordem. Da mesma forma, afirmou dona Ana: “essa água traz tudo, vem de tudo nela, tudo que não presta ela levanta tudo”.

A fala de dona Ana se referiu ao contato com o lixo do igarapé que a água proporciona. É uma água ativa, não apenas é suja em si, como também traz a sujeira e a põe em contato com os moradores. A questão do contato com o lixo em casas de palafitas é comum em várias outras áreas úmidas que são feitas de moradias na cidade de Manaus (CALDERIPE, 2017). Houve uma diferença na responsabilização do lixo

que atinge as casas. Os moradores das palafitas do beco Corinthians afirmaram que o lixo não vem dali, existem moradores que jogam alguns, mas a maioria é tudo que vem da parte de cima do igarapé (a jusante).

Muitos moradores, apesar de evitarem, precisam ainda ter contato com as águas, quando fazem reparos e reformas ou até mesmo construindo as marombas dentro de casa. Esse contato com a água também pressupõe um risco, já que na bacia do Educandos há despejo de dejetos domésticos e de substâncias tóxicas que são nocivos à saúde humana (CALDERIPE, 2017).

A água às margens também se apresenta como violenta, pois forma os banheiros e vai de encontro às casas, arrebenta as estruturas, destrói, na força do impacto, como na casa do morador em que as paredes da cozinha foram destruídas e o cômodo se tornou uma varanda para o rio (Figura 45). Assim, a água é classificada como violenta, “[...] numa referência à violência e/ou agência da água, que invade as casas” (CALDERIPE, 2017, p. 233). A água que margeia a casa, quando um barco passa muito rápido ou muito perto, ou mesmo distante se for de grande porte, forma o banheiro que dá de encontro com a casa, impactando a estrutura. Numa das casas, conversava com um morador em um cômodo sobre o rio que imaginava ser uma varanda, com a fala do banheiro que destrói, descubro que o local onde estamos na verdade era uma cozinha que teve sua estrutura danificada pelo banheiro ao longo dos anos e as paredes e teto foram retiradas deixando apenas a estrutura do chão.

As águas violentas formam os banheiros e vão de encontro às casas, destruindo-as, quando não, na força do impacto, a água corrói a sua madeira. A água-violenta (BACHELARD, 1998) é dotada de uma cólera, de um ritmo enérgico que destrói. A imagem de uma água violenta ganha sentindo a partir da agência das águas, através de uma atitude de furor, neste caso, a destruição da casa. É nesse ato da água que destrói que se projeta a violência visualmente, em uma projeção dinâmica visível das águas que ganha forma a partir de sua força contra a construção humana.

Figura 45: Vista da Antiga cozinha de morador destruída pelos banzeiros.



Foto: Robson (morador).

No beco Ajuricaba, minhas primeiras visitas com uma das principais interlocutoras foi numa casa em reforma, ainda invadida pela água da cheia. A umidade constante faz com que as madeiras da casa apodreçam, sendo necessário que sejam trocadas. No caso da residência de dona Márcia, a troca foi feita na parte debaixo da casa. Ela permaneceu em cima, pois tinha uma pequena taberna. A prefeitura constrói as marombas e fornece um auxílio nessa época, sendo que apenas a primeira parcela havia caído quando conversei com ela. Em tom de desabafo, afirmou que estão no “esquecimento”.

Há outra dimensão da água enquanto água-desordem. A água traz a mudança no cotidiano, os prejuízos e perigos. No ano de 2021 como o nível da água alcançou seu

máximo, muitas casas foram inundadas, sendo que aqueles que conseguiram ficar na casa, construíram as marombas ou elevaram o chão, o que mudou os movimentos corporais:

a vizinha ali, ela tem problema na perna e não pode andar direito, ela ficou igual um macaco, a água entrou na casa dela e só dava pra sair pela janela, aqui é assim, quando a água vem tem todo mundo que ficar atrepado. Tem que subir pra cima né, mas aonde não alague, tem que suspender o chão da casa (Ana, 63 anos, Beco Ajuricaba).

Outros precisaram deixar suas casas e utilizaram o auxílio que a prefeitura concedeu. Esse recurso gerou descontentamento aos moradores devido ao seu valor exíguo - “não existe aluguel de R\$ 300 reais” afirmou uma moradora. As estratégias para quem se muda, é conseguir um local perto de onde está, como uma moradora que teve que deixar sua casa e o vizinho da rua Inocêncio de Araújo alugou um quarto para ela, pela proximidade, escolheu ficar no bairro de Educandos.

Para as casas de palafitas, a chuva é um fenômeno iminente, pode vir a qualquer momento e ocasionar múltiplos impactos. Falei acima da água que escorre por terra e traz a sujeira da rua, há também o lixo que vem pelo rio. A chuva, em uma bacia hidrográfica, desloca-se em direção às partes mais baixas do relevo, os leitos, e segue o curso, um processo chamado de vazão. Quando a água percorre em direção a foz traz consigo o que pode levar da montante dos igarapés que, no contexto dos leitos urbanos de Manaus, é lixo acumulado pelas encostas dos cursos d’água. Assim, os moradores das palafitas do igarapé do Educandos que estão localizados a jusante do rio, na foz, recebem e presenciam em/de suas casas quase como uma “avalanche” de lixo, afirmam: “desce de tudo, geladeira, fogão, televisão”, “vem muito lixo lá de cima, muito sujeira, aí fica tudo engatado aqui pelas casas” (Francisco, 60 anos, beco Ajuricaba).

Há, ainda, um aspecto importante nesse processo, o estigma. Uma moradora relatou: “as pessoas acham que esse lixo que tá acumulado aqui é a gente que joga, mas não é, isso é o que desce do rio quando chove”. O processo de estigma é construído como um flagrante, casas-pessoas-lixo, há a ideia de que essas pessoas, como afirma Calderipe (2017, p. 234) são as “inimigas do meio ambiente”, trazem a desordem, jogam o lixo que se amontoa por debaixo das casas. O lixo acumulado é resultado de um processo mais amplo em consequência da falta de controle ambiental sobre o cuidado com os igarapés ao longo de toda a bacia. Os moradores das palafitas do Educandos são penalizados com as consequências de lixo debaixo das casas

principalmente com a incidência de bichos, sendo o maior o aparecimento de ratos, para além disso, sofrem com o estigma de responsáveis pelo lixo despejado por toda a bacia.

Outro caráter da chuva e seu impacto é sua própria manifestação enquanto força da natureza. As casas de palafitas têm alicerces frágeis, são estacas de madeira. A chuva com o temporal traz o forte vento, “arranca as telhas, arranca tudo”. No período de cheia há ainda o balanço das águas e a que vem a jusante do igarapé, essa força das águas impacta sobre as casas, fazendo uma casa que “balança”. Na vazante, as casas e a estrutura ficam mais expostas ao vento do temporal. Períodos distintos do rio, mas ambos trazem uma “sensação do medo”. Nunca se sabe o quão forte a chuva vai ser, o que o vento vai levar ou se a estrutura vai aguentar.

Apesar das tensionalidades e conflitos com as águas, o igarapé do Educandos tem um caráter utilitário que o constitui enquanto água-trabalho/água-caminho. Os catraieiros atravessam as águas para levar passageiros do Educandos a outras margens da cidade ou flutuantes dispostos no rio, assim como moradores do bairro já relataram fazer uso do serviço dos catraieiros, o que não é tão comum já que a ponte entre o Educandos e o Centro é via principal de conexão e mobilidade com outros pontos da cidade. Alguns moradores têm nas águas os espaços onde ancoram seus barcos ou canoas durante a cheia, deixando-as embaixo da casa ou junto às águas, dependendo do nível do rio (Figura 46).

Figura 46: barcos atracados junto as casas dos moradores nas palafitas.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Haviam moradores das palafitas que eram vendedores de peixe/pescadores ou faziam pequenos fretes com mercadorias, já outros eram donos de barcos que faziam transporte em quantidade relativa de pessoas a partir do Centro de Manaus, o que se torna uma ligação das casas com o rio, criando uma relação rua-beco-maromba-casa-barco. A casa então cresce tanto em função do beco para a cidade como para o rio, seja pelas janelas, pelas varandas ou portas ou pelos barcos que saem águas adentro. Essa face usual do rio em relação a outras percepções que a água possui, revela que o igarapé possui um caráter de movimento e não-estático, dando a água um caráter dinâmico:

Os deslocamentos, contendo movimentos e paradas, traduzem a relação do tempo com o espaço através dos lugares. Nos vários lugares, próprios dos moradores, se dá determinada experiência espacial que não se apresenta cristalizada, pretérita, mais dinâmica sempre em formação (D'ANTONA, 2000, p. 138).

Essas relações repercutem na relação existencial e na construção da identidade dessas pessoas já que tem suas vidas viradas para as águas e em razão delas. O trânsito e o trabalho nas águas se insere em um tipo específico de atividades, sobretudo quando se dão em contextos urbanos em que há também uma produção do território e dinâmica da cidade pelas águas:

A oposição mar x terra por eles estabelecida ganha um sentido particular, não só no plano imaginário, mas em sua vida concreta, demarcando sua atividade em relação a outras dominantes no meio urbano-industrial (CUNHA, 2000, p. 109).

Apesar das imagens evocativas dos igarapés como em vias de desaparecimento ou espaços de águas paradas e de espaço de coisas sujas e mortas, a atenção e apreensão dos moradores que crescem voltados para o rio ou que trabalham ou passam por ele revela múltiplas imagens das águas em seu movimento. Força, cor, estado, morada de seres e objetos e espaços, parte de um mundo que dá sentido as identidades de quem nele e por ele vive:

As águas não estão mortas devido as suas condições, ao contrário, possuem vida que mostra diferentes faces na cheia e na vazante dos rios. Portanto, para além de um espaço poluído, os igarapés carregam muitos sentidos para aqueles que convivem diretamente nas suas margens e leitos (CALDERIPE, 2017, p. 236).

Na mídia é possível acompanhar o registro de alguns casos que refletem o impacto da subida das águas na vida dos moradores. Adultos e crianças tem sua rotina alterada. Com a pandemia ao longo dos anos de 2020 e 2021 a secretária de Educação do Estado do Amazonas suspendeu suas aulas em diversos momentos optando por um

ensino remoto⁴⁸. Entretanto, as crianças que moram em áreas alagadas, sem acesso a sala de aula, enfrentaram dificuldades em acompanhar as aulas, o que significa impacto negativo no aprendizado nos alunos⁴⁹.

As outras notícias apresentadas na mídia sobre a cheia na cidade fazem refletir experiências comuns de moradias que tem seus espaços tomados pelas águas ao longo das margens da cidade. No bairro da Compensa, a água adentrou a casa de uma moradora que reside perto de um rio e inundou os cômodos da casa, sendo que se deparou com peixes em seu banheiro trazidos pelas águas do rio⁵⁰ (Figura 47).

Figura 47: Peixes no banheiro inundado de moradora em bairro de Manaus.



Foto: G1 AM, 2021.

Apesar da invasão da água ser tratada simbolicamente como uma desordem ao cotidiano, essa aproximação parece romper fronteiras entre dois domínios e homogeneizar espaços, de modo que os peixes que tem sua casa ecológica nos rios tomam a casa humana no movimento de inundação, de modo que no romper dessas

⁴⁸ SEIXAS, Rafael. **Aulas em escolas estaduais em Manaus estão suspensas por causa do coronavírus**. Acrítica, 2020. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/aulas-em-escolas-estaduais-em-manaus-estao-suspensas-por-causa-do-coronavirus>>.

⁴⁹ G1 AM. **No AM, crianças que vivem em áreas afetadas pela cheia tem mais dificuldade para estudar**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/edicao/2021/03/03/videos-veja-tudo-sobre-cheia-no-amazonas.ghtml>>.

⁵⁰ G1 AM. **Peixes invadem casa de Manaus atingida pela cheia do Rio Negro**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/05/25/peixes-invadem-casa-de-manaus-atingida-pela-cheia-do-rio-negro.ghtml>>. Acesso em 28 ago. 2021.

fronteiras entre domínio terrestre e aquático, não se sabe bem aonde é o rio e aonde é a casa.

Alguns dos moradores mais antigos afirmaram que antes o rio não alagava tanto. Dona Ana, que mora no local a 63 anos, afirmou que a água chegava apenas no limite da encosta do bairro, ou seja, no nível do chão de sua casa ou um pouco mais abaixo. Para a moradora, a cheia severa que atingiu as casas foi resultado das intervenções realizadas “subindo o igarapé”, o que aumentaria a vazão da água para a foz do Educandos. Esta é uma hipótese plausível, já que os igarapés da cidade de Manaus sofrem naturalmente com o efeito de barramento hidráulico⁵¹ por serem afluentes do rio Negro.

As condições dos igarapés provocam certo clima de insegurança com o próximo ano. Um fato que foi observado pelos moradores no local, é que as águas já se encontravam em um nível maior que o normal ainda em dezembro. Dona Ana observou: “a água essa época ainda tá lá embaixo e agora já tá bem aqui quase chegando nos pés da casa, essa cheia vai ser maior”. Assim, as águas são objeto constante de vigilância e há um sentindo próprio dos moradores das medidas e níveis das águas pela experiência.

A prefeitura de Manaus percebeu a diferença no nível das águas e no dia três de janeiro de 2022, o prefeito da cidade se pronunciou acerca de medidas necessárias para enfrentar uma possível nova cheia história no ano de 2022⁵². O prefeito observou a necessidade de uma organização preventiva técnica frente a subida das águas:

Hoje, iniciamos um pacote de ações na cidade de Manaus. Ela vai ser contínua com a desobstrução de bueiros e galerias, já nos preparando para aquilo que se avizinha ser uma grande enchente. Estamos há mais de 2 metros de diferença do mesmo período do ano passado, ano que foi registrado a maior cheia da história. Isso causa preocupação, por isso, vamos fazer uma ação com todas as secretarias, pois a intenção é minimizar ao máximo os efeitos dessa enchente para a população da cidade de Manaus (David Almeida/Prefeito Manaus).

Neste sentindo é que as águas do rio aparecem enquanto uma ameaça à ordem da cidade, como um elemento que traz transtornos. Há no discurso do prefeito certo sentindo de proteção da população a partir de uma preparação técnica em receber a

⁵¹ SIQUEIRA, F. L.; FILIZOLA, N. **Estudo hidrológico do efeito de barramento hidráulico no rio Tarumã-Açu, Manaus-AM**. Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 22, n. 2, 2021. Disponível em: < http://www.lsie.unb.br/rbg/index.php/rbg/article/view/1752/pdf_8>. Acesso em 25 jan. 2021.

⁵² SECOM. **Prefeitura de Manaus lança pacote de ações preventivas em combate a cheia de 2022**. Prefeitura de Manaus, 2022. Disponível em: < <https://www.manaus.am.gov.br/noticia/prefeitura-de-manaus-lanca-pacote-de-acoes-preventivas-em-combate-a-cheia-de-2022/>>.

águas do rio que adentram a cidade, como afirmou: “[...] vamos desassorear igarapés, fazer a limpeza dos bueiros, desentupir galerias para que essa água possa fluir da melhor maneira possível e assim não causar tantos transtornos” (David Almeida/Prefeito Manaus). A água que entra na cidade precisa passar por um processo de fruição, fazendo com que retorne ao rio ou que prejuízos sejam minimizados.

Essa forma não harmônica de conviver com o canal principal da cidade, resulta de um processo de urbanização que tem em si múltiplas contradições e que foi baseado em indiferença e desprezo pela condição natural de uma cidade entrecortada por igarapés.

As consequências de uma relação de desprezo às águas e produção desigual do espaço que resultou em casas ao longo de áreas úmidas, cria uma cidade que não apenas despreza as águas, mas que ao mesmo tempo também as teme como símbolo do caos, da tragédia e do qual os moradores precisam ser protegidos e a cidade preparada.

A habitação desses territórios úmidos faz com que haja uma produção simbólica acerca das experiências vividas com as águas, tendo como referência o cotidiano para se criar categorias com as quais os moradores ao descreverem suas experiências na cidade, criam representações sobre o elemento mais próximo com o qual convivem e o classificam: água-perigo, água-risco, água-suja, água-desordem, são abstrações simbólicas baseadas na experiência de quem vive a cheia lado a lado as águas nas casas de palafitas, parte de “uma lógica peculiar e sensível de apreensão e habitação dos espaços” (PEIXOTO e SILVEIRA, 2019, p. 2).

3.7 Significados múltiplos das águas: vazante

Os moradores das palafitas começam a perceber que a água se estagna a partir de junho, ou seja, ela não sobe mais. Aí tem início o período chamado de vazante, período de vazão das águas do rio Negro e rio Amazonas. O que faz com que as águas do igarapé do Educandos recuem. Da ponte do Educandos é possível perceber o nível das águas bem abaixo das palafitas, onde o igarapé fica reduzido ao leito central (Figura 48).

Com a baixa das águas ainda não vem um total alívio. É um momento em que aparecem os prejuízos. As madeiras das casas são afetadas por ficarem em contato com as águas, algumas mais velhas ficam podres e quebram, outras ficam moles e mais gastas, como afirmam os moradores, “as madeiras ficam estragadas”. É com o início da vazante que começa um período das reformas das casas, na medida em que cada um

consegue. Dona Ana me mostrou uma casa em que o dono ao invés de optar pela reforma, desmontou a casa para reconstruí-la, pelo seu estado crítico de estrutura (Figura 48).

Figura 48: Vista da ponte do Educandos na época da vazante, igarapé passa abaixo das casas.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 49: Palafita desmontada para reconstrução.



Foto: Matheus Areb, 2021

Na vazante, as águas do igarapé começam a se distanciar dos moradores e aparecem novos significados a respeito delas. Em um dos relatos de dona Ana, logo após o início da vazante, ela contou: “essa água quando baixa fica podre, ela apodrece, fica só o lodo” (Ana, 63 anos, Beco Ajuricaba). Isso acontece porque quando a água baixa vai deixando os resíduos que estavam em suspensão nela; o chamado lodo é. O lodo possui características como forte odor e cor escura. O lodo também foi encontrado no centro de Manaus, na área do terminal da Matriz quando as águas do rio Negro que inundaram as ruas baixaram, deixando-o espalhado pelas ruas (Figura 50).

Figura 50: Lodo aparecendo no centro de Manaus logo que as águas baixaram.



Foto: Matheus Areb

Na continuidade do baixar das águas, como o volume diminui progressivamente, as substâncias encontradas na água ficam concentradas, o que aumenta o odor por todos os lados. Os moradores precisam então conviver com uma água morta, a qual se referem como “água-podre” que seria a água da vazante, que possui elementos mal cheirosos, é escura, caudalosa, lamacenta, provocando nojo. Assim como já discutido, os dejetos domésticos e industriais despejados ao longo de todo o curso do rio ficam concentrados nas águas na época da vazante, constituindo o

odor que exala dessas águas que recuam. Esta é uma condição dos habitantes que moram ao longo das palafitas em áreas úmidas em Manaus, convivem com o forte cheiro que exala das águas. Esta condição do odor das águas mortas já foi constatada por outra antropóloga ao longo do curso da bacia do Educandos:

No igarapé da Avenida Manaus 2000, a existência de pouca água, como em outros igarapés poluídos da cidade, exala um mau cheiro extremamente forte que pude experimentar durante a entrevista. Nesse momento, percebi o quanto o que agentes públicos consideram como uma água quase morta, dada sua carga de contaminação por dejetos de várias naturezas, pode agir de forma tão violenta com aqueles que com ela convivem. Se para eles a intensidade dos odores talvez apresente graus diversos, para mim foi invasivo e quase insuportável permanecer ali respirando os gases que tomavam conta do ambiente (CALDERIPE, 2017, p. 230).

A vazante não traz apenas consigo o alívio depois de uma cheia. No processo de vazante, quando as águas começam a recuar a ponto de a terra aparecer abaixo da casa, começa uma “época de doença”, aonde é comum haver incidência de vômito e diarreia. Isso acontece pelo fato de morarem em uma área considerada úmida. Robson explica que quando se inicia esse momento de vazante, o terreno se transforma em um charco, e a evaporação da lama faz com que respirem aquelas substâncias que se encontram no lamaçal, trazendo as doenças. A manifestação desse estado só se encontrou perto daquelas casas que estão mais próximas do rio.

Ainda neste cenário da vazante, a disposição do terreno traz problemas. Sobre as estruturas das casas de palafitas, no desnível da vertente do leito que moram, aparece o perigo. O grande risco do local é com relação às crianças. Na época de vazante, quando o igarapé recua, o local transforma-se em um barranco, houve um caso da filha de um morador que caiu em direção ao rio na época da vazante, mas caiu em cima de duas garrafas fincadas ao chão, o que fez com que a criança sofresse apenas leves ferimentos não precisando ir a um pronto socorro. Conversando com Robson, vizinho do pai da criança, encarou o fato como “livramento de Deus”.

Durante a vazante, outra paisagem se forma no igarapé de Educandos. As águas baixam, os barcos recuam, alguns barcos encalham, a terra fica amostra, nasce mato ao longo do leito e o grande igarapé torna-se um pequeno filete de água. Na vazante as estruturas das palafitas ficam evidentes, grandes canaletas sustentam as casas longe do chão, elevando a moradia ao nível do bairro. Na medida em que a águas vão subindo, as canoas adentram o igarapé, quando é possível os flutuantes aparecem suspensos pelas águas novamente, revelando que o igarapé é espaço de inúmeros movimentos, usos e práticas. Mais significativo ainda com a volta do retorno das águas,

no igarapé do Educandos, são as pessoas que cruzam a pé do barco até a pequena porção de terra da rua Manoel Urbano (Figura 51). O igarapé é a vista também de quem mora, ao longo da margem direita de quem vem pela ponte do bairro do Centro, as casas apresentam varandas viradas para o rio, varandas com cadeiras, janelas abertas e até uma casa que tem um píer para o rio (Figura 52). Ainda no igarapé ao longo do muro da Manaus moderna na rua Av. Lourenço Braga no centro, escadas dão acesso dos barcos a rua possibilitando um trânsito rio-rua, evidenciando a ligação entre a cidade-rio (Figura 53)

Figura 51: À direita, porção de terra serve de passagem rio-rua



Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 52: Varandas e janelas das casas viradas para o rio.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Figura 53: Muro da Manaus moderna no centro com escadas de acesso ao rio.



Foto: Matheus Areb, 2021.

Assim, para os moradores dessa parte do bairro do Educandos, o rio está presente. É fluxo, movimento, violento, mas também permanência e moradia, parte da vida e parte das narrativas de quem experimenta a cidade a partir de outra perspectiva. O rio tem suas fases, movimentos, entre a cheia, a vazante e o repiquete, mas que apenas ganham significados pelo ponto de vista de quem vê e se relaciona com as águas. Esse ambiente fala das águas, nas marombas e nas palafitas, no interstício entre rio-cidade é que está o símbolo das águas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa dissertação foi compreender a relação com as águas a partir da percepção e vivência dos moradores das palafitas no bairro do Educandos em Manaus, enquanto formas classificatórias e relações estabelecidas com as áreas úmidas, além das sociabilidades presentes nesse contexto. O trabalho apresentou, na primeira parte, aspectos para entender a produção de uma postura de Manaus em relação às suas águas que pode ser pensada a partir de duas lógicas que coexistem na história recente da cidade. A primeira delas foi identificada no século XIX, quando a condição natural de uma cidade entrecortada por cursos d'água é tida como um entrave pelo modelo de urbanismo europeu que se impôs. Essa lógica perdura até os dias de hoje na produção de uma cidade que degrada suas águas, originada numa postura histórica do Estado de considerá-las espaço para o fluxo humano e de mercadorias. Esse modelo urbano em parte negou alguns igarapés (aterrando, escondendo, assoreando, canalizando). Na segunda lógica, quando não aterrados, os espaços de leitos se tornaram lugar da moradia a partir de muitas migrações ocasionadas pelos ciclos econômicos na região, pela busca de melhores condições de vida, de acesso a serviços e bens, ganhando status de espaços marginais de ocupação para aqueles que não têm onde habitar. A falta de condições de pagar pelo preço da terra e, ao mesmo tempo, a possibilidade de permanecer em áreas centrais da cidade de Manaus, levou a que as áreas úmidas, junto aos igarapés, se tornassem locais de moradia, espaço da vida e paisagem de seu cotidiano. Ao longo de algumas margens, o espaço das águas também é fluxo constante, objeto de sentido e meio de subsistência para pescadores e para navegantes, especialmente no centro/porto de Manaus. Além disso, há o uso enquanto espaços do lazer, no passado dentro da própria cidade e, atualmente, em leitos mais afastados do centro urbano ou mesmo em outros municípios.

O bairro de Educandos, assim como outros bairros de Manaus à margem dos rios, possui espaços e formas de relações com as águas: embarcações diversas em seus fluxos pelo rio, diferenciando-se pelos seus tipos/fins; uma orla criada para apreciação do Rio Negro que dispõe de bares e restaurantes; uma feira que funciona como ligação rio-cidade abastecendo de peixes os mercados da cidade; as casas de palafitas e os flutuantes de serviços que se estendem em frente ao bairro. Se, na forma, outros bairros também possuem esses espaços, se diferenciam os conteúdos e as relações entre os diferentes grupos sociais que os usam, constituindo sua especificidade. Chamo a

atenção para compreender esses bairros à margem dos rios, a partir da relação das pessoas com as águas e como constroem suas moradias voltadas para o rio. Em Educandos, a presença da feira da Panair (fornecedora de peixes para a cidade), a orla do Amarelinho e as casas de palafitas são áreas de conexão rio-cidade, reforçando a ideia de que as margens são lugares de interstícios entre dois domínios. A compreensão da vida no bairro ajuda a entender as relações de pertencimento que os moradores expressam como um bairro bem localizado e “perto de tudo” e que “tem tudo”, em referência a localização próxima ao bairro Centro e a sua própria área comercial na Av. Central.

Por meio de uma abordagem histórico-social busco compreender como tem acontecido a relação com as águas na cidade de Manaus, especialmente em áreas alagáveis, como nas palafitas que, nessa pesquisa, são consideradas como espaços sociais. O ambiente influencia no ritmo da vida e no conhecimento dos ciclos das águas como afirmam os moradores, entretanto, sua compreensão está além de sua própria área, quando falam das “sujeiras” que descem e vem com a chuva da parte de cima do rio. Considerar a bacia hidrográfica como espaço social como apontado pelos teóricos no primeiro capítulo é essencial para avaliar a condição dos moradores em contato com as águas. A bacia hidrográfica do Educandos é marcada por intensa ocupação ao longo de seus afluentes e recebe enorme quantidade de dejetos de domicílios e indústrias, o que nos leva a pensar na qualidade de água e no contato que os moradores do Educandos têm com elas em época de cheia, além do material que compõe as áreas de terra nesses espaços.

No segundo capítulo, discuto a construção da pesquisa a partir do contexto da pandemia da COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, um “imponderável” que se impôs para o desenvolvimento da pesquisa, fazendo com que estratégias fossem reformuladas e reflexões pudessem ser feitas. O contato, imprescindível para a etnografia, teve que ser ressignificado. Trago as ideias de campo como construção e experiência imprevista para pensar a pesquisa como momento de inúmeras situações que nos levam a reformulação do próprio trabalho. Aponto, na discussão, a experiência de se deixar levar pelo ritmo urbano e pela ideia de “pistas etnográficas” que nos levam por vezes para longe do local inicial da pesquisa, o que explica a mudança dos interlocutores do Porto para o bairro do Educandos, sobre o pressuposto da rua e o porto serem o espaço do movimento, passagem e comércio e a casa, espaço de autonomia e parada. A metodologia praticada foi a de buscar um olhar para a cidade a partir da perspectiva de

estar nas águas. Neste sentindo, minhas primeiras observações no bairro de Educandos se deram por barco, onde consegui perceber como o bairro se estendia para as águas desafiando os limites técnicos do Estado, ao mesmo tempo em que é possível perceber outra paisagem: o conjunto de casas de palafitas voltadas para o igarapé e escondidas das ruas. Outra cidade se revelou a partir da mudança de olhar.

As observações feitas ao longo das margens da zona sul da cidade de Manaus revelam que há um contato restrito da maioria da população com os terrenos das margens, pois pertencem a organizações militares ou a indústrias, ou seja, são terrenos que não podem ser acessados de forma livre. Poucos são os espaços de possibilidade de contato ou até mesmo vislumbre da paisagem para o rio na zona sul de Manaus. Entretanto, foi possível identificar que as águas ganham espaços representativos simbólicos desde o Porto da Ceasa até o bairro de Educandos por aqueles sujeitos que as acessam: rio-caminho, rio da indústria, rio das feras, rio industrial, rio-militar, rio-morada, rio-serviço e rio-terminal cargueiro. Isso revela que a cidade de Manaus se expande para as águas, pois diferentes serviços às têm como objeto de uso ou espaço usual para suas atividades, revelando e reforçando a relação intensa rio-cidade em Manaus.

Com um olhar voltado à subjetividade do antropólogo, discuto a ideia de campo a partir do desafio do contato, da adaptação e da experiência. No início do trabalho tentei manter a descrição e objetividade, posturas que não foram sustentadas por muito tempo já que os interlocutores também tiveram interesse sobre o antropólogo. Assim, fui aceito a partir do desenvolvimento da minha postura em escutá-los o máximo possível, em um acolhimento e adaptação gradual que dependia dos desafios que a quarentena e o distanciamento impunham. Nesse processo, chamo a atenção para algumas situações de campo que para mim representavam a ideia do perigo, como alguém que entrou em um mundo particular e familiar para quem nele vive e estranho para quem é de fora: ser observado, conseguir entrevistas entre os afazeres domésticos e as negociações em ser aceito em um lugar que não era de origem o meu. Nesse sentindo, penso a contribuição do capítulo como uma reflexão sobre a prática antropológica, a partir dos bastidores. As situações imprevistas, quando expressadas e refletidas, revelam que a pesquisa não é linear, mas marcada por situações que nos deixam errantes. Toda essa reflexão é guia para entender o campo como construção gradual, com estratégias que são construídas na interface da teoria e da prática.

Ao longo do capítulo três, discuto como os chamados becos são categorias intrínsecas para pensar as áreas de palafitas. Becos não são apenas categorias espaciais, pois mostram as relações sociais desenvolvidas entre rua e palafita. Nesse interstício, o beco não apenas funciona como passagem, é também local de moradia e convivência, transformando-se em espaço familiar, onde há a criação de um espaço público-privado.

As marombas revelam a especificidade de habitar em palafitas, experiência diferente de quem mora nas ruas e grandes avenidas. Marombas, enquanto técnicas da possibilidade do ir e vir entre beco-palafita, revelam um conjunto-suporte para o movimento. Marombas requerem reparos constantes, assim como as casas, poucos reparos significam que a maromba passa da possibilidade de trânsito para o perigo, cair, se furar e machucar mostram a dualidade desse meio técnico que, na vazante, se encontra por entre as casas e na cheia as adentra, substituindo o chão.

Acerca das relações de vizinhança, é necessário ir para além do estigma de um lugar perigoso, como são encarados por vezes esses espaços. Percebi que são lugares de intensa sociabilidade e familiaridade através das relações de proximidade e vizinhança. Para além das palafitas, a vizinhança e a rede de conhecidos se estende para o bairro, reforçando os laços com o local, entretanto, é a partir da experiência comum de proximidade das águas e experiências vividas que se reconhecem enquanto iguais.

Os dois becos possuem ritmos próprios o que repercute na ambiência e nas formas de interação entre os moradores: o beco Corinthians, possui menos moradores, muitas casas ficam fechadas durante a maior parte do dia porque seus moradores saem para trabalhar, o que gera um fluxo menor de pessoas pelo beco. A mudança se dá durante o fim de semana, mais pessoas em casa, trânsito maior pelo beco, é possível ouvir músicas e conversas dentro das casas, assim como moradores que vem e vão com compras, entretanto, a intensidade de relações se dá através dos vizinhos que tem suas casas ao longo da maromba do beco, repercutindo uma proximidade criada por relações de afeto construídas por ajuda mútua. Outras importantes manifestações de proximidade são reuniões religiosas, aniversários, e refeições feitas nas casas dos vizinhos. No beco Ajuricaba há uma maior presença dos atos de reconhecimento, conversas na beira da porta, entre os becos e marombas e as saudações e acenos, o que se dá pela maior concentração de casas e pessoas e pelo fato do beco estar ligado a outros becos.

Chamo atenção para as formas classificatórias com as quais os moradores das palafitas percebem as águas. As narrativas dos interlocutores sobre suas relações com o canal fluvial revelam a multiplicidade simbólica das águas do Igarapé do Educandos. As

imagens que as águas do igarapé refletem são: água-perigo, água-risco, água-suja, água-violenta, água-desordem e água-caminho-trabalho.

Essas formas simbólicas são produto da experiência a partir de um ponto da cidade em contato com as águas e de uma população específica: a água é perigosa por conter bichos peçonhentos ou talvez predadores e a própria ideia de animais desconhecidos. Deve-se manter o cuidado, pois ela é água-risco, trazendo o perigo do afogamento e morte. É também suja, pois carrega o lixo e o odor. Pode arrebentar as casas por ser uma água-violenta, alterando o cotidiano. Ao mesmo tempo, os moradores ancoram seus barcos no igarapé, ligando o rio à casa, além das águas serem objeto de contemplação da paisagem, trazendo a ideia de um “lugar tranquilo”. Esse jogo de percepções se faz de modo contextual entre cheia, vazante e as práticas dos moradores nas diversas circunstâncias.

Devido às dificuldades de risco ao corpo e porque a água traz um adoecimento e preocupação constante, muitos objetivam sair do local dando preferência para morar logo na rua acima ou continuar no bairro bem perto de suas atuais moradias. O apego ao bairro por considerar o local “bom pra morar” envolve questões de deslocamento, serviços e proximidade com conhecidos, revelando que o habitar leva em consideração diferentes ordens da vida.

A pesquisa, na área das palafitas, revelou a singularidade de uma das formas de habitação na cidade de Manaus, sendo que a vida de quem mora nessas condições é marcada, durante todo o ano, pelo desenvolvimento de estratégias que mostram a luta em continuar habitando entre vazante e cheia. As imagens-relações identificadas através das águas do igarapé do Educandos ocorreram a partir de espaços aquáticos como habitação, revelando que a cidade de Manaus se expande para as águas. Os moradores devem ser acompanhados através de uma postura “de perto e de dentro” para entender suas experiências a partir de uma necessidade real que considere seus sentidos, vivências e experiências. O estudo sobre as relações entre a cidade de Manaus e suas águas revela mais do que apenas um cenário e uma paisagem, ou dicotomias rígidas, ou um simples “virar de costas” para as águas.

A cidade de Manaus nasceu e ainda vive em estreita relação com suas águas através dos interstícios entre rio-cidade e de estratégias que possibilitam morar sobre as águas e/ou ter acesso a elas, como se vê no bairro do Educandos e seu igarapé e no bairro Centro de Manaus, ao longo do Rio Negro e do porto. Deste modo, ao se olhar para as águas de Manaus, elas falam mais sobre a cidade do que sobre si mesmas.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011. 213 pp.

ALMEIDA, A. P. **Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB**. *Ponto Urbe* [Online], 9, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/287>>. Acesso em 12 dez. 2022.

ALVES, J. F. de L. **“Segura na mão de Deus e vai...”**: etnografia dos rituais de despedida na cultura fúnebre do Crato-CE/Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFPB, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14821?locale=pt_BR>. Acesso em: 8 set. 2021.

ARANTES, Antônio A. **A guerra dos lugares**: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. *Revista do IPHAN*, n° 23, 1994, p. 191-203.

ASSAD, Leonor. **Cidades nascem abraçadas a seus rios, mas lhes viram as costas no crescimento**. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 65, n. 2, p. 06-09, Jun. 201. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Fev. 2022.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria [tradução de Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARTOLI, E. **Apropriação da terra urbana na cidade de Manaus: a natureza loteada no bairro Tarumã**. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, Ed. Esp. Cidades na Amazônia Brasileira, 2011. pp.49-69. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/actageo/article/download>>. Acesso em 05 set. 2021.

BRANDÃO, C. R. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. *Sociedade E Cultura*, 10(1). 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>>. Acesso em 11 Jan. 22.

CALDERIPE, M. R. F. **A água só falta falar**: memória, patrimônio ambiental e transformações na ocupação de áreas úmidas na cidade de Manaus, AM. In: MONTARDO, D. L. O; CALDERIPE, M. R. F. (Orgs.). **Saberes e ciência plural**: diálogos e interculturalidade em Antropologia. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2017.

CEPA, **Balbina, a hidrelétrica que não deu certo**. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada, USP, 1999. Disponível em: <<http://www.cepae.usp.br/energia/energia1999/Grupo2B/Hidraulica/balbina.htm>>. Acesso em: 5 de mai. de 2021.

CORRÊA, S. A. L. **A reprodução do Estigma:** sobre um (des) conhecido "lugar perigoso" da periferia de Manaus. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFAM, 2017. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7578>>. Acesso em: 1 mai. 2021.

COSTA, C. H. da. **Símbolo, complexo e mito:** o mistério Bachelard. ALEA, Rio de Janeiro, vol. 20/3, p. 75-95, set-dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alea/a/x8MFvbgNKyyDMqRZHrRcfmy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CRAPANZANO, Vicent. **Diálogo.** In: Anuário Antropológico. 188. Brasília DF: Editora Universidade de Brasília, 1991^a.

CUNHA, L. H. de O. Significados múltiplos das águas. In: DÍEGUES, A. C. (org.). **A imagem das águas.** São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000. p. 15-27.

D'ANTONA, A. de O. Tempos e lugares nos lençóis maranhenses: considerações sobre o modo de vida de comunidades residentes junto a um parque nacional. In: DÍEGUES, A. C. (org.). **A imagem das águas.** São Paulo: Hucitec, NAPPHAUB/USP, 2000.

DEVOS, R. V; SOARES, A. P. M; ROCHA, A. L. C. **Habitantes do Arroio:** memória ambiental das águas urbanas. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 51-64, jul./dez. 2010. Editora UFPR. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/17596/13505>>. Acesso em 05 mai. 2020.

DEVOS, Rafael. **A baía de todas as águas.** Iluminuras, Porto Alegre, v. 11, 2010.

DEVOS, Rafael; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Habitantes do Arroio:** imagens para uma cosmografia das águas urbanas. In: ENCONTRO ANUAL DA AMPOCS, 34. 25-29 out. 2010. Caxambu-MG. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/34_encontro_mr/MR04/devos.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014. (a)

DOUGLAS, M. **Purity and danger:** na analysis of concepts of pollution and taboo. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

DOUGLAS, M. & WILDAVSKY, A. **Risk and culture** – an essay on the selection of technological and environmental dangers. Berkley: University of California Press, 1983.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005. 197 p.

FAVRET-SAADA, J. **Ser afetado.** Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de Campo, n. 13, 2005.

FERNANDES, V. R. **Impactos socioambientais causados pelas cheias excepcionais do Rio Negro em Manaus-AM ocorridas entre 1950 a 2015.** Dissertação (Mestrado em Geografia) UFAM, 2016. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5771/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20>-

%20Valdemir%20R.%20Fernandes.pdf>. Acesso em: 5 set. 2021.

FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendado máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 77-86.

FREIRE, J. R. B. Barés, Manaós e Tarumãs. In: PINHEIRO, G. S. P. **História em novos cenários**. Amazônia em cadernos N° 2/3, 1994.

FROTA, K. P. P. Igarapé do Quarenta: **A reprodução do espaço e seus agentes sociais**. Somanlu, ano 13, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/article/download>>. Acesso em 12 dez. 2021.

FRÚGOLI JR, H. **A casa e a rua em tempos de COVID**. Horiz. Antropol., Porto Alegre, ano 26, n. 58, 2020. p. 481-507. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/LFRsfSsVQ8bL5nzTvrCsZHp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 23 mai. 2021.

FRÚGOLI JR. H. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GEERTZ, C. **O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 2013.

GREGORIO, D. K. **Sobre as águas da Amazônia: Habitação e cultura ribeirinha**. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) FAUUSP-USP, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2021/04/2019_sobre_as_aguas_da_amazonia_DanielleGregorio.pdf>. Acesso em: 8 set. 2021.

GROEBE, C. M. P. **Manaus e seus Igarapés: A construção da cidade e suas representações (1880-1915)**. Dissertação (Mestrado em História) UFAM, 2014. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4048>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

GROSSI, M. P. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: **Repensando o trabalho de campo a partir da subjetividade do(a) antropólogo(a)**. UFSC, 1992.

IRIBARREM, C. G; CALDERIPE, M. R. F. R. **Percursos, imagens e sentidos: etnografando os modelos insurgentes de habitar a cidade em Manaus**. 32° RBA, 2020. Disponível em: <<https://www.32rba.abant.org.br/downloadpublic>>. Acesso em 20 out. 2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

LEITE, E. F. **O porto e a cidade**. Costura urbana no centro fundador de Manaus. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – UFSC, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/197097>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976

LIMA, M. C. de. **A Cidade, o urbano e o rio na Amazônia**. Revista ACTA Geográfica, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.107-117. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/actageo/article/download>>. Acesso em 04 nov. 2021.

MACHADO, A. L. S.; ZANETI, I. C. B. B.; HIGUCHI, M. I. G. **A degradação Dos Cursos hídricos Urbanos**: Uma Abordagem Sobre gestão E educação Ambiental. Rev. Ibe. Est. Ed. 2019, 14, 1124-1138. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11416>>. Acesso em 02 nov. 2021.

MAGNANI, J. G. C. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

MAGNANI, J. G. C. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. ScieloBrasil: Tempo social, 2003, p. 81-95.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C; TORRES, L. de L. (orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. 3 ed. São Paulo: FAPESP, 2008.

MALIGHETTI, R. **Etnografia e trabalho de campo**: autor, autoridade e autorização de discursos. Revista Pós Ciências Sociais, v.1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicoelectronico.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/202>>. Acesso em: 13 Jan. 2022.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril Cultural, Pensadores, Ática, 1976.

MELLO, L de. **Etnografia no bairro Navegantes (Porto Alegre-RS)**: transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14380?show=full>>. Acesso em: 24 Ago. 2021.

MENECHINI, M. E. F. **A construção de uma nova etiqueta urbana e ambiental**: um estudo etnográfico do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM). 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

MONTOIA, Gustavo Rodrigo Milaré; DA COSTA, Sandra Maria Fonseca. **O ribeirurbano e as cidades da Amazônia**: a construção de uma antropogeografia. Novos Cadernos NAEA, [S.l.], v. 22, n. 2, set. 2019. ISSN 2179-7536. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/6547>>. Acesso em: 02 set. 2021.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, E. M. D. do. et al. **Balneários de Manaus**: identidade e subjetividade de um povo. III Congresso Pan-Amazônico de História Oral, CESP-UEA, 2015. Disponível em: <<https://www.norte2015.historiaoral.org.br>> anais>. Acesso em 5 set. 2021. Acesso em 03 nov. 2021.

NOGUEIRA, R. J. B. **O banho de rio**: um mergulho na tradição amazônica. Rev. Cofins, n° 53, 2021. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cofins/44074>>. Acesso em: 02 jan. 2022.

OLIVEIRA, H. de S. **Vida cotidiana e ambiente na beira-rio de Educandos, Manaus-AM**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia) UFAM, 2007. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede>>. Acesso em 02 ago. 2021.

OLIVEIRA, J. A. de. Manaus de 1920-1967: **a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Editora Valer/EDUA, 2003.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **A cultura, as cidades e os rios na Amazônia**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 58, n. 3, p. 27-29, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2021.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na selva**. Manaus: VALER, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1180>>. Acesso em 02 mai. 2020.

PACHECO, João Batista. **Conceito geográfico de bairro**: uma aplicação à questão do Sítio Campinas/Basa e da Ilhinha. Revista de Políticas Públicas, v. 5, n. 1, p. 90-104, jan./dez. 2001. Disponível em: <http://www.revistapoliticaspublicas.ufma.br/site/capas_detalhes.php?id=9>. Acesso em: 02 out. 2021.

PARK, Robert Erza. A Cidade: sugestões para a investigações do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. pp- 25-66

PEIRANO, Mariza. “**Etnografia, ou a teoria vivida**”. PontoUrbe, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>>. Acesso em: 09 jul. 2021

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 13 jul. 2021.

PEIXOTO, L. B. L., SILVEIRA, F. L. A da. **Da água, a palavra:** uma reflexão sobre as relações entre cidade e cursos d'água em Salvaterra a partir da memória de seus habitantes. Ponto Urbe [En línea], n° 34, 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/6362>>. Acesso em: 12 out. 2019.

PEREIRA, E.F.; TEIXEIRA, C.S. & SANTOS, A. **Qualidade de vida:** abordagens, conceitos e avaliação. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/4jdhpVLrvjx7hwshPf8FWPC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 27 jan. 2022. pp. 241-250

PEREIRA, M. F; SILVA, M. A. dos S; BARROS, T. D. **Palafitas de Manaus:** relações entre natureza e cultura no espaço da cidade. Somanlu – revista de estudos amazônicos, v. 11 n. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/520>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

QUEIROZ, M. S. de; NETO, A. G. T. **A influência dos Rios Negro e Solimões nas comunidades rurais ribeirinhas no município de Iranduba – Amazonas.** XVIII Simpósio de Geografia Física Aplicada, UFC, 2019. Disponível em: <<http://www.editora.ufc.br/images/imagens/pdf/geografia-fisica-e-as-mudancas-globais/441.pdf>>. Acesso em 8 set. 2021.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. **A arte de narrar as (nas) cidades:** etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. Revista Hawó, 2020, v. 1. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/hawo/article/view/63521>>. Acesso em 23 dez. 2021.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica.** Revista de Antropologia, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 107-136, 1998. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/133430>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornélia. **Etnografia de rua:** Estudo de antropologia urbana. Porto Alegre: Iluminuras, v. 4, n. 7, p. 3-25. PPGAS/UFRGS, 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160/5258>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornélia. **Cidade narrada, tempo vivido:** estudos de etnografias da duração. Revista Rua: Campinas, n°16, vol. 1, jun. 2010.

RODRIGUES, Heloisa de Almeida Fernandes. **Alimentação como fonte de sociabilidade e de hospitalidade.** In: SINAIIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 85 – 100. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/5853>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

RODRIGUES, I. C. **Vem do bairro do Jurunas:** sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA. 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/875>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

SCHWADE, E. **Poder do “sujeito”, poder do “objeto”**. In: GROSSI, M. P. (org.). Trabalho de campo e subjetividade. PPGAS/UFSC, 1992.

SAHLINS, M. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica**: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). MANA 3(1):41-73, 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/4xFgqqMPbXLHGc8xkfXBCVH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 07 ago. 2021.

SAKAI, D. I. S; FROTA, I. A. D. **Águas Urbanas**: Caminhos Para um Resgate. APPURBANA, UFPA, 2014. Disponível em: <<http://anpur.org.br/app-urbana-2014/anais/ARQUIVOS/GT1-162-30-20140707141953.pdf>>. Acesso em 7 set. 2021.

SAUTCHUK, C. E. **Gestos, águas e palavras na pesca amazônica**. Anuário Antropológico, 36(2), 2011, pp. 83–105. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6961>>. Acesso em 10 out. 2019.

SEPLAN-CTI. **Densidade demográfica e população estimada por bairro Manaus-AM** 2015. Governo do Estado do Amazonas, 2015. Disponível em: <http://www.selecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Mapa_da_popula%C3%A7%C3%A3o_por_bairro_de_Manau s.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL (CPRM). **Boletim de Monitoramento Hidrometeorológico da Amazônia Ocidental**. Boletim nº 28, DHT, 2021. Disponível em: <https://www.cprm.gov.br/sace/boletins/Amazonas/20210716_15-20210716%20-%20150908.pdf>. Acesso em: 8 set. 2021.

SILVA, J. G. da Rocha. **Os canoeiros no ambiente urbano-fluvial**: entre o porto da Ceasa e Careiro da várzea. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente em Sustentabilidade na Amazônia), UFAM, 2010. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/>>. Acesso em: 5 set. 2021.

SILVAa, M. B. da. **Análise dos níveis de metais potencialmente tóxicos e análise microbiológica nas águas da bacia do Educandos (Manaus - Am)**. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia e Recursos Naturais.) ESA-UEA, 2010. Disponível em: <<https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/18-10.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2021.

SILVA, V. de P. da; **O bairro na pequena cidade: para além da identidade, o conflito**. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 28, p. 26-43, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/16483/16428>>. Acesso em: 15 set. 2021.

SIMMAS, Jorge de Lima. **Análise morfoestrutural da região da cidade de Manaus (AM)**. Dissertação (Mestrado em Geociências) Universidade Federal do Amazonas,

2008. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3260>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 13- 28.

SILVA, P. R. **Propondo o alisamento do espaço**: disputas em torno da “Manaus moderna”. Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 215 - 254. jan./abr. 2016. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/journal/3381/338146824009/html/>>. Acesso em 5 set. 2021.

SILVA, V. G. **Nos bastidores da pesquisa de campo**. Cadernos de Campo USP, 1998. pp. 239-242. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52622>>. Acesso em: 11 Jan. 22.

SILVA, V. de P. **O bairro na pequena cidade: para além da identidade, o conflito**. Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 28, p. 26-43, 2016. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/16483/16428#:~:text=O%20morador%20se%20identifica%20com,o%20de%20fora%2C%20o%20estranho.>>. Acesso em: 03 out. 2021.

SOUZA, R. R. de. **Parque Rio Negro**: a reorganização do espaço urbano na orla do bairro de São Raimundo, aliando o lazer, sociabilidade e o turismo. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) UEA, Manaus, 2018.

SOUSA, V. C. de. **Da praia ao parque**: o ressignificado das paisagens da Ponta Negra - Manaus/AM. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFAM, 2015a. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5245>>. Acesso em 5 set. 2021.

SOUSA, V. C. de. **Paisagem e lugar**: a percepção dos comerciantes da praia da ponta negra, manaus, amazonas, brasil. Geosaberes, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 621 - 628, july 2015b. ISSN 2178-0463. Available at: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/506>>. Acesso em 5 set. 2021.

TAMBUCCI B. Y. **Rio a fora, cidade a dentro**: transporte fluvial e modos de viver no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) – USP, 2014. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14052015-133143/pt-br.php>>. Acesso em 12 abr. 2021.

TORREZANI, É. et al. **Índice de geoacumulação de mercúrio na bacia do igarapé do Educandos (Manaus/Amazonas)**. Journal of Chemical Engineering and Chemistry - Vol. 02 N. 03 (2016) 161-170. Disponível em: <[https://periodicos.ufv.br/jcec](https://periodicos.ufv.br/jcec/view)>view>. Acesso em: 8 set. 2021.

TRINDADE JR., S. C.; SANTOS, E. R. C.; RAVENA, N. **A cidade e o rio:** espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JR, S. C.; SILVA, M. A. P. (Orgs.). Belém: a cidade e o rio na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2005. pp.12-43.

TUCCI, C. E. M. **Águas urbanas.** Estudos Avançados, [S. l.], v. 22, n. 63, p. 97-112, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10295>. Acesso em: 7 set. 2021.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana:** um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 6º ed. 2002.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta:** as organizações populares e o significado da pobreza. Editora brasiliense, 2º edição, 1994.

ZEIDEMANN, Vivian K. O Rio das águas Negras. In: OLIVEIRA, A. A.; DALY, D. (orgs.). **Florestas do Rio Negro.** São Paulo: Companhia da Letras: UNIP, 2001.

WAGLEY, C. **Uma comunidade Amazônica.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WEISS DE JESUS, F. **Uma antropóloga em campo:** reflexões sobre observação participante e subjetividades na etnografia. Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais. Nº 7, 2013. pp. 276-310.

ANEXOS

ANEXO 1 – Roteiro de entrevista

1. A cheia de 2021 foi diferente da cheia de 2020?
2. Como sua casa foi construída?
3. Como/quando veio morar aqui?
4. Qual risco de morar aqui?
5. Aqui tem uma infraestrutura boa pra morar na sua opinião?
6. Aqui é perigoso?
7. Como você tem acesso a água potável e energia?
8. Como é na época da chuva?
9. Quais os problemas da cheia?
10. Como é a relação com os vizinhos?
11. Quem compra as madeiras das marombas?